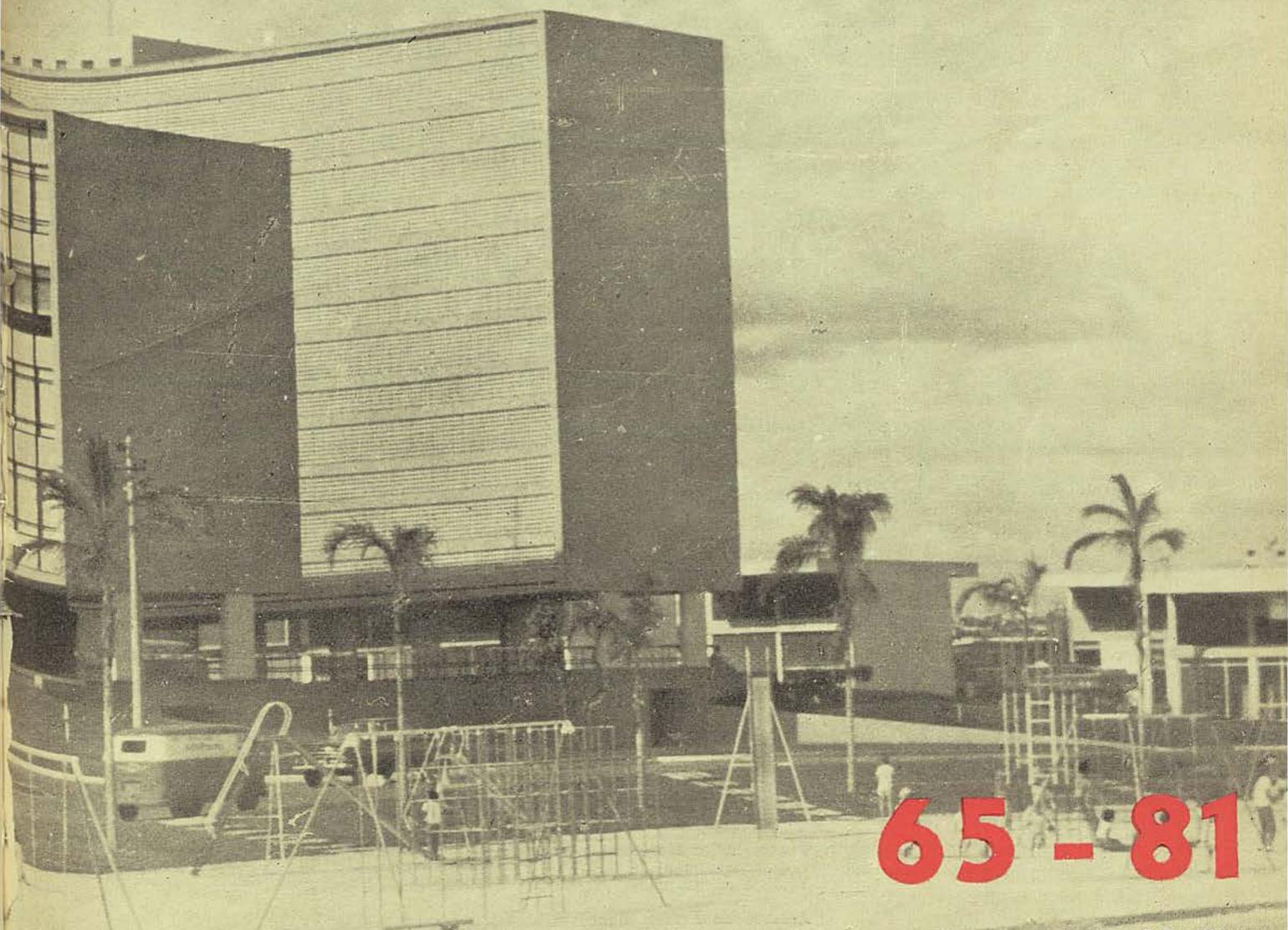


brasil



65 - 81

VISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, Novacap (Criada pela lei N.º 2 874, de 19 de setembro de 1956).
Sede: Brasília. Escritório no Rio: Avenida Almirante Barroso, 54 - 18.º andar.

DIRETORIA

Presidente

Francisco de Paula Marques Lopes

Diretores

Humberto de Paula Antunes

Frank Robert Ballalai May

José Passos Pôrto

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Francisco de Paula Marques Lopes

Conselheiros

José Martins de Britto

Lauro Pereira Rodrigues

Luiz Fernando de Oliveira Freire

Paulo Baeta Neves

Sylvio Piza Pedroza

Félix Vieira de Almeida

Suplentes

Clenício da Silva Duarte

Josué Guimarães

Edilson Cid Varela

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Armando Lages

Herbert Moses

Francisco Monteiro de Almeida Filho

Suplentes

Themístocles Barcellos

Vicente Assumpção

Alberto de Freitas Santos

UM PASSO EM FRENTE

Quando se comemora o primeiro aniversário de administração do Sr. Ivo de Magalhães como Prefeito do Distrito Federal — data que transcorre a 2 de setembro em curso — logo se faz menção às dificuldades que tiveram de ser contornadas até que se obtivesse êxito. Evidentemente, a sorte do Poder Civil expunha-se a riscos tanto mais porque a vigência de um regime político híbrido, imposto em circunstâncias passionais, viera alterar a situação do País, gerando conseqüências danosas ao próprio equilíbrio da nacionalidade. É óbvio que a Prefeitura Municipal de Brasília, como cidade em que se instala a máquina federal, sofreria a incidência direta de todo êsse fato. O Governo Central arrosou tumultos inevitáveis, mas as energias cívicas foram, necessariamente, capazes de permitir o restabelecimento virtual da ordem democrática.

O engenheiro Ivo de Magalhães, como delegado do Presidente da República junto à sede da União, sentiu e interpretou a gravidade do momento, mas nem por isso se omitiu em face das circunstâncias imperantes. Manteve-se atento diante do quadro em que nos encontramos, na qualidade de agudo supervisor de problemas que afligiam a capital brasileira. Note-se, ademais, que administrações anteriores legaram considerável passivo à gestão Ivo de Magalhães. S. Exa., como é natural depreender, não se absteve a cumprir os deveres que a ocasião lhe impunha.

Os analistas de geo-política entendem que Brasília jamais poderia ser depreciada como instrumento de integração nacional. Não é uma cidade a mais, no panorama urbano do País, nem se fixou nos termos de um episódio arquitetônico isolado. Tampouco caracterizou-se — e só — como inspiração notável de um artista. Antes de mais nada, Brasília encarna a vida continental, nas manifestações luminosas do amanhã. É a interpretação agressiva da alma cabocla que desperta do sono secular, a exigir a reformulação dêste “modus-vivendi”, do que resultou a estagnação de mais de 5 milhões de quilômetros quadrados, on-

de, até há pouco, apenas o desencanto e a decepção vicejaram.

O esquema de contenção dos gastos públicos identificou, realmente, as atividades de um Governo que tem empreendido ingente esforço, objetivando o reequilíbrio do erário. Mas é oportuno aludir que o Presidente João Goulart mesmo diante desta circunstância — manifestou claras simpatias por Brasília, incorporando-a à pauta das providências prioritárias de Governo. Graças a tal comportamento, que é, meridianamente, cívico, o Executivo Federal pôs à disposição da NOVACAP cerca de 18 bilhões de cruzeiros, para liberação em 9 parcelas mensais. Com esta soma, tomou alento a Municipalidade, o que lhe facultou o desdobramento das obras que se mantiveram em compasso de espera, embora se considere que outros compromissos, atinentes à remuneração de funcionalismo, tivessem de ser resgatados à conta dêsses recursos.

Ambas as Casas do Congresso Nacional, por seu turno, têm prestado relevante cooperação à causa de Brasília, mediante a adoção de medidas caracterizadamente úteis à consolidação da Capital da República.

O Tribunal de Contas, de seu lado, tem agido sempre com a melhor boa vontade no trato dos problemas que lhe são levados, facilitando, assim, a condução do pesado encargo de administrar a cidade.

Por igual, o Poder Judiciário não pode ser esquecido nesta nossa citação, pois também tem deixado a marca do seu interesse pela mesma causa.

O Prefeito Ivo de Magalhães não acredita, unicamente, à sua pessoa, todo o preço dêste êxito, porque o sucesso obtido envolve uma equipe inteira que converteu o trabalho em apostolado, a fazer de uma luta o esforço válido que leva os homens à consagração lúcida do povo. A revista BRASÍLIA, que reflete as ânsias de grandeza do Planalto Central, une-se à opinião pública, num gesto de sincera homenagem à Administração Ivo de Magalhães.



O PODER EXECUTIVO NA CONSOLIDAÇÃO DE BRASÍLIA

O Presidente da República, dr. João Goulart, tem mostrado grande empenho na consolidação de Brasília como centro das mais altas decisões nacionais. Colocando à disposição da Prefeitura do Distrito Federal e da NOVACAP os recursos que lhe têm sido possíveis à complementação das obras da Capital da República, o Chefe do Governo tem ressaltado a importância que a consolidação de Brasília significa para a administração do país. Incentivando a transferência de órgãos cujas sedes ainda se localizam fora do Planalto Central; determinando providências para que a grande coletividade do funcionalismo tenha, em Brasília, condições condignas de vida e atividade, o

Chefe da Nação demonstra seu empenho em que Brasília seja a Capital da República na verdadeira acepção da palavra: capital administrativa, política, social e cultural do Brasil. E a bandeira que Sua Excia. ajudou a empunhar, em 1957, quando vice-presidente da República, continua em suas mãos, agora com o sr. João Goulart à frente dos destinos do Brasil. Brasília, até 1966, dará novos passos decisivos na estrada da sua consolidação. E muito ficará devendo ao Chefe do Governo, que, em nenhum instante deixou de velar pela melhoria das condições de Brasília e de seus habitantes, desde os mais altos funcionários, até os mais humildes candangos.

MENSAGEM DO PREFEITO



A irreversibilidade de Brasília é hoje um fato consumado. E essa irreversibilidade é assegurada, com ênfase, pelas autoridades responsáveis que, mesmo reconhecendo as dificuldades que sacodem o País, motivadas, principalmente, pela ânsia incontida de progresso e de desenvolvimento, apóiam e defendem a concretização da Nova Capital.

Injusto seria atribuir-se culpas quando existe o reconhecimento de que o ritmo inicial não pode ser acompanhado, uma vez que outros problemas nacionais, mais prementes, reclamam do governo federal atenção mais imediata. Mesmo assim Brasília orgulha-se de que o seu crescimento é ímpar e que apesar de tôdas as dificuldades ela se humaniza, ela se torna o epicentro da vida nacional, ela continua merecendo a atenção internacional, ela vive e trabalha dentro de um espírito nacional que deseja e quer transformar nosso Brasil naquele futuro magnificamente previsto por Stefan Zweig.

Responsável direto por uma das fases da evolução de Brasília, tenho hoje o orgulho que terei sempre de afirmar que participei da responsabilidade de sua concretização. Revendo hoje os 365 dias transcorridos na direção do governo do Distrito Federal posso afirmar que graças ao apoio que minha administração recebeu, todos os órgãos assistenciais, sem exceção, tiveram sua capacidade duplicada, quando não foram difundidos em número maior. Dia e noite, a preocupação constante tem sido e vem sendo a transformação dos esboços de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, em radiosa realidade.

Em todos os campos, em todos os pontos, Brasília se agiganta. Escolas são construídas de acôrdo com as necessidades e o próprio crescimento. Unidades

hospitales localizam-se diretamente junto aos grandes núcleos residenciais. O cinturão verde destinado ao abastecimento já é, hoje, fator de tranquilidade na solução desse problema. A arborização e a fixação de gramas transformaram radicalmente o panorama da cidade, sendo raros os espetáculos que a poeira motivava até há pouco. As cidades satélites mereceram uma atenção especial da administração, o que as transformou, em pouco tempo, em núcleos condizentes com a grandiosidade da Capital, possuindo hoje as condições mínimas que deve uma cidade oferecer para o bem-estar de seus residentes.

Transmitindo minha inteira confiança na concretização de Brasília e na certeza de que um futuro bem próximo mostra-la-á ao Brasil e ao mundo como ela foi sonhada: Capital da Esperança, tenho orgulho em afirmar que todo o futuro da nacionalidade brasileira se estará representando na proporção em que a Nova Capital fôr sendo realizada. Por que ela, em verdade, corresponde ao espírito nôvo que vigora em nosso País, que transforma as mentalidades retrógradas que pensam em têrmos de colonialismo asfixiante e improdutivo; por que ela representa sonho acalentado por um século, de libertação de velhas amarras; por que assinala a conquista do que de mais rico possui o País, o setentrião inexplorado; por que mostrou ao mundo a capacidade do homem brasileiro e por que, para nós mesmos, reflete o ensejo de formação de mentalidade desapegada de velhos vícios, estudiosa e dedicada, honesta e sinceramente, à solução dos problemas brasileiros dentro das necessidades brasileiras.

Ivo de Magalhães



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA NOVACAP

A revista BRÁSILIA volta hoje a circular normalmente, depois de um período de paralização. E volta com os mesmos propósitos de divulgar Brasília, de mostrar ao País e ao mundo a história de uma cidade há pouco mais de 3 anos inaugurada, e cuja fração de tempo é insignificante diante de sua grandeza, de sua irradiação histórica.

Brasília nasceu do dinamismo e da capacidade de trabalho do povo brasileiro, guiado pela constante realizadora de idealistas que traziam no espírito a fé, a confiança e a visão antecipada da obra gigantesca que viria acordar um Brasil nôvo. Há, como que, um impulso incontrolável de desenvolvimento, de progresso, de forças positivas, na alma nacional, esclarecida e enraizada em verdades e elucidamentos históricos, que anunciam o futuro grandioso do nosso país.

Ninguém, em sã consciência, poderá negar o acontecimento de Brasília, em sua penetração no in-

terior, abrindo estradas e perspectivas novas, como elementos participantes da mecânica desenvolvimentista de nossa pátria.

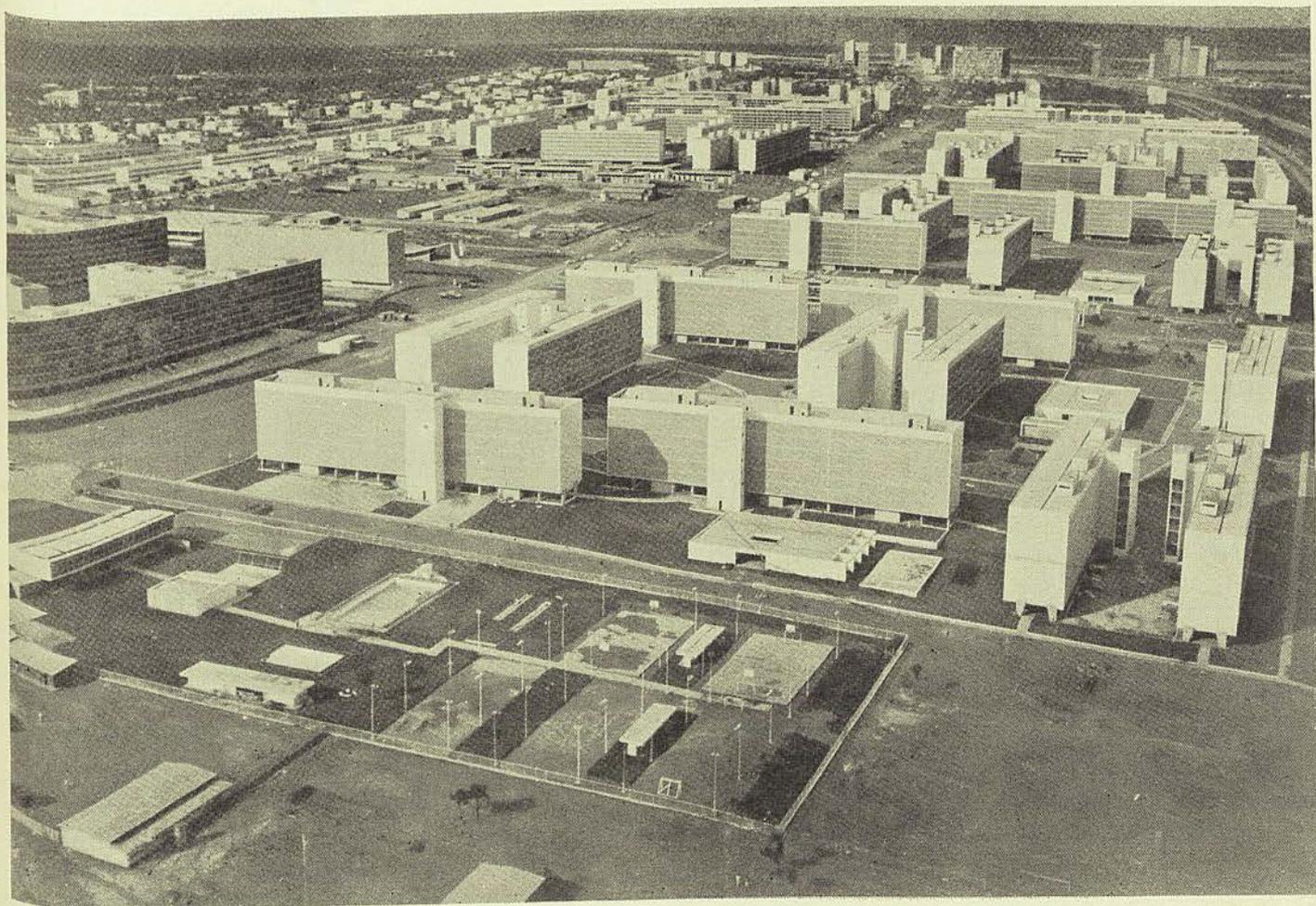
Aí está, em sua realidade, irreversível, silenciando os seus inimigos e pessimistas, como verdadeira capital do Brasil, impondo-se, inclusive, à admiração e ao respeito do mundo inteiro.

Como Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil — NOVACAP — orgulho-me de integrar o quadro dos que prosseguem na luta pela consolidação final de Brasília. E estendo a todos os brasileiros que aqui residem, aos que trabalharam e aos que continuam trabalhando na Capital da Esperança, a minha saudação e a certeza do luminoso futuro que guarda o nosso país, graças, entre outros importantes aspectos, de iniciativas do governo e do povo, aos valores que despertaram com Brasília.

Francisco de Paula Marques Lopes

UM ANO DE REALIZAÇÕES PARA A GRANDEZA DE BRASÍLIA

Focalizando hoje o que tem sido a administração do sr. Ivo de Magalhães na Prefeitura do Distrito Federal, secundada pelo sr. Francisco de Paula Marques Lopes, na Presidência da Novacap, cumprimos um dever de justiça e reconhecimento às autoridades diretamente mais responsáveis pelos destinos gloriosos de Brasília, cuja irreversibilidade é um fato e cuja consolidação cada vez mais se efetiva, graças a um objetivo plano de obras e empreendimentos que a PDF e Novacap vêm atacando, em ritmo acelerado, em todos os setores de serviços públicos, para atender aos mais legítimos interesses da Capital e suas Cidades Satélites.



Prefeito Ivo de Magalhães, Manoel de Souza, Diretor da TCB e Marques Lopes, Presidente da Novacap, a bordo de um ônibus da TCB, em companhia de jornalistas do DF, inspecionam obras.



Obras como as que o Prefeito Ivo de Magalhães está realizando em Brasília, só podem ser feitas com amor e com grandeza, porque sua administração, em franca e cordial harmonia com a Presidência da Novacap, busca e aplica, por um magnífico sistema de ação, soluções ideais aos maiores problemas do Distrito Federal, inaugurando, assim, o advento redentor de uma nova fase de realizações destinada a superar as crises que têm abalado nossa querida Capital, a minorar o sofrimento das populações humildes e a construir o incombustível progresso do Brasil Central.

No setor da administração pública brasileira — gestão do sr. Ivo de Magalhães — nada se tem feito ou se faz de improviso; tudo tem sido criteriosamente planejado, seguindo-se um critério superior de se dar solução certa e imediata aos problemas mais prementes da comunidade.

Assim é que a Prefeitura e a Novacap se aliam e se completam, como Poder Executivo do Distrito Federal, na solução dos problemas referentes ao fornecimento de energia elétrica, rêdes de

água e esgoto, serviços de pavimentação, terreplenagem e obras de arte, telefones urbanos e interurbanos, construção de escolas, arborização, abastecimento de gêneros alimentícios e transportes coletivos para o Plano Piloto e Cidades Satélites.

ENERGIA ELÉTRICA

No setor da energia elétrica acha-se em execução o Plano de Emergência do Departamento de Força e Luz da Novacap para o Distrito Federal com uma despesa prevista no valor de 654 milhões de cruzeiros.

Com a aplicação desse plano estão sendo atendidos:

— Iluminação pública no Núcleo Bandeirante; serviços complementares da Usina do Paranoá; aquisição de equipamentos para a usina térmica e das subestações de 33 Kv; aquisição de materiais e equipamentos para a rede de distribuição; aquisição de material para a iluminação pública, inclusive o destinado à avenida principal de Taguatinga; construção dos prédios das subestações de 33 Kv, definitivos; aqui-

sição de cabos 33 Kv e 15 Kv para complementação da usina do Paranoá; medidores e lâmpadas PTB e Power Groove.

Por outro lado, o Ministro Oliveira Brito, das Minas e Energia, verificando o empenho do sr. Ivo de Magalhães em encontrar uma solução definitiva para o problema da energia elétrica no Distrito Federal, vem de prestigiá-lo com a reunião que levou a efeito em seu gabinete, com os Governadores de Goiás e Minas Gerais, a fim de atacar de frente e de imediato esse problema.

Relativamente à questão específica do suprimento de energia ao Distrito Federal, ficou deliberado o seguinte:

— Ligação de Uberlândia a Cachoeira Dourada, de modo a permitir a transmissão da energia gerada na usina de Peixoto para Brasília, estimando-se o término da obra para o mês de julho de 1964. Isso permitiria um reforço de 8 mil quilowatts para a Capital Federal e outro tanto para o Estado de Goiás.

— Duplicação do circuito existente entre a usina de Peixoto e Uberlândia, de sorte a possibilitar, em julho de

1965, novo reforço de 8 mil quilowatts para Brasília e outro tanto para Goiás.

Os recursos necessários serão obtidos, no corrente exercício, do Ministério das Minas e Energia e da Novacap, a título de adiantamento por parte dessa entidade. No exercício vindouro a cobertura financeira ficará por conta do Ministério das Minas e Energia.

Na mesma oportunidade foi elaborado um novo convênio entre a CELG (Centrais Elétricas de Goiás) e a Novacap, com vistas a permitir uma fixação mais ampla das responsabilidades das duas empresas no tocante aos compromissos externos assumidos por ambas quando da construção do sistema de transmissão entre Goiânia e Brasília, bem como a regularizar os pagamentos da energia fornecida pela primeira à segunda.

Por fim, ficou acertado o contrato de fornecimento de energia da CEMIG à CELG, permitindo-se, assim, a vin-

da da força gerada em Peixoto até Cachoeira Dourada, tão logo fique pronta a linha de transmissão que ligará Uberlândia a esta última.

ÁGUA E ESGOTO

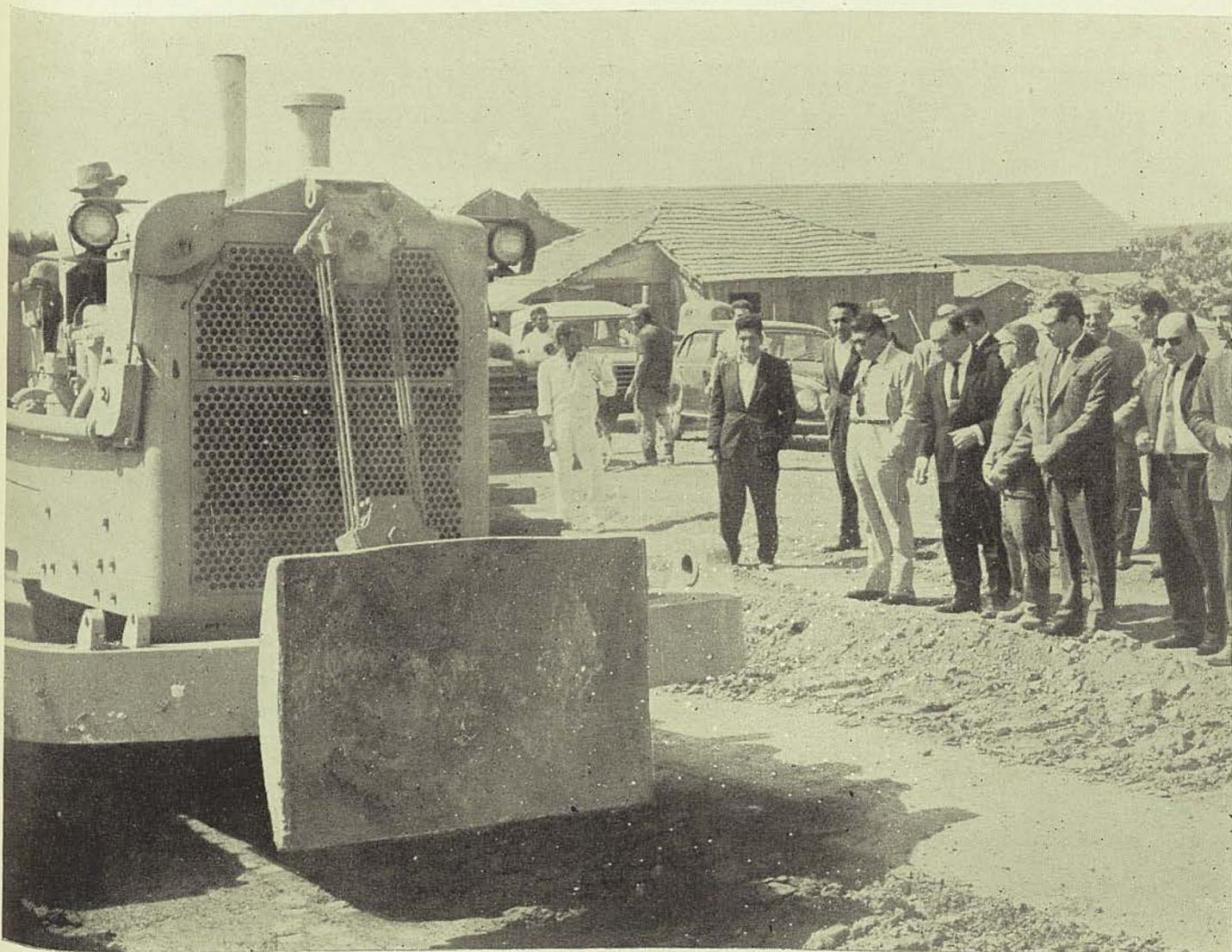
Os principais serviços executados pelo Departamento de Águas e Esgotos da Novacap, na gestão do sr. Ivo de Magalhães, foram os seguintes:

— Rede de água potável construída: no Plano Piloto, 34 547 ml; nas Cidades Satélites, 55 800 ml.

— Foram executadas 568 ligações domiciliares; instalados 587 hidrômetros; construídas uma rede de esgoto sanitário de 23 184 ml e uma de esgoto pluvial de 24 850 ml.

— Foi levada a efeito a duplicação da usina de recalque do Tórto e tomadas as seguintes providências: para solucionar o abastecimento de água de Taguatinga foi assinado contrato para

Prefeito Ivo de Magalhães visitando as obras de urbanização do Núcleo Bandeirante.



a execução de obras no valor aproximado de 300 milhões de cruzeiros, para a construção de grandes reservatórios que atenderão às três zonas da cidade. O manancial superior será o Ribeirão das Pedras, que será captado imediatamente após a sua confluência com o Córrego dos Currais, porque nesse ponto a vazão está estimada em 400 litros por segundo, o que equivale ao dôbro da vazão média requerida pela população local. Foi projetada, ainda, uma barragem de concreto ciclópico com uma comporta de fundo de 0,60 x 0,60, acionada por um macaco de suspensão instalado na crista da barragem. Serão construídos ainda uma caixa de areia, um poço de sucção, casa de bombas, casa de operador, etc. Consumirá de tubulação, aproximadamente, 18 mil metros.

No Núcleo Bandeirante tôdas as providências estão sendo tomadas para a mais breve instalação dos serviços necessários ao completo abastecimento da cidade. Para Planaltina e Bras-

lândia será iniciada o quanto antes a construção da rêde d'água.

Ao mesmo tempo que estão sendo tomadas tôdas as providências para a duplicação da Estação de tratamento d'água, ataca-se na Asa Norte o início da rêde de esgôto sanitário, o início da Subadutora e a construção da primeira fase da Estação de tratamento de esgotos.

VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Os trabalhos realizados e medidos pela Diretoria Executiva da Novacap, através do Departamento de Viação e Obras, desde a posse do sr. Ivo de Magalhães na Prefeitura do Distrito Federal foram, em resumo, os seguintes:

— Serviços de Pavimentação: regularização de subleito — 474 629,00 m³; refôrço de subleito — 66 672,000 m³; base estabilizada 105 807 000 m³; Imprimação — 464 608 000 m²; capa de concreto asfáltica — 402 412 00 m².

— Serviços de Terraplenagem: regime de aluguel de máquinas 2 383 097 000 m³.

— Obras de Arte: muro de arrimo (concreto) — 10 180 00 m³; meio-fio — 85 318 00 ml; passeios — 12 910 00 m²; calçada de pedra portuguesa — 11 658 00 m²; cordões de concreto — 1 512 00 ml.

ESCOLAS

Foram construídas pela Novacap (Grupo de Trabalho), no primeiro semestre dêste ano, quatro Escolas-Classe no Plano Pilôto, sendo duas na Asa Sul (Sq 407/8 e 413/14) e duas na Asa Norte (Sq 403/4 e 405/6).

Essas escolas, construídas em tempo recorde, tiveram início em janeiro e foram concluídas em abril. Cada escola, com 1 760 m², conta com 8 salas de aula, 2 salas para professoras, salas para a diretoria, secretaria, administração, biblioteca e cantina, área coberta para recreio e 8 sanitários.

Observe-se que a concorrência havida para construção dessas escolas, acusou como melhor preço proposto o de 75 milhões de cruzeiros por unidade, isso antes do aumento geral dos



Assistência contínua, dada pelo Prefeito Ivo de Magalhães às obras do Núcleo Bandeirante.

combustíveis. A concorrência foi anulada e a construção foi feita pela Novacap (GT), após a alta dos combustíveis, saindo pelo custo de 40 milhões de cruzeiros cada escola.

Já o Ministério da Educação e Cultura, através do seu Plano de Emergência, prestigou a administração Ivo de Magalhães, construindo 7 escolas em Taguatinga, 2 em Sobradinho, 2 no Gama, 1 na Asa Norte comercial, 1 no Cruzeiro, 1 no Ipê e outra no Núcleo Bandeirante, esta provisória, em barracão. Pelas comunidades rurais foram construídas 2 escolas, uma em Monjolo e outra em Samambaia.

TELEFONES

A par do mais moderno serviço de telefones urbanos e interurbanos que põe Brasília em contato com o País e o mundo, a previsão do DTUI, para o decorrer deste 2.º semestre, dentre outros serviços de menor importância, comporta as seguintes atividades de grande repercussão no setor dos serviços telefônicos do Distrito Federal.

— Ampliação de 4 000 terminais, de imediato, para atender a demanda, aproveitando-se o próprio prédio existente na Asa Sul, onde se acha instalada a estação.

— Início da construção do prédio da Estação Central Telefônica, com que será possível a posterior ampliação de mais 10 000 terminais.

— Execução de planos de melhoria e planos especiais, como sejam: substituição de redes provisórias; melhoria das usinas de força das estações de micro-ondas; aquisição de equipamentos; instalação de PABX nos palácios Presidenciais, Congresso, Hospitais; construção de redes especiais para a Universidade, setor Militar, Área Alfa, Palácios e residências; ampliação das linhas interurbanas.

FINANÇAS

Em agosto de 1962 a Novacap tinha uma dívida total de Cr\$ 3 702 625 062 00, assim distribuída: pessoal atrasado, decorrente de aumento salarial, salário-família e reajustamento de gratifi-

Vista geral do setor comercial-sul, vendo-se ao fundo o Hospital Distrital.





Escola classe da unidade SQ 407-408, construída na Administração Ivo de Magalhães.

cações, Cr\$ 1 359 200 000 00; faturas de obras processadas, para pagamento, Cr\$ 1 936 197 636,20; faturas de fornecedores, para pagamento, Cr\$ 407 227 425 80. Entretanto, através de esquemas, organizados pela Diretoria Financeira, adotando-se critério percentual, de acôrdo com as disponibilidades de caixa, o atual Presidente conseguiu equilibrar as finanças da Novacap e reduzir o "contas a pagar" da Empresa, referente a pessoal, obras e fornecedores, para uma dívida total de Cr\$ 700 570 576,40.

Assim é que a atual situação da Novacap com referência a obras e fornecedores, com contratos já processados, é a seguinte:

Obras: Cr\$ 585 319 789,30; fornecedores: Cr\$ 115 250 787 10.

INDUSTRIALIZAÇÃO DO LIXO

Brasília é a primeira cidade da América Latina a contar com uma usina de industrialização do lixo. Fiel ao conceito de cidade moderna, Brasília não se deixou superar pelo sistema arcaico de "jogar o lixo fora", o que traria toda uma gama de problemas de ordem social e sanitária, além de significar desperdício imenso de recursos, num setor que vem hoje sobrecarregando os orçamentos municipais.

Utilizadas nas grandes cidades do mundo, as usinas de industrialização

do lixo representam, hoje, a solução de dois grandes problemas: o sanitário e o econômico. Uma usina de lixo é muito mais uma unidade industrial que um simples aparelho para fazer desaparecer o lixo. Um país como o Brasil, pobre no aproveitamento dos resíduos orgânicos pode e deve industrializar o seu lixo, criando uma nova fonte de produção de adubos para a lavoura e proporcionando substancial economia de divisas. Solução racional. Uma usina de industrialização do lixo paga-se por si mesma, e, em pouco tempo, financia todo o oneroso sistema de coleta de lixo de uma grande cidade. O problema foi ventilado em 1958, ainda nos primórdios da construção de Brasília, época em que o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital aprovou, por unanimidade, o projeto de construção da estação de tratamento do lixo. Brasília não poderia começar sua vida de metrópole moderna sem preencher essa exigência, imprescindível à saúde pública, cuja exploração, por outro lado, basta para pagar-se e manter-se.

DUAS USINAS

A NOVACAP acertou estudos para a instalação de duas usinas de industrialização do lixo na Capital Federal: uma na Asa-Sul, com capacidade para

atender a uma população de 300 000 habitantes, e futuramente, outra, na Asa Norte.

Na concorrência foi vencedora a firma "Andersen S.A. Comércio e Indústria", representando a fábrica dinamarquesa DANO Ingenirforrentning og Maskinfabrik. Superados os obstáculos de importação que surgiram à montagem da usina, esta é agora inaugurada, utilizando processos mundialmente aprovados, utilizados com sucesso em cerca de 80 grandes cidades da Europa e da América do Norte.

A nova Usina não possui qualquer depósito de lixo "in natura", pois, descarregado, é levado imediatamente pelas esteiras transportadoras. Tanto o composto produzido como o rejeito são submetidos a um processo de pasteurização, evitando atrair moscas ou quaisquer outros insetos e animais. Não há poeira nem odores desagradáveis. Duas unidades bioestabilizadoras, unidas em três blocos de edifícios, garantem o perfeito funciona-

mento da usina, desde a recepção do lixo, até a separação dos materiais aproveitáveis e o peneiramento final. Sete operários, apenas, cuidarão da operação da usina, dado o seu alto índice de mecanização. A rigor, a única operação manual é a de separação — com operários protegidos por luvas — do material aproveitável (garrafas, latas, papelão, trapos, etc). Para o futuro está prevista a instalação de uma prensa, visando ao melhor aproveitamento do material separado.

A nova usina de industrialização do lixo, que Brasília ora recebe, para o maior bem-estar de sua população, é melhoramento incluído nas obras de consolidação da Capital da República. É exemplo para os grandes centros populacionais do Brasil, que têm suas vistas voltadas para o Planalto Central, onde o entusiasmo de operários alia-se aos progressos da técnica e à vontade de servir com patriotismo na grande obra de interiorização da Capital da República.

A Usina de industrialização do lixo.





Razões poderosas têm os brasileiros para confiar nos dias que se avizinham. Vivemos em país de considerável riqueza potencial, êste povo — que já demonstrou, em tantos lances, o seu valor e a sua ambição de progresso — não pode ser pessimista. Um povo que corajosamente planta a sua nova Capital a 200 léguas da costa atlântica, mudando o Brasil de posição e realizando um feito que é reputado, no exterior, como dos mais arrojados e fecundos empreendimentos do mundo moderno, pelas dificuldades que estão sendo vencidas e pela imensa repercussão que terá na vida econômica e social do país; um povo capaz de aprisionar o rio São Francisco, arrancar-lhe a sua fabulosa potência, construindo uma barragem, como a de Três Marias, que será a quinta do mundo e aumentará em 550.000 quilowatts o potencial energético — êsse povo não pode nem deve descreer do seu porvir.

Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA: CIDADE ONDE O SOL NASCE PARA TODOS

Agora, que o mundo inteiro sabe que Brasília deixou de ser um sonho para se transformar nessa epopéia de realizações gigantescas, levada a efeito pelo esforço e a afirmação do povo brasileiro, a par da capacidade e arrôjo da engenharia nacional, podemos afirmar que a Capital do País é uma cidade sem igual, de encantadora beleza, onde os 3 Podêres da República encontraram uma sede ideal para o trabalho ordenado e eficiente, onde uma população heterogênea de 250 mil habitantes desenvolve atividades sociais, culturais e econômicas em condições excepcionalmente favoráveis, uma vez que Brasília, como Capital da Esperança, é uma cidade feliz onde o sol nasce para todos.

Eis o Brasil do futuro, brincando, des-cuidado, sem problemas e sem preconceitos, na mais íntima e franca camaradagem, que é como se divertem, crescem e estudam as crianças alegres e felizes de Brasília, no âmbito das super-quadras em que residem. Na foto acima vemos, em primeiro plano, a menina Denise, filha do Presidente da República, fazendo castelos e figuras de areia com suas coleguinhas. Ao fundo, uma professora meiga e eficiente ensina bons modos aos pequeninos.





PLANO PILÔTO

O Plano Pilôto, nos termos do consagrado urbanista Lúcio Costa, nasceu do gesto primário de quem assinala a posse de um lugar: dois eixos cruzados em ângulo reto — uma cruz — que, para adaptá-los à topografia local, teve um dos braços arqueados para contê-la no triângulo equilátero que define a área urbana.

Tendo em vista a aplicação dos princípios francos da técnica urbanística, conferiu-se ao eixo arqueado a função circulatória, de onde, a denominação de Eixo Rodoviário, e dispôs-se, ao longo desse eixo, o “grosso” dos setores residencial e comercial. Concentrou-se, no outro eixo, o Centro Cívico, a Esplanada dos Ministérios, a Catedral, o Setor Cultural, o Setor Bancário, a Estação Rodoviária, as Emissoras de Rádio e Televisão, o Centro da Administração Municipal, os Quartéis, a Zona Industrial e, finalmente, a Estação Ferroviária, que, por isso mesmo, foi denominado Eixo Monumental.

O plano urbanístico de Brasília, produto de uma concepção genial, é único no mundo. E a cidade, “nascida no apogeu da era do automóvel, incorpora princípios de técnica rodoviária, resolvendo, de antemão, qualquer problema de trânsito. Assim, no arcabouço de circulação ordenada, estão integrados e articulados os vários setores da cidade. Destacam-se, no conjunto central, os edifícios destinados aos poderes fundamentais da República. Há, no entanto, variedade no tratamento das partes, de acordo com as diferentes funções, de maneira que o resultado é harmonia e conciliação entre o monumental, o simples, o funcional e o humano. Os edifícios principais são caracterizados por uma forma clara e bela de estrutura. Os palácios de Brasília têm, assim, simplicidade e nobreza. Fugindo da rotina contemporânea, constituem qualquer coisa de novo e diferente. Com toda a sua beleza e audácia, os edifícios públicos apresentam uma continuidade histórica com a velha arquitetura

Vista do setor comercial das SQ 107-108.

Este é o "play ground" de uma superquadra, onde meninos e meninas de 7 a 12 anos de idade entregam-se às mais alegres e sadias diversões sob a vigilância permanente de hábeis e dedicadas professoras. E assim é educada, no Planalto, a infância que construirá o Brasil de amanhã, já que Brasília é o glorioso berço de uma nova civilização.



tura do Brasil colonial, dadas as suas formas ricas e apuradas, notadamente, nas colunas. Quanto aos prédios urbanos, mantêm uma disciplina que preserva a unidade do conjunto".

SUPERQUADRAS

Para resolver o problema habitacional, foram colocados, de um lado e de outro do Eixo Rodoviário, grandes quarteirões em ordem dupla, medindo, aproximadamente, 240m x 240 m, mais uma faixa livre de 20m emoldurando os quarteirões, destinada à arborização e com a finalidade de isolá-los do bulício da cidade, como uma proteção amiga da própria natureza.

Dentro de cada superquadra os blocos de apartamentos dispõem-se de maneira variada, obedecendo, no entanto, dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente do acesso à escola primária, ao jardim de infância e às comodidades existentes no interior de cada quadra.

Previu-se, em cada superquadra, a construção de 11 blocos, cada qual com o gabarito máximo de 6 anda-

res, com seis a oito apartamentos por pavimento, com capacidade de abrigar o total de 2.500 a 3.000 pessoas.

Para atender aos moradores, dispõe-se entre uma superquadra e outra uma faixa dupla de lojas destinada ao comércio local, uma igreja para cada 4 SQ, uma Escola-Parque para alunos de 12 a 16 anos, um cinema ou clube social, de forma que cada 4 SQ formam como que um conjunto independente, donde a denominação carinhosa de Unidade de Vizinhança.

O agrupamento de 4 Unidades de Vizinhança formam uma Zona Distrito que conta com um hospital próprio (Hospital Distrital), um centro de educação média, supermercados, correios, pósto telefônico, praça, etc., onde as donas-de-casa encontram todas as facilidades e um povo feliz, sem saudades dos grandes centros do País, constrói no presente a Brasília do futuro sonhada por todos nós.

MORADIA

Os blocos de apartamentos de uma superquadra são todos iguais: mesma fachada, mesma altura, as mesmas facilidades, todos construídos sobre pilotis, todos dotados de garage e cons-

truídos com o mesmo material, o que evita a odiosa diferenciação de classes sociais, isto é, todas as famílias vivem em comum, o alto funcionário público, o médio e o pequeno.

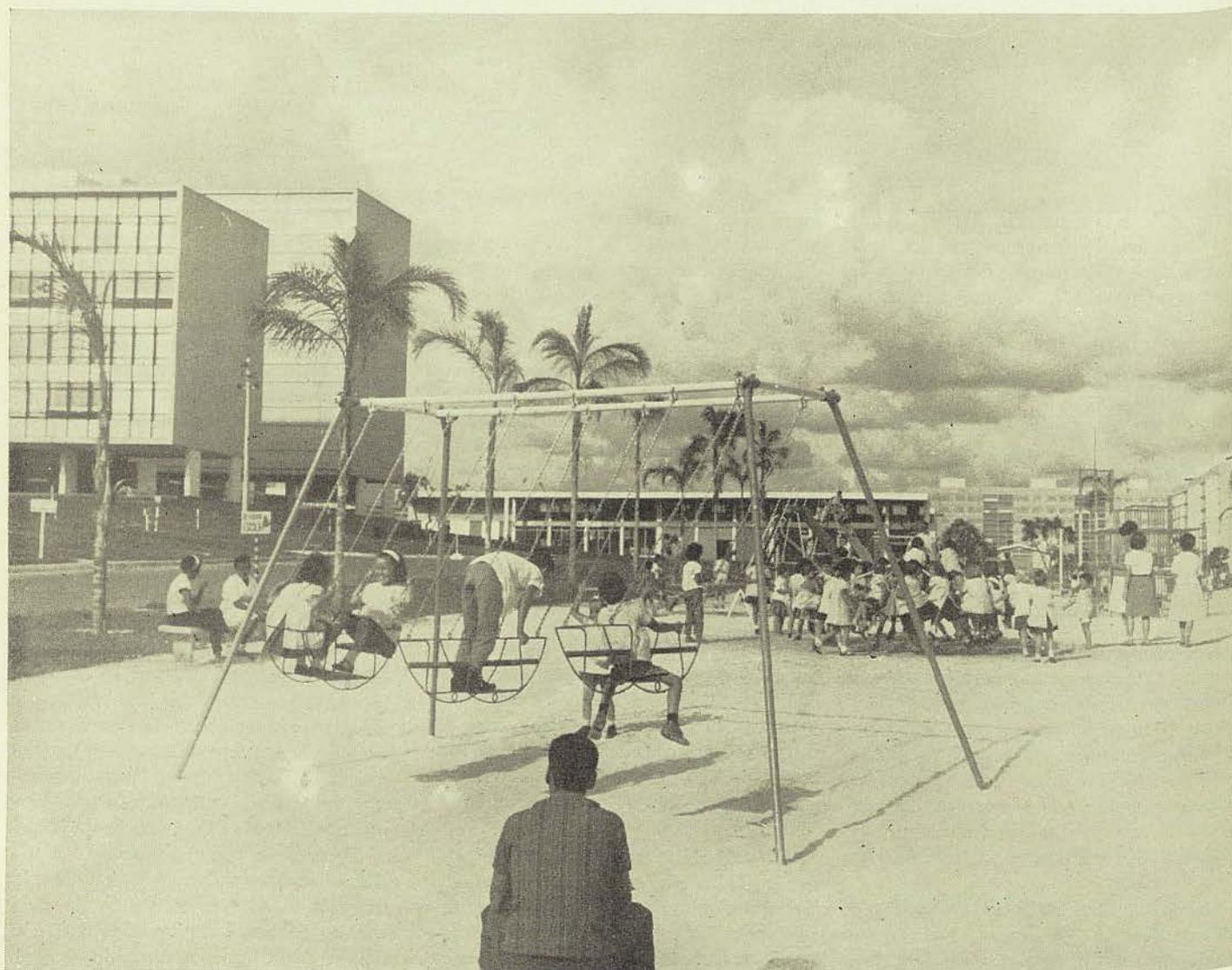
Quanto aos apartamentos há uns maiores e outros menores em número de cômodos, que são distribuídos, respectivamente, para famílias conforme o número de dependentes. E por causa de sua distribuição e inexistência de discriminação de classes sociais, os moradores de uma superquadra são forçados a viver como que no âmbito de uma grande família, em perfeita coexistência social, o que redundará em benefício das crianças que vivem, crescem, brincam e estudam num mesmo ambiente de franca camaradagem, amizade e saudável formação.

Cada SQ é dotada de um jardim de infância para crianças de 4 a 6 anos; de um play ground; faixa de tráfego para veículos; passeios para pedestres; áreas de ajardinamento com sistema de irrigação; área coberta (pilotis); comércio próprio e todos os requisitos materiais que a civilização moderna oferece ao conforto da vida humana sob as bênçãos de um céu imenso, infinitamente límpido e azul.

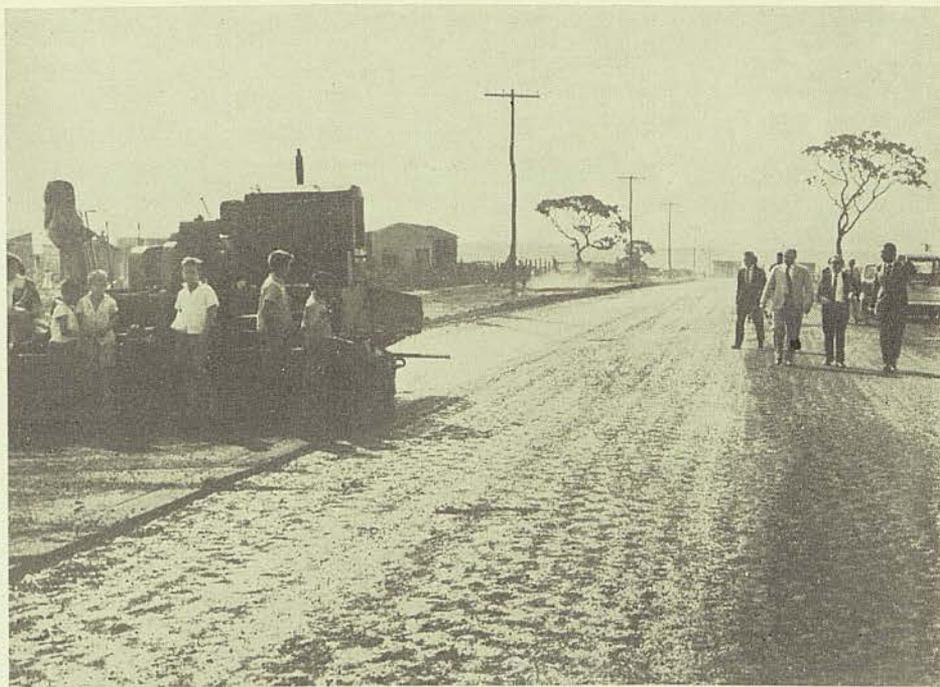
A FUNDAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL E SEUS INESTIMÁVEIS PRÉSTIMOS

A Fundação do Serviço Social da PDF, nos seus dois anos de funcionamento, através de um trabalho contínuo e atento, já prestou ajuda a mais de 50 000 habitantes do Distrito Federal, na maioria operários desem-

pregados ou doentes, camponeses desassistidos, gestantes, nutrizes e crianças de um mês a 14 anos de idade. Tudo isso com um quadro de apenas 58 funcionários, muita vês sem nem mesmo transporte adequado para os



O Prefeito Ivo de Magalhães vem percorrendo, amudamente os núcleos distritais, orientando a Fundação de Serviços Sociais.



quatro cantos dos 5 000 quilômetros quadrados, que velam com rara dedicação.

O PREFEITO INSPECIONA

Sabedor dêsse trabalho inestimável, o Prefeito Ivo de Magalhães manifestou, nos seus primeiros dias de administração, o desejo de conhecê-lo mais de perto para melhor esquematizá-lo. E enfrentando as mesmas condições daqueles servidores, percorreu várias vezes os Núcleos Satélites, conhecendo-lhes as necessidades mais prementes e determinando, em cada qual, pessoalmente, a instalação ou melhoria dos serviços da FSS. Foi assim que, em Planaltina, o Prefeito promoveu a imediata instalação de lactário, a construção de uma Escola Classe, com capacidade para 480 alunos e o abastecimento de água. Em Braslândia, determinou a ampliação do prédio do Centro Social, com o funcionamento de um "Clube das Mães", lactário, curso de culinária, corte, costura e bordado e um posto de revenda da Superintendência de Agricultura, para distribuição ou venda de implementos agrícolas, adubos, inseticidas, medicamentos veterinários etc., pois aquele núcleo forma na bacia leiteira do DF. Desde essa primeira visita, o Prefeito Ivo de Magalhães vem percorrendo amudadamente os núcleos distritais, orientando a FSS na assistência mais diversificada aos seus habitantes.

MÚLTIPLOS SERVIÇOS

A Fundação do Serviço Social vem atuando nos mais diferentes campos do DF, ora por um Centro Social, composto de cursos domésticos, centro de escotismo, clube recreativo, gabinete médico-dentário, lactário, e cursos de artes domésticas e culinárias, de acordo com o número de habitantes e das condições que as instalações disponíveis possam oferecer. E já apresenta, em todos êsses setores, um apreciável acêrvo de realizações, notadamente no setor administrativo, com a implantação de novos serviços e novas diretrizes. Com os trabalhos descentralizados e entregues a técnicos, a estruturação de assessorias especializadas e a modificação nas diretorias executivas e administrativas, a cargo dos Srs. Hélio Prado e Gaspar B. Fortes Neiva, pôde a FSS, nos últimos meses, consolidar o processo de sua ampliação.

INSTALAÇÕES

A começar pela reforma das instalações da sede, no edifício das Pioneiras Sociais, Setor Hospitalar, grandes modificações foram introduzidas nos 16 Centros Sociais espalhados nas Cidades-Satélites e nos 28 Lactários dispersos nos núcleos populacionais de menor densidade demográfica, permitindo a racionalização e o melhor aproveitamento dos trabalhos.

De outra parte, a Fundação tem promovido a vinda de técnicos do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, especialistas em nutrição infantil, medicina-sanitária, desemprego, mendicância, meretrício e outros, para cursos intensivos ao seu funcionalismo. Mantém convênios com entidades particulares, participando da direção das mesmas, ou colaborando nos seus trabalhos.

LAR DO MENOR

A nova administração da FSS, através de adendo a convênio anterior com a Creche Medalha Milagrosa, aumentou recentemente, o número de vagas para crianças necessitadas em todos os núcleos e dirige o Lar do Menor, que abriga 46 menores em Taguatinga, uma criação e construção do Rotary Club de Brasília.

LACTÁRIOS E CENTROS SOCIAIS

Nos últimos meses, a FSS inaugurou nove lactários, sendo quatro em Taguatinga, dois no Núcleo Bandeirante, um no Gaminha, um na Quadra 14 de Sobradinho e um em Fercal. No Gaminha, Papuda e Asa Norte, foram inaugurados e estão em pleno funcionamento, três Centros Sociais, dispondo cada, entre outras especialidades, de cursos de artes domésticas. Só em Taguatinga a Fundação dispõe de cinco Centros Sociais, afora os lactários isolados. Outros serviços funcionam na Candangolândia, Vila Mercedes, Invasão do IAPI, Acampamento da Metropolitana, Serviço Nacional de Tuberculose, Hospital Isolamento do Tamboril, Cruzeiro, Vila Planalto, Acampamento da Limpeza Pública, Paranoá, Papuda, Vargem Bonita, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Fercal, Planaltina, Gama, Taguatinga, Braslândia e Asa Norte, além do Serviço Social Rural e Serviço Social de Menores.

SERVIÇO JURÍDICO

Além da sede da entidade, em que funcionam os serviços burocráticos e a administração central, a Fundação tem, na Rodoviária, o seu Serviço Jurídico, promovendo casamentos, registro civil de crianças e adultos, títulos, carteiras, certificados, atestados, os mais diversos, e orientando a população necessitada sobre os mais variados problemas jurídicos. Só em 1962, o Serviço Jurídico atendeu a 7.927 pessoas, promovendo 1.870 casamentos e 5.300 registros de nascimentos.

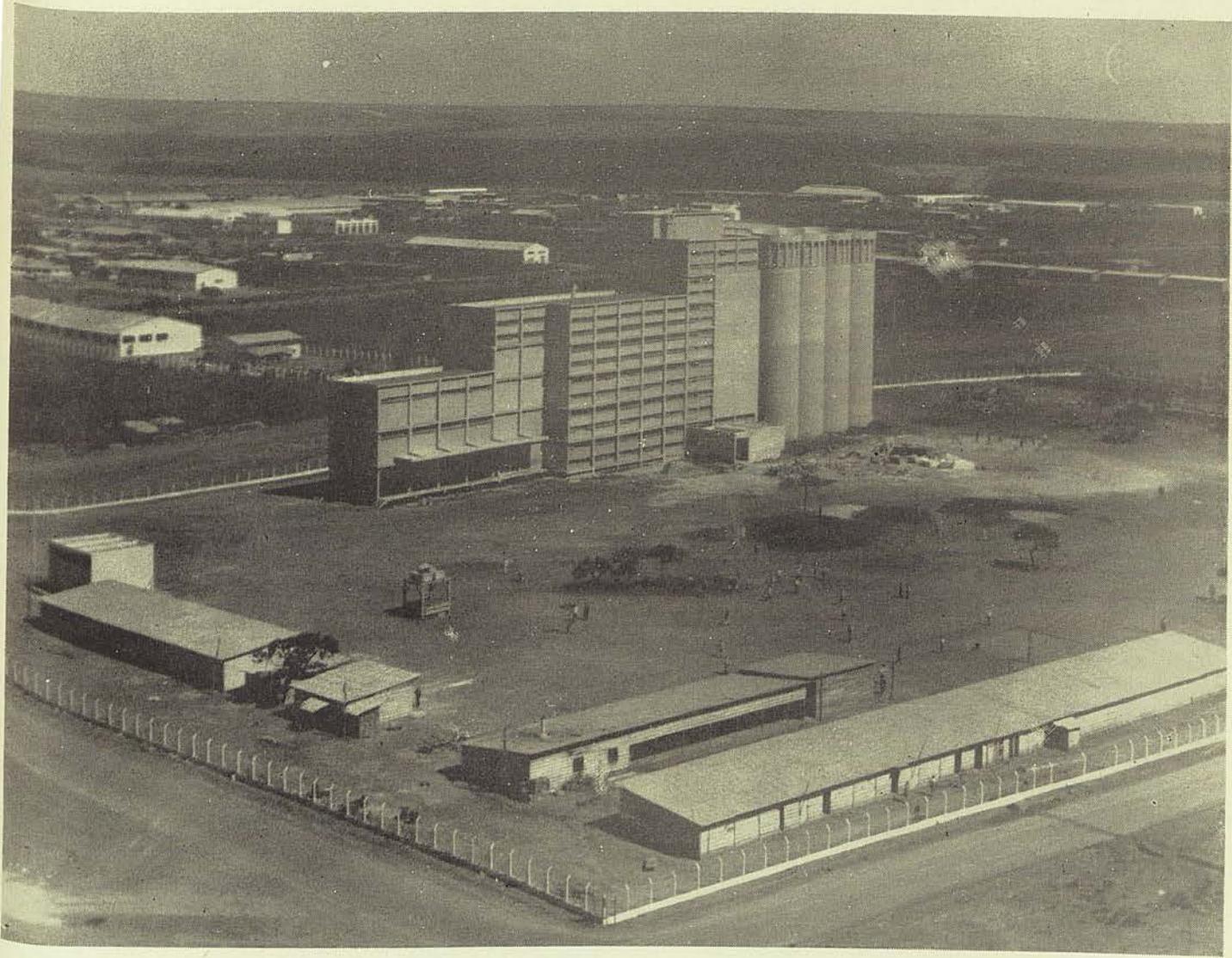
Grande atenção tem dado a FSS ao Serviço Social Médico mantido no HDB, onde atende aproximadamente 4.500 pessoas por mês, por meio de consultas, exames de laboratório, radiografias, biópses, tratamento dentário, internação, altas, banco de sangue, adoção de menores, visitas domiciliares, orientação para empregos, remoção de pacientes e passagens para convalescentes, não raro atendendo a pessoas de outros Estados. A rede de lactários, em 1962, beneficiou cerca de 8.000 clientes matriculados, entre infantes, gestantes e nutrizas, distribuindo 34.706 quilos de leite em pó entre 33.449 mães e crianças. Os 16 Centros de Desenvolvimento e Organização da Comunidade e as Agências de Serviço Social do Plano Piloto e Cidade Satélites atenderam mais de 18.000 famílias, tomando 20.000 providências diversas, além de registrar 12.141 clientes e encaminhar 32.593 consultas, concedendo ainda auxílios financeiros, alimentar, farmacêutico, educacional, habitacional e outros. Todos esses serviços aumentaram substancialmente no ano em curso.

HOMEM DO CAMPO

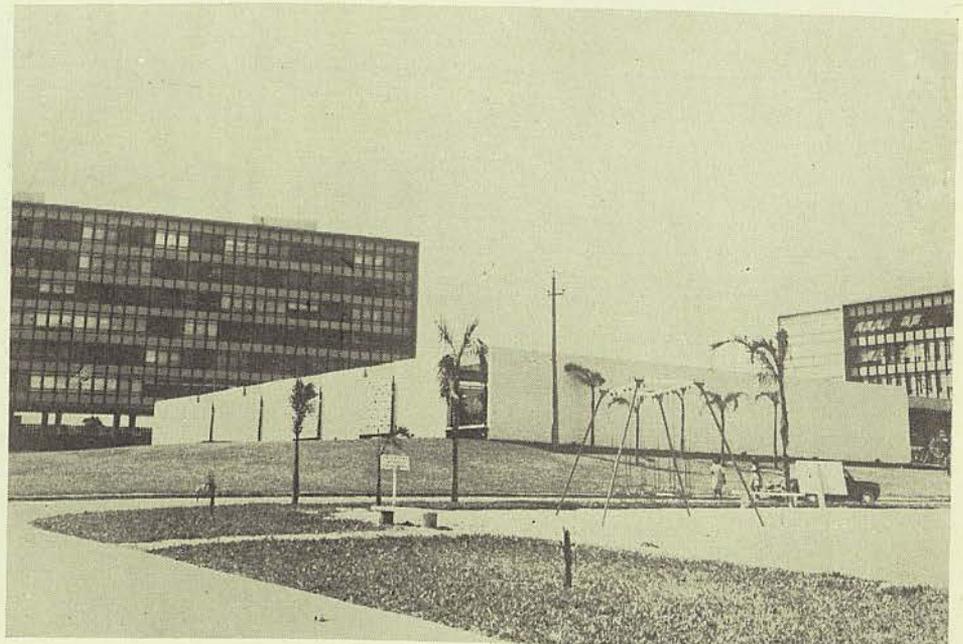
A situação do homem do campo mereceu especial cuidado da FSS que, com a cooperação da Superintendência de Agricultura da PDF e do Ministério da Agricultura, desenvolve amplo programa de assistência técnica e ajuda econômica a granjeiros da Vargem da Bênção, Sobradinho, Taquara, São Gabriel, Pindaibal, Vão dos Angicos, Lamarão e Sítio D'Abadia, para os quais, inclusive, têm sido concedidos empréstimos pelo Banco do Brasil e Fundação e construídas casas pela NOVACAP.

TRANSFORMAÇÃO

Em virtude de recente municipalização, a FSS está sendo reestruturada. Seus bens, serviços e funcionários passarão para a Superintendência. Essa transformação não implica em qualquer prejuízo de suas atribuições. Ao contrário, serão ampliados e aperfeiçoados para bem cumprir o empenho do Prefeito Ivo de Magalhães no sentido da mais humanitária assistência a quantos demandam Brasília em busca de trabalho, saúde e melhores condições de vida.



Indústria em Brasília eleva sua esperança à vida própria, esta mostra-se no grandioso prédio do moinho de trigo no setor industrial de Brasília.



Vista da Escola da SQ-114.

A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Muitos fatores recomendaram a criação da Universidade de Brasília, mas o mais importante era que fôsse antes de tudo uma renovação plena no desenvolvimento motor do progresso social, material e cultural do Planalto.

Países como o nosso, tendo-se atirado neste processo educacional, procuraram encaminhar-se, agora, para a emancipação e seus dirigentes se compenetraram disso, de que somente atingiremos um nível cultural progressivo com o planejamento. Tal atitude foi a aceitação tácita da condição de atraso e dependência que jamais poderíamos superar. Assim como planejamos usinas, instalação de fábricas que nos virão assegurar autonomia de produção nas condições materiais de sobrevivência, tivemos que criar um planejamento universitário e instituições de pesquisa que nos pudesse assegurar independência no plano científico e cultural.

É notório que, por força do próprio desenvolvimento econômico que já alcançamos, veremos, paradoxalmente, aumentar a nossa independência técnica e científica em relação aos núcleos que nos exportam os equipamentos e os empreendimentos através dos quais estamos produzindo. Tais elementos constituem, sabidamente, subprodutos de um corpo de saber científico e tecnológico que não pode ser importado com as máquinas, mas deve ser orgânicamente desenvolvido em cada país que almeje plena independência. Não se trata de economizar divisas com assistência técnica, mas incorporar ao nosso processo de desenvolvimento o único elemento capaz de acelerar seu ritmo e de assegurar-nos condições de progresso independente e ajustado às condições nacionais. Nessas condições, só uma universidade nova, inteiramente planejada, estruturada em bases mais flexíveis, po-

Uma aula maior, ministrada no auditório "Dois Candangos" da Universidade de Brasília.



derá abrir perspectivas de pronta renovação de nosso ensino superior.

Até então não importava exigir saber técnico nem qualificação profissional, se quando necessitasse o filho do fazendeiro, do criador, do seringa-lista ou do industrial, era fácil suprir tal necessidade. Bastava matriculá-lo numa escola superior e, pronto, estava criado um doutor.

Foi êste, principalmente o grande ideal de mudança, daqueles que idealizaram a Universidade de Brasília.

Já não dependemos da importação de automóveis, geladeiras e televisores, mas estávamos cada vez mais retrocedendo na técnica educacional, mòrmente na superior.

Planejada à luz dessas preocupações, a Universidade de Brasília deveria ser estruturada de modo a tornar-se capaz de formar cidadãos responsáveis à procura de soluções democráticas para os problemas com que se defronta o povo brasileiro pelo seu desenvolvimento, preparar especialistas qualificados em todos os ramos do saber, reunir e formar cientistas, pesquisadores e artistas e assegurar-lhes os necessários meios materiais e as indispensáveis condições da autonomia e de liberdade para se devotarem à ampliação do conhecimento e à sua aplicação a serviço do homem.

A resposta à criação da Universidade em Brasília ficou portanto óbvia no que relatamos.

Não se tratava de saber se convinha ou não criar mais uma universidade, nem de examinar a capacidade de recuperação de nossas escolas superiores mas de reconhecer que iria se construir uma cidade no coração do Brasil, necessariamente, se tornaria inevitável a instituição de um núcleo cultural a que não poderia faltar uma universidade; que iria, como já está sendo demonstrado, que Brasília exerceria, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, e contribuir com uma equipe nova, plena de razões ponderáveis e conhecimentos, de assessôres de que tanto carecem os diversos ramos da administração, que só a Universidade pode prover.

O RITMO DE TRABALHO

Com tais elementos como comprovante, e instituída a Lei de sua fundação, em 15 de dezembro de 1961, por mensagem enviada ao congresso Nacional pelo Presidente João Goulart, em apenas 30 dias completou-se a es-

trutura jurídica, em 40, construiu-se o primeiro bloco e depois o segundo, o terceiro e assim proporcionou-se o imediato funcionamento da Universidade que teve em seu primeiro ano, freqüência regular de 500 alunos, o que vale dizer que em menos de 90 dias após a sua estruturação jurídica, ela conseguiu criar condições para as suas atividades precípuas.

REITOR E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE

A Fundação Universidade de Brasília, é uma instituição autônoma, não governamental. Sua administração cabe a um Conselho Diretor composto por seis membros efetivos e dois suplentes, nomeados pelo Presidente da República, cujos mandatos são renovados por escolha dêste sôbre uma lista triíplice organizada pelo próprio Conselho Diretor.

O Presidente da Fundação, eleito pelo Conselho Diretor, é o Reitor da Universidade de Brasília. Por feliz escolha do Presidente da República, o atual titular da reitoria de Brasília, é o Professor Darcy Ribeiro, grande idealizador da Universidade de Brasília seu Comandante seguro, que vem dedicando todo o seu empenho no sentido de dotar a Capital da República da mais moderna das Universidades do Mundo.

O Conselho Diretor é constituído das seguintes pessoas: Membros Efetivos — Anísio Teixeira, Hermes Lima, Abgar Renault, Osvaldo Trigueiro e Frei Mateus Rocha o.p., e tendo como suplentes; Alcides da Rocha Miranda e João Moojen de Oliveira.

PATRIMÔNIO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Com a finalidade de dotar a Fundação Universidade de Brasília das condições indispensáveis para a execução de sua missão, o Governo Federal lhe assegurou, além dos recursos orçamentários anuais, um patrimônio ponderável para seu programa de expansão, assim, é que a Fundação é dotada de uma verba de Cr\$ 1 000 000 000,00 para construção de edifícios, as rendas anuais da Cia. Siderúrgica Nacional pertencentes à União, o fundo rotativo da Editora Universidade de Brasília e a metade dos lucros anuais da Rádio Nacional destinada a custear a instalação da Rádio Universidade

Além dos bens financeiros mencionados, a Universidade recebeu tam-

bém, bens patrimoniais tais como, terrenos, área para cultura etc.

O PRESENTE E FUTURO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

No momento a Universidade de Brasília conta com uma freqüência regular de estudantes na ordem dos 1 500, ministrando-lhes os seguintes cursos: Direito, Administração, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Letras Brasileiras, estudos Pós-Graduação e cursos de Extensão Cultural.

Prevê a Universidade de Brasília a inauguração em 1964, de um conjunto de Institutos Centrais (Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências Humanas, Letras e Artes). O prazo de 2 anos é o mínimo exigido pela construção dos edifícios, aquisição do equipamento didático e de pesquisa e outros serviços.

Vale lembrar que todos os cursos, serão ministrados através de programas comuns de dois anos de estudos, ao fim dos quais os alunos optarão definitivamente pela carreira que desejarem abraçar, dentro do campo anteriormente escolhido.

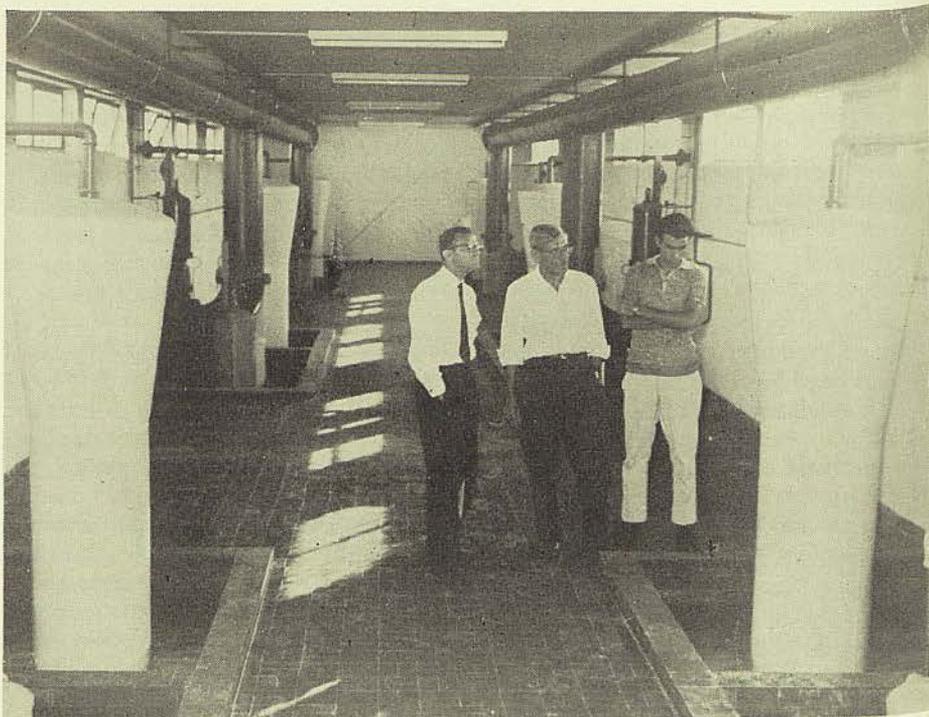
Além das matérias obrigatórias, os alunos terão as que a Universidade recomendará e introdução ao preparo profissional e sua elevação cultural. Em lugar do sistema anos-séries, os cursos serão dados semestralmente e a inscrição dos alunos será por disciplina isoladamente num máximo de 4 classificadas como de formação e mínimo de uma, como cultura geral. Ao fim de 2 anos, para seu ingresso na parte propriamente profissional, êles deverão apresentar certificados de aprovação de pelo menos 10 disciplinas básicas para cada carreira.

Finalmente, vale salientar o papel importante que a Novacap desempenhou e ainda desempenha e desempenhará na vida da Universidade de Brasília, a princípio com os planos topográficos e os recursos de que sômente ela dispunha, em seguida no seu fabuloso cabedal técnico-profissional, onde pontilham figuras do alto gabarito de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Cremos que a contribuição que a Universidade de Brasília dará à causa da educação superior no Brasil se estenderá pelo território nacional, proporcionado às gerações vindouras, novos horizontes, novos campos de saber, sempre para maior engrandecimento do Brasil.

SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA E ESGOTOS DO DISTRITO FEDERAL

Esta foto nos mostra um aspecto do interior da Seção de Filtração da Estação de Tratamento de Água, vendo-se seis gigantescos filtros, retentores de toda e qualquer impureza da água.



O Departamento de Água e Esgotos é o órgão da Novacap destinado a promover o saneamento básico em todos os núcleos populacionais do Distrito Federal, ou seja, o abastecimento de água e o escoamento dos esgotos sanitários e pluviais. O sistema de abastecimento de água é o conjunto de obras de engenharia, destinado a prover de água potável em quantidade suficiente a uma cidade ou núcleo populacional e, se encontra dividido, entre nós, nos seguintes setores.

Manancial: — local de onde se retira a água a ser fornecida à cidade, captação, recalque, adução, que é a tubulação até o tratamento, ou a reservação, para que seja utilizada pela população, sem perigo de prejuízos sanitários à população, tais como Bócio (papo) etc.

No momento, os sistemas em operação, podem ser assim divididos: — **Plano Piloto:** — Compõe-se da Asa Sul, Asa Norte, Praça dos 3 Poderes, Esplanada dos Ministérios, Setor das Embaixadas, Setor de Indústria e Abastecimento, Setor Residencial Econômico, Setor Militar, Setor de Indús-

trias Gráficas, Setor de Diversões-Sul, áreas próximas do Palácio da Alvorada e alguns acampamentos provisórios. Os mananciais são os seguintes: Ribeirão do Tórto com vazão mínima de 1 500 litros por segundo na mínima estiagem. Já está em estudos a ampliação para no mínimo o dobro dessa capacidade, através da barragem de acumulação.

Captação: — com barragem de nível. **Recalque:** — estação instalada próximo à barragem de captação de 2 conjuntos motores-bombas suficientes para recalcar 700 litros por segundo, cada um. O equipamento com motores elétricos de 1750 HP, é de origem norte-americana. Atualmente está em operação apenas 1 conjunto, estando o outro na reserva, sendo que 2 conjuntos de moto-bombas, estão sendo instalados, cada um com a mesma capacidade dos já mencionados, êstes de fabricação nacional.

Com essa nova ampliação, a capacidade será de 2 800 litros por segundo sem reserva de equipamento. De acordo com as especificações do projeto, o volume de 700 litros por segundo,

atualmente recalcado, será suficiente para 150 mil habitantes, com a máxima segurança de que nunca falte o precioso líquido. Com relação à adução, conta o D.A.E. com tubulações de aço de 1 metro de diâmetro com extensão de 9 quilômetros. A linha já construída, tem capacidade para aduzir 1 400 litros por segundo, porém está sendo utilizada em somente 50% de sua capacidade.

O tratamento da água, que Brasília consome, especialmente no Plano Piloto é feito com um sistema completo de floculação, utilizando-se para tanto a cal e o sulfato de alumínio. A filtração é feita em filtros rápidos de areia e a desinfecção a cloro. A capacidade total da estação é de 700 litros por segundo, porém seu equipamento básico já é para 2 800 litros por segundo, sendo o mesmo de origem francesa, tipo Pulsatur. Está já em andamento a ampliação da estação para 1 400 litros por segundo, sendo neste caso o equipamento de origem nacional.

A água distribuída é fluorada, processo utilizado no mundo inteiro, com resultados positivos. Os reservatórios

do D.A.E. são em número de 3 e, estão assim distribuídos: R1 — capacidade para 30 milhões de litros de água, e fica próximo da estação de tratamento; R2 — com capacidade também de 30 milhões de litros e fica no setor de Indústrias Gráficas; R3 — este de menor capacidade, para 20 milhões de litros, situa-se junto ao Cruzeiro da cidade. Como se observa, a acumulação total é de 80 milhões de litros de água, quantidade mais que suficiente para tranquilizar a população, de pelo menos uns 10 anos sobre a viabilidade de vir a faltar água em Brasília.

Quanto à distribuição, com excesso da Asa Norte e de alguns acampamentos todo o projeto definitivo já está em execução, sendo a rede em sua extensão total, de tamanho de aproximadamente 200 quilômetros. A da Asa Norte deverá ser iniciada ainda este ano de modo a abastecer definitivamente as quadras já edificadas e as que estão sendo construídas.

Esgotos: — É o sistema de canalização destinado a esgotar as águas que já foram servidas pela população. Assim as águas provenientes de lavagens de roupas, louças, banhos e descargas sanitárias, etc., devem ser esgotadas. Este sistema completa o da distribuição de água, subdivide-se em: — coletores, que são os tubos colocados nas ruas, praças, etc., que coletam os esgotos a partir do local da contribuição. As instalações de esgoto de um prédio (particular) são ligadas aos coletores (públicos) através de ramais de esgotos. Os coletores fazem o serviço inverso das redes de distribuição de água. **Emissários**, que são canalizações que afastam os esgotos coletados para longe dos locais onde foram coletados. **Tratamento**, como são tóxicos os esgotos, necessário se faz que os mesmos sejam sujeitos a tratamento, que devem ser abrandados em suas impurezas antes de serem lançados na natureza, de modo a não quebrarem o equilíbrio nela existente. As estações, órgãos que permitem transformar os esgotos impuros em afluentes que possam ser lançados nos rios, lagos e mares, sem acarretar o desequilíbrio natural.

Em Brasília, o sistema de esgotos sanitários também já está quase todo concluído. Somente uma pequena parte da Asa Norte, ainda não se encontra com seu sistema concluído, mas já em fase de conclusão, com o coletor geral, que possibilitará levar os esgotos para a estação de tratamento daquele setor.

A rede de esgotos, já implantada possui, aproximadamente, 180 quilômetros de extensão.

O tratamento dos esgotos de Brasília da Asa Sul, está atualmente sendo feito em estação moderna pelo, processo dos lados ativados, o qual permite uma remoção até 95% de B.D.O.

A capacidade da estação é para 150 mil habitantes, mas no momento está sendo utilizada em apenas 1/3 de sua capacidade, sendo que a estação da Asa Norte deverá ter capacidade para 50 mil habitantes.

ÁGUAS PLUVIAIS: — O sistema de galerias de águas pluviais em Brasília está todo concluído, com pequeno excesso da Asa Norte, e tem uma extensão de 200 quilômetros.

Na oportunidade, a Revista Brasília, esteve com o Engenheiro Cornélio Pimenta, diretor do Departamento de Água e Esgotos da Novacap que nos forneceu informações as mais valiosas sobre a distribuição de água na Capital bem como o serviço de esgotos e de águas pluviais. Sempre com a sua equipe de trabalho, engenheiros e auxiliares técnicos, aquele técnico nos mostrou em detalhes a verdadeira situação, no que diz respeito a água, esgoto e águas pluviais, o que nos deu a certeza de que podemos estar confiantes nos homens que dirigem aquele importante setor do serviço público da Capital da República. Disse-nos o Engenheiro Pimenta, demonstrando os diversos setores de Brasília, que se relacionam com o Departamento que dirige:

S.H.I. — Sul-Dom Bosco.

Água: — possui abastecimento até os trechos QL5 e QI5.

Manancial: — Córrego Cabeça do Veado, com capacidade para 180 litros por segundo, na mínima estiagem.

Captação: — Tomada direta.

Adução: — À gravidade em tubos de ferro fundido de diâmetro de 300 mm, com extensão de 3 quilômetros.

Reservação: — Ainda não necessário, pois que o sistema ainda está sendo utilizado em apenas 5% de sua capacidade.

Tratamento: — O manancial está sanitariamente protegido, além da água dispensar, por ser de pureza quase integral.

Distribuição: — Toda a quota até o QL5 e QI5, num total de aproximadamente 90 quilômetros.

S.H.I. — Norte-Península.

Água — possui abastecimento necessário.

Manacial: — Córrego Bananal com capacidade de 240 litros por segundo na mínima.

Captação: — direta.

Adução: — À gravidade, em tubos de 400 mm numa extensão de 5 quilômetros.

Tratamento: — desnecessário, uma vez que o manancial está perfeitamente protegido e a água é inteiramente potável.

Rede: — Somente construída a linha mestra. O sistema quase que abastece o Clube do Congresso somente, pois a edificação nesse bairro ainda é inexistente.

Mansões Urbanas: — Água: — de ótima qualidade.

Manancial: — Nascente do Catetinho com capacidade de 80 litros por segundo, na mínima.

Captação: — Direta.

Adução: — Em tubos de ferro fundido de 300 mm de diâmetro, numa extensão de 2 quilômetros.

Tratamento: — Inteiramente desnecessário, pelas razões expostas anteriormente.

Rede: — Construídas linhas mestras e pequena parte da rede de distribuição.

Esgotos: — Inexistentes. O tipo de loteamento talvez permita solução individual como definitiva.

Cidade Satélite de Taguatinga: — Abastecimento definitivo para 15 mil habitantes. Está sendo estudada a captação e adução definitiva do córrego de Pedras, com capacidade de 400 litros por segundo destinado a uma população de 80 mil habitantes.

Cidade Satélite do Sobradinho — O sistema de abastecimento de água já está construído, com captação do córrego Paranozinho, faltando a reservação e o reforço do manancial a ser feito com as águas do córrego da Contagem. O sistema de esgotos sanitários já está construído, faltando, porém, a estação de tratamento, que está sendo projetada.

Cidade Satélite do Gama: — Possui apenas abastecimento de água provisorio já insuficiente e que foi construído para possibilitar o início da edificação da cidade.

Cidade Satélite de Braslândia: — Sistema já construído este ano e em operação.

Cidade Satélite de Planaltina: — Sistema de água em conclusão.

“Como vemos, concluiu o engenheiro Pimenta, Brasília pode se considerar uma cidade plenamente realizada no que diz respeito a água e esgoto.”

REALIZAÇÕES E PLANOS DA SECRETARIA GERAL DE SAÚDE

250.000 brasilienses, em cinco mil quilômetros quadrados, sob os cuidados médicos, sanitários alimentares, esportivos e tantos outros, que visam à saúde e ao bem estar de cada qual, da fundação hospitalar e departamento de saúde da PDF.

A Secretaria Geral de Saúde, na administração do Prefeito Ivo de Magalhães tem realizado importantes iniciativas, visando à progressiva consolidação de Brasília como Capital da República e a melhorar sempre mais as condições sanitárias de toda a área do Distrito Federal. Contando com seus próprios recursos técnicos, financeiros e de pessoal especializado, com a colaboração dos Ministérios da Saúde, Educação e Cultura, Trabalho e Previdência Social, a Secretaria cumpre a missão que lhe cabe na efetivação do programa de obras da atual administração. Seu titular, Dr. Nadim Achcar, dinamizou seus diversos órgãos e departamentos a ela vinculados, conseguindo empreendimentos de vulto, e de cuja eficiência é bem um índice o fato de não se registrar no DF qualquer surto epidêmico. Centro populacional em constante crescimento, e recebendo o afluxo de milhares de pessoas procedentes de todos os pontos do País e do estrangeiro, Brasília, graças às medidas preventivas das autoridades da Secretaria de Saúde, não tem tido nenhuma dificuldade em encontrar solução para seus problemas de natureza sanitária.

FUNDAÇÃO HOSPITALAR

No setor da saúde, a administração tem sido marcada por uma série de realizações de relevância, através da

Fundação Hospitalar, Fundação de Serviço Social e Departamento de Saúde Pública. Do relatório apresentado em julho último, destacam-se as conclusões das obras do HDB, ampliação dos Hospitais de Taguatinga, Gama e Sobradinho e instalação do Posto Médico de Braslândia, aumentando a capacidade do HDB no atendimento de quantos necessitam de seus serviços, sem se esquecer de que, construído para uma população de 50.000 habitantes, sirva, ainda que com algumas restrições, a nada menos de 200.000 moradores da Capital e adjacências. O Hospital S. Vicente de Paula, em Taguatinga dispõe desde abril de 1963 de uma enfermaria para 36 gestantes e um berçário com igual número de leitos, e o de Sobradinho teve 4 novas enfermarias, com 24 leitos, gabinete de Raio X, berçário, sala de cirurgia e laboratório. No Hospital do Gama, foram inaugurados em maio, quatro enfermarias, com cinco leitos cada, sala de parto e pré-parto, berçário, enfermaria de Pronto-Socorro, 4 consultórios médicos, cozinha e lavanderia, enquanto que em abril foram concluídas as obras do Posto de Braslândia.

PLANOS EM EXECUÇÃO

A Secretaria já iniciou o plano de construção de Unidade Integrada de Saúde, localizadas na Asa Norte, Asa Sul e em Taguatinga, para o atendimento médico das respectivas populações. Deverão dispor de 150 leitos cada, para internação, além de Dispensário de Tuberculose, Pronto-Socorro, Maternidade, Clínica Infantil, Consultório de Higiene Mental, Consultório de Clínica Médica-Cirúrgica, Sala de Cirurgia, Sala de Parto, Lactário, Centro de Reidratação, Vacinação, Laboratório, Raio X, Consultório Dentário, Engenharia Sanitária, Educação Sanitária e Serviço Social. Ainda no HDB se constroem Forno Crematório, Biotério e Restaurante de Empregados, obras que custarão com os equipamentos, mais de cinquenta milhões de cruzeiros.

DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA.

Este Departamento, pela Divisão de Saúde da Comunidade, realizou com contra a poliomielite, com a aplicação de 100.000 doses da Vacina Sabin, cedidas pelo Ministério da Saúde, que pleno êxito, a campanha de vacinação imunizou milhares de crianças entre 4 meses e seis anos de idade. Procede

agora, à tabulação e análise dos resultados obtidos com a campanha, assim também com a continuação das aplicações de rotina e outras atividades de saúde pública que possam ser desenvolvidas por enfermeiras. Conclui também, a elaboração de normas a serem seguidas pela Fundação Hospitalar para a notificação de doenças transmissíveis, objetivando: 1) investigação epidemiológica do caso notificado; 2) imunização dos comunicantes; 3) proporcionar estatísticas de morbidade que reflitam a realidade epidemiológica do DF e que servirão de subsídios indispensáveis para a elaboração de futuros programas de saúde; 4) conhecimento das doenças mais prevalentes para auxiliar o clínico em seu diagnóstico. A divisão realiza ainda inquérito epidemiológico da cárie dental, para conhecer a situação da saúde oral da população antes da fluoração das águas e posterior avaliação de resultados dêsse método preventivo e ter uma base indispensável para o racional planejamento dos programas odontológicos a serem executados pelo órgão competente; amplia os Serviços de Estatísticas e Epidemiologia e coloca em efetivo funcionamento o Serviço de Organização e Contrôlo.

VACINAÇÃO CONTRA A VARIÓLA

Com ampla receptividade por parte da imprensa, do rádio e da televisão foi realizada no período janeiro—abril de 1963, a campanha de vacinação em massa contra a variola (140.556 moradores do DF foram beneficiados), em convênio com o Serviço Especial de Saúde Pública, do Ministério da Saúde. Considerando-se o total de 235.181 habitantes no DF, de acordo com a estimativa do IBGE para dezembro de 1962, constata-se a vacinação de 59,6%, percentagem que deve ser aumentada quando computados os dados referentes às pessoas já vacinadas em período imediatamente anterior à campanha.

DIVISÃO DE SERVIÇOS MÉDICOS

Tem por finalidade esta Divisão, a execução dos Serviços de Biometria para funcionários da Prefeitura do DF e a fiscalização do exercício profissional de médicos, veterinários, dentistas, farmacêuticos e outras profissões sanitárias, competindo-lhe, ainda, proceder aos exames de laboratórios necessários à elucidação de diagnósticos de doenças e aos exames clínicos e bromatológicos para controle de água e alimentos.



Inauguração da Escola Vicentina Goulart, na área Alfa de Marinha.

ENSINO

Na administração do Dr. Ivo de Magalhães à frente da Prefeitura do Distrito Federal, a Superintendência Geral de Educação e Cultura levou a efeito vários empreendimentos de vulto, sendo que, ultimamente, o Superintendente, Dr. Luiz Carlos Pujol, visando a dinamizar tôdas as atividades do órgão, pessoalmente supervisionou a criação de várias comissões permanentes adidas ao seu Gabinete e a reativação de Comissões já existentes, cada qual com uma compreensível autonomia de ação no correspondente setor de trabalho.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Para se ter uma idéia do quanto tem sido profícua a atual administração, no setor de Educação e Cultura, basta mencionar-se o fato de que, em 1960, quando se iniciaram as atividades educacionais na Capital, então recém-inaugurada, havia apenas dois estabelecimentos destinados ao Ensino Médio e vinte e oito escolas de Ensino Elementar. No corrente ano letivo já se dispunha de onze estabelecimentos para o Ensino Médio e setenta e seis para o Ensino Elementar. A previsão para o ano de 1964 (logo no início das aulas) é de mais dezenove unidades escolares (Ensino Elementar), sendo quinze Unidades Integradas de Educação e quatro Escolas Rurais.

EXPANSÃO DA REDE ESCOLAR

Como parte de execução do Plano Trienal de Educação no DF, contam-se o início de obras de prédios escolares para o Ensino Médio e o Ensino

Elementar, a ampliação e aparelhamento dos já existentes, incluindo o Ginásio do Núcleo Bandeirante, que vem funcionando, a título precário, em prédio de escola primária, Ginásio do Gama, nas mesmas condições, ampliação das instalações de escolas que, no momento, funcionam em um bloco tais os Ginásios Industrial de Taguatinga e de Sobradinho. Especialmente, tais obras abrangem: Colégio Taguatinga — construção de 12 novas salas; Ginásio Industrial de Taguatinga — construção de seis salas e Pavilhão de Oficinas; Ginásio Industrial do Plano Piloto — construção do bloco da administração; Centro de Educação Média, construção de Escola Normal e construção da primeira etapa de um Ginásio na Asa Norte.

Em ritmo acelerado, trabalha-se na complementação de tôdas as unidades escolares ocasionalmente carentes de ampliação.

ALUNOS E PROFESSÔRES

Atualmente, o número de alunos matriculados é o seguinte: Ensino Médio, 7 123; Ensino Elementar, 21 648. O número de professores existentes: contratados no Ensino Médio, 190; contratados do Ensino Técnico-Industrial, 18; contratados da Escola de Aplicação, 16; professores horistas, 208, num total de 432. Professores de Ensino Elementar: contratados, 586; horistas, 365, num total de 951. Com o acréscimo de novas unidades escolares, prevê-se que a matrícula no próximo período letivo ascenderá a 32 000 alu-

nos só no Ensino Elementar. Nos estabelecimentos escolares há, ainda, quatro cantinas destinadas a atender a alunos e professores.

CHAMADA DE MENORES

No cumprimento ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Departamento de Ensino Elementar realizou a Campanha de Chamada de Menores à Escola, compreendendo o grupo etário 6—14 anos. Uma comissão especialmente designada pela diretora do Ensino Elementar, composta de três professores do Corpo Técnico do DEE, orientou intensiva campanha de divulgação através da imprensa, do rádio, da televisão, de alto-falantes e por meio de contato pessoal com cléricos, ministros de diversas denominações religiosas e com o povo em geral. Como resultado, constatou-se não haver carência de matrícula em área do Plano Piloto.

PLANO TRIENAL DE EDUCAÇÃO

O Dr. Luiz Carlos Pujol assinou, há pouco, o termo do convênio celebrado entre a Superintendência Geral de Educação e Cultura e o Ministério da Educação e Cultura, pelo que foi destinada uma verba para melhoria da rede escolar do Distrito Federal. O plano de aplicação dessa verba foi elaborado pelo diretor do Departamento de Ensino Médio e pela diretora do Departamento de Ensino Elementar, com a colaboração dos seus assessores técnicos e uma especial atenção do Prof. Enildo Cuevas Donadio, chefe de gabinete do Dr. Luiz Carlos Pujol. Tal plano, submetido à apreciação do Superintendente de Educação e Cultura, já foi aprovado pelo Conselho de Educação do DF, pela Diretoria Executiva do Plano Trienal e pelo Ministro Paulo de Tarso.

OBRAS EM ANDAMENTO

De acôrdo ainda com o referido Plano, a Superintendência Geral de Educação e Cultura executará, no setor de Ensino Elementar: construção e equipamento de 15 Escolas Integradas; construção e equipamento de 10 Pavilhões de Artes Industriais; construção e equipamento de 4 Escolas Rurais e o reequipamento da rede escolar já existente. No Ensino Médio: construção e equipamento de escolas no Gama e no Núcleo Bandeirante, e melhoria e expansão da rede escolar do Ensino Médio já existente.

QUALIDADE E PRESTEZA NOS SERVIÇOS

TELEFÔNICOS DA NOVA CAPITAL

Texto de Augustus Gribel

Qualidade e presteza incomuns são as características dos serviços telefônicos da Nova Capital, do que vem resultando elevados valores e índices de telefones por habitantes e chamadas interurbanas por telefone.





Em seu gabinete de trabalho o Dr. José Paulo Viana, chefe do DTUI.

Tão grande foi o desenvolvimento dos serviços telefônicos de Brasília desde que foi inaugurada a Capital no Planalto que se tem hoje, como de extrema urgência a implantação de providências que permitam atender às exigências peculiares da Capital, recuperando as condições de boa qualidade e presteza que foram apanágio em sua instalação isto no curto prazo previsto para o triênio 1963—1965.

Colimando o objetivo principal foi prevista a instalação de 29.000 novos telefones urbanos e no interurbano ter-se-á, ao lado da ampliação do circuito a automatização da maior parte do tráfego, a inadiável ampliação de vias, esta tão essencial à segurança da Capital.

A êsse tempo Brasília será a décima cidade do Brasil, por ordem de população, o terceiro centro em quantidade absoluta de telefones instalados e ficará em primeiro lugar no que se refere aos valores relativos a telefones por habitantes e circuito telefônico por habitante.

Para evolução natural dos serviços telefônicos da Capital e solução gradativa dos problemas que ora se apresentam em caráter prioritário, o engenheiro José Paulo Viana, Chefe do Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos de Brasília, além dos planos encaminhados a alta administração do Distrito Federal (L — 2 e L — 3) projetou o plano L — 4, referente à ampliação de capacidade da

Estação Telefônica — Central com 10 000 terminais. Ter-se-ão assim, só no Plano Pilôto, mais 24.000 novos telefones no triênio 1963—1965. Ao mesmo tempo, considerando-se a constância do “Calling-Rate” (aparente na proporcionalidade — entre as curvas de crescimento do tráfego interurbano e a dos telefones instalados, fêz-se a projeção para o tráfego interurbano, no mesmo triênio, em função da quantidade de telefones a serem instalados, admitindo-se, porém, conforme previsão natural, ligeira diminuição do “Calling-Rate” com o crescimento da rede local.

Assinalamos, por sua alta significação para a Capital, os Planos do D.T.U.I. denominados 1—3A (ligação em micro-ondas de Brasília a Belo Horizonte) e 1—2 (Brasília — São Paulo, também em micro-ondas) prioritário o primeiro por permitir vias alternativas para o tráfego interurbano de Brasília, assim anulando a possibilidade de, por ocorrências catastróficas (improvável mas não impossível) ter inoperante a única via existente e com isso impedindo o funcionamento da Capital, embora do ponto-de-vista exclusivamente econômico parecesse suficiente a instalação do rádio — enlace Brasília—São Paulo.

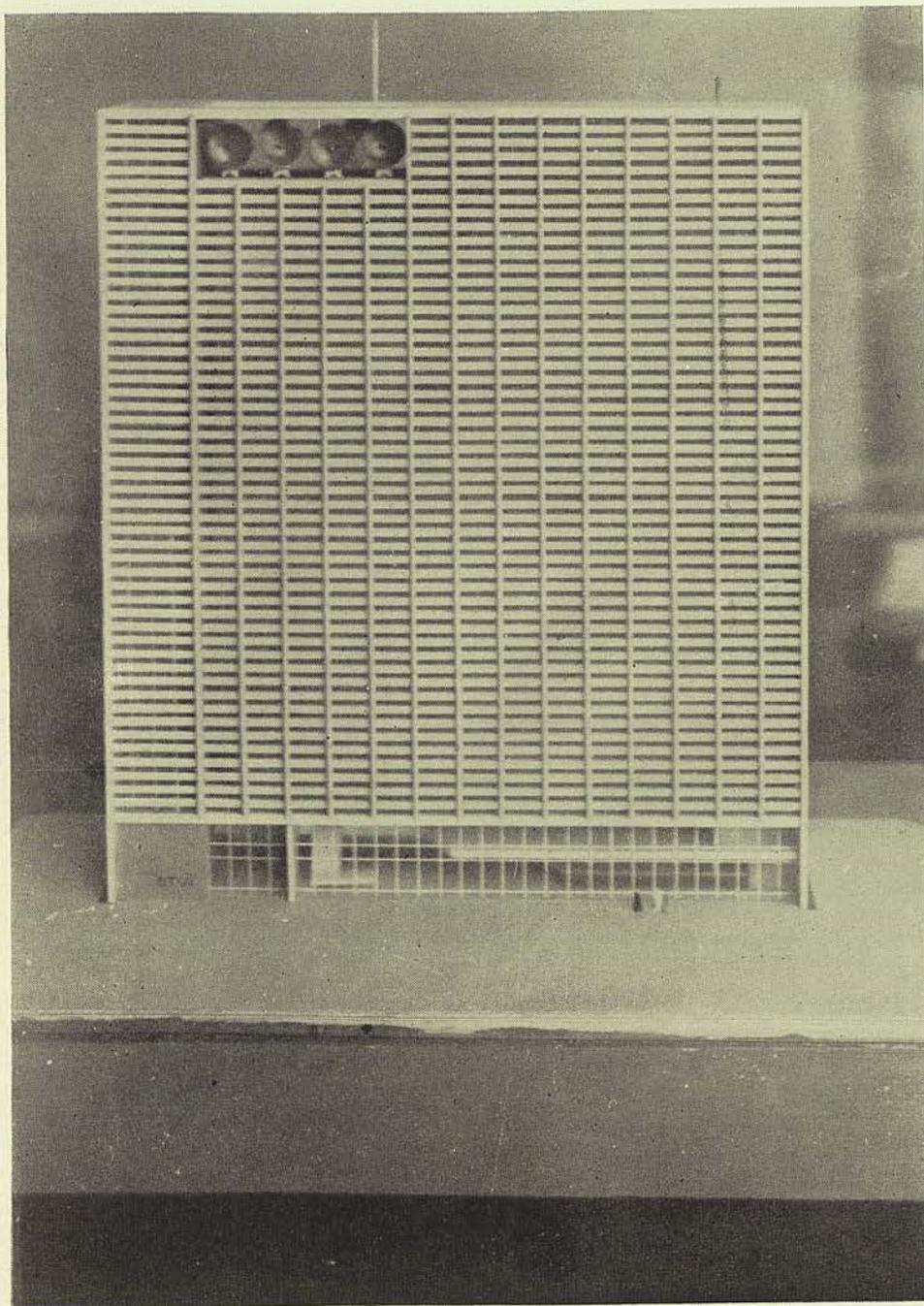
Em conseqüência da existência de vias alternativas de elevada segurança ficará liberado, para uso em ligações diretas com outras — Capitais — Salvador, Recife, Pôrto Alegre — o

equipamento Rádio-Ondas Curtas, em faixas laterais independentes, hoje mantido como ligação de emergência entre Brasília e o Rio de Janeiro.

No triênio decorrido da inauguração da Capital a esta parte registrou-se brutal elevação de custos que, no setor restrito de telefonia, superou consideravelmente ao verificado nos custos médios industriais. Em face disso tem-se que as tarifas vigentes nos serviços telefônicos de Brasília, justas quando foram fixadas, são completamente inadequadas, impedindo que das rendas auferidas possam sair os

recursos necessários para o atendimento do desenvolvimento gradativo da Nova Capital.

A composição e evolução de custos de um telefone instalado, no serviço local no período de 1960—1963 demonstra que, enquanto o custo médio de um telefone em Brasília era de Cr\$ 42.000,00 em 1960, hoje atinge Cr\$ 270.000,00. Tomando-se tal valor como o de ressarcimento médio a ser obtido através de cotas de instalação, a exemplo do que foi feito em 1960, ter-se-á possível, sem mais, a objetivação dos planos do D.T.U.I. para o triênio 1963—1965.



Maquete da futura sede do DTUI.

MISS UNIVERSO: RECEPÇÃO TRIUNFAL EM BRASÍLIA



Miss Universo, a gaúcha Ieda Maria Vargas, chegou a Brasília com sorriso de felicidade, sendo recebida no aeroporto internacional por incalculável multidão, desfilando em seguida pelas principais avenidas desta Capital, sempre aplaudida por enorme público, que correu às ruas a fim de ver de perto a representante do Brasil, vencedora do certame mundial de beleza.

Com ela, veio dos Estados Unidos, a representante do país norte-americano, srta Marise Osers, sendo ambas recebidas por Denise Rocha de Almeida, Miss Brasília, uma das cinco finalistas do concurso no Brasil. Após o desfile de beleza, as Misses foram convidadas pelo casal Ivo Magalhães, prefeito de Brasília, para almoçar no sítio do Riacho Fundo. Às 19 horas, dirigiram-se ao Palácio da Alvorada, onde foram recebidas pelo Presidente da República e a Primeira Dama, tendo na ocasião, o Sr. João Goulart saudado a representante brasileira, detentora do cetro mundial da beleza, com palavras de carinho e exaltação.

Dois sorrisos brancos, duas coroas, duas belezas internacionais. E o abraço amigo das duas grandes nações que aparecem representadas por Miss Universo, a moreninha Ieda, e Miss Estados Unidos, a "blonde" Marise.



Em Long Beach, USA, Ieda Maria Vargas liderou um concurso de beleza e com o moreno encanto gaúcho de sua plástica milionária, personificando a pulcritude de seus dotes culturais e espirituais, conquistou o cobiçado título de Miss Universo, trazendo para o Brasil o cetro e a honra de possuir a mais bela mulher do mundo. Entre nós, Miss U-63, sorridente e feliz, vê a Capital da Esperança parar para homenageá-la na mais apoteótica e carinhosa recepção até então prestada a u'a mulher bonita sob os céus candangos do Planalto Central.

Viajando em um Caravelle, Miss Universo desembarcou em Brasília extremamente feliz, fato que demonstrava pelo sorriso espontâneo que trazia sempre nos lábios, sendo na ocasião saudada, com números típicos de danças regionais gaúchas, sua terra natal por autênticos sulistas radicados na Nova Capital, pertencentes ao Centro de Tradições Gaúchas, sendo-lhe entregue, pelo representante do Sr. Prefeito, a chave simbólica da cidade de Brasília.

Falando aos jornalistas desta Capital, Miss Universo, que a par de sua beleza física, possui uma simpatia contagiante e um alto grau de cultura, disse que se encontrava sumamente honrada com a recepção que os brasilienses lhe tributaram e que espe-

rava representar bem o nosso País, sempre que para tanto fôsse solicitada. Espera demorar-se um ano nos Estados Unidos, uma vez que os contratos de publicidade e compromissos decorrentes de seu título, assim determinam, mas que de maneira alguma pensa em cinema, muito menos em casamento.

Pretende, sim, continuar seus estudos e, aí então, quem sabe, poderá pensar em constituir família, que é o seu grande sonho. Finalmente, sôbre Brasília, disse Miss Universo, que fêz questão de trazer Miss Estados Unidos, a fim de que a representante do povo Norte-Americano pudesse levar da Capital do Brasil a verdadeira impressão da grandeza do esforço de um povo, para provar o seu rápido progresso.

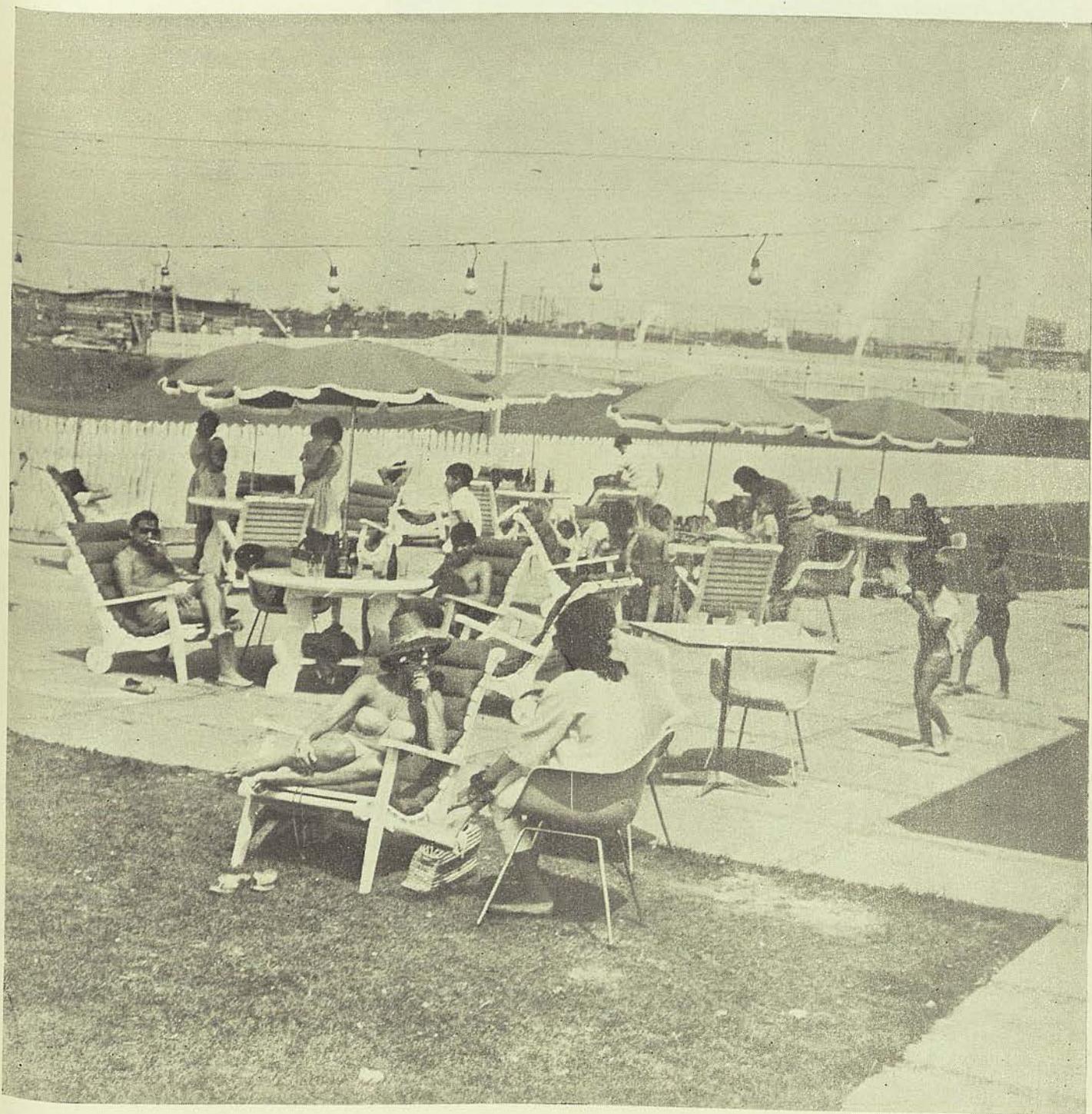
Em carro aberto do Corpo de Bombeiros de Brasília, Ieda Maria Vargas acenou com beijos e sorrisos para a maior multidão já concentrada nas avenidas da capital federal.



Denise Almeida, Miss Brasília, teve a grata missão de apresentar à sociedade brasiliense a beleza brasileira que os olhos do mundo consagraram com o invejado título de Miss U-1963.



BRASÍLIA: PASSARELA DE SOL NOS CLUBES E NAS PISCINAS



Vários clubes estão localizados às margens do Lago. Alguns, com as instalações ainda incompletas, mas bem frequentados



Nos domingos ensolarados, as lanchas cruzam o lago de Brasília, de clube para outro.

BRASÍLIA: PASSARELA DE SOL NOS CLUBES E NAS PISCINAS

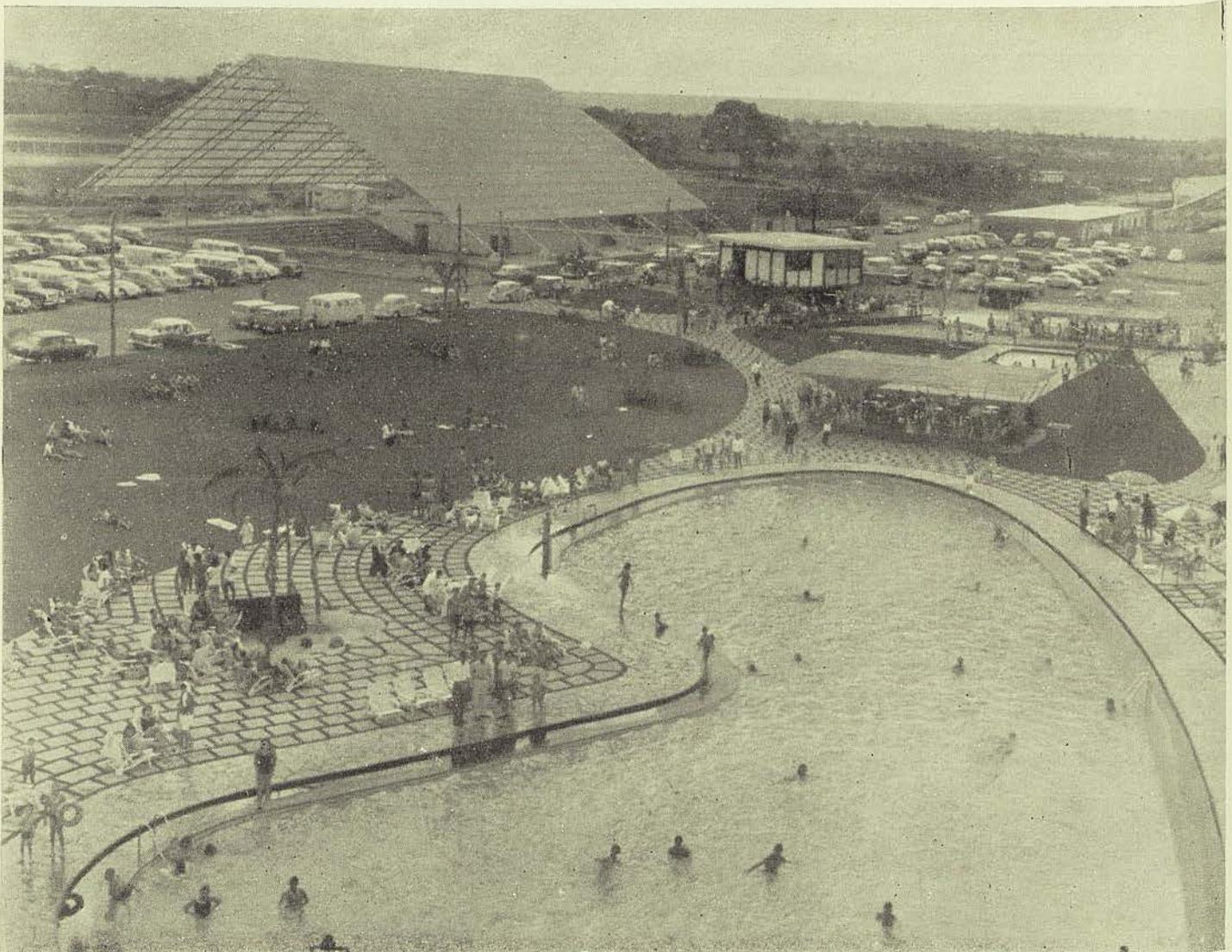
Uma das coisas que não têm sentido, quando se fala em Brasília por aí fora, é o comentário em torno da propalada solidão desta cidade. Diz-se que falta calor humano à Capital da Esperança, de que não há condição de vida social inclusive, como se isso fôsse encontrado unicamente nas fugas desencontradas dos inferninhos sufocantes e banais. Brasília é, antes de tudo, uma cidade sol, feérica, de céus decorativos, céus demais, como alguém já disse, até com uma observação feliz: cada fita de asfalto, cada estrada, liga a cidade ao céu! Cidade Céu! Na frivolidade da crônica social e na inspiração sofisticada da música popular. Mas tudo dito com o coração. São os que amam Brasília e a compreendem!

O brasileiro de todos os recantos da Pátria sempre extravasa a sua ternura pelos lugares apelidando-os poë-

ticamente. E foi bem bolado o cognome de Cidade Céu! De decisões políticas, de debates parlamentares, nascida de lutas e controvérsias, mas sob o fecho de uma profecia, predestinação e obstinação dos que foram eleitos para cumpri-la.

E Brasília é, do ponto de vista desta reportagem, uma cidade poética, saudável e iluminada, exuberante e recreativa! Impôs, desde início, condições de sociabilidade, de união de todos, de alegria de viver, como se o clarão do ideal que estimulou a sua construção se derramasse na alma dos seus habitantes, como elementos de juventude, vitalidade, pureza! Seus clubes são suas salas de visita. Piscinas azuis, gramados verdes e macios, môças bonitas, lago ondulante, cruzado de lanchas e velas esportivas, como pontas de asas roçando as águas sonhadas por Dom Bosco, mas represadas por Juscelino...





Por estranho que pareça, o primeiro desses clubes foi o Catetinho, pois apesar de ter sido a tenda pioneira do trabalho na construção da nova Capital, em meio a mapas, planejamentos, discussões de engenheiros e arquitetos, o espírito que ali despontou esparramou-se por todo este planalto, com seu entusiasmo e sua jovialidade. Que nos contem Juca Chaves, João Milton, Vinicius de Moraes, Tom Jobim e o seresteiro César, que acabou trocando o violão por um cartório. E com a batuta na mão, regendo a original orquestra de trabalhadores e poetas, na execução da sinfonia do diamantinense, o maestro Isael, que terminou por fundar um clube de pioneiro na vizinhança.

O fim-de-semana em Brasília nada fica a dever aos de qualquer famosa cidade projetada pela crônica turística. Não temos o mar, é verdade (segundo certo político, num arroubo de nostalgia marinheira, é uma pena não

contarmos com esse "melhoramento"), mas temos lago, rios, piscinas. Água é que não falta, nem sol, nem clima ameno! Com um pouco de poeira, por ora, todavia já é menos do que antes...

Eis Brasília jovial, onde cada dia parece domingo (em termos, senhor diretor). É isso: cidade de domingos, nas paisagens e na luz abundante, no céu e na euforia das pessoas!

Como surgiram os clubes? Já disse: espontaneamente, naturalmente, pois cada local aqui se presta para isso. E porque há mais convite ao convívio humano em Brasília, porque a cidade, com todos os seus requisitos de trabalho, surgiu das mãos de artistas, mágicos, sei lá! De poetas como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, de heróis anônimos, de idealistas e homens de progresso, que não esqueceram, quando a construíram, de lhe dar alma e poesia, vida e vibração!





A piscina, o sol, a luz, o lago, os barcos a vela e lanchas fazem o colorido da paisagem.



A prática dos esportes ao ar livre constitui um derivativo de todos os sábados e domingos.

Leony Mesquita

Pouco mais de três anos da transferência da Capital da República, Brasília continua firme na estrada de sua consolidação. Enganam-se os que pensam que existe atraso nas obras complementares de Brasília. Tudo o que vemos hoje, decorridos menos de 1 300 dias da mudança da Capital, estava previsto. A obra de consolidação de Brasília, mais longa e mais difícil que sua construção propriamente dita, vai muito mais adiantada que o que poderiam supôr os mais otimistas.

Brasília é a cidade que mais cresce no mundo. Em população, em vida funcional e social, Brasília, em pouco mais de três anos ganhou uma densidade demográfica que se aproxima dos 250 000 habitantes. Evidentemente, as condições de seu projeto, não permitem a expansão de um parque industrial Brasília tem que funcionar como coração e cérebro de uma República em pleno período desenvolvimentista

Depois do cérebro idealizado pelo gênio de Oscar Niemeyer, Brasília ganha a alma sonhada por outro gênio: Lúcio Costa.

Brasília realiza, magnificamente, sua missão de pioneira do século. Aceite-se — para argumentar — a tese das poucas vozes isoladas que, há tempos, ousaram se levantar contra a transferência da capital, alegando estar superado o dispositivo constitucional da Carta de 1891, que recomendava a mudança da Capital, para o interior, por motivos de ordem estratégica. Mas e a interiorização da civilização? Éste o grande objetivo de Brasília, que vem sendo galhardamente cumprido. O que vem ganhando o Brasil, conquistando para si mesmo o que lhe pertencia apenas nas cartas demarcatórias de limites, não tem preço. País de dimensões continentais o Brasil via relegado a um esquecimento injustificado quase três quartas partes de seu território,

por excesso de mentalidade litorânea. Sòmente dando um pouco as costas ao mar poderíamos integrar o Brasil em si mesmo.

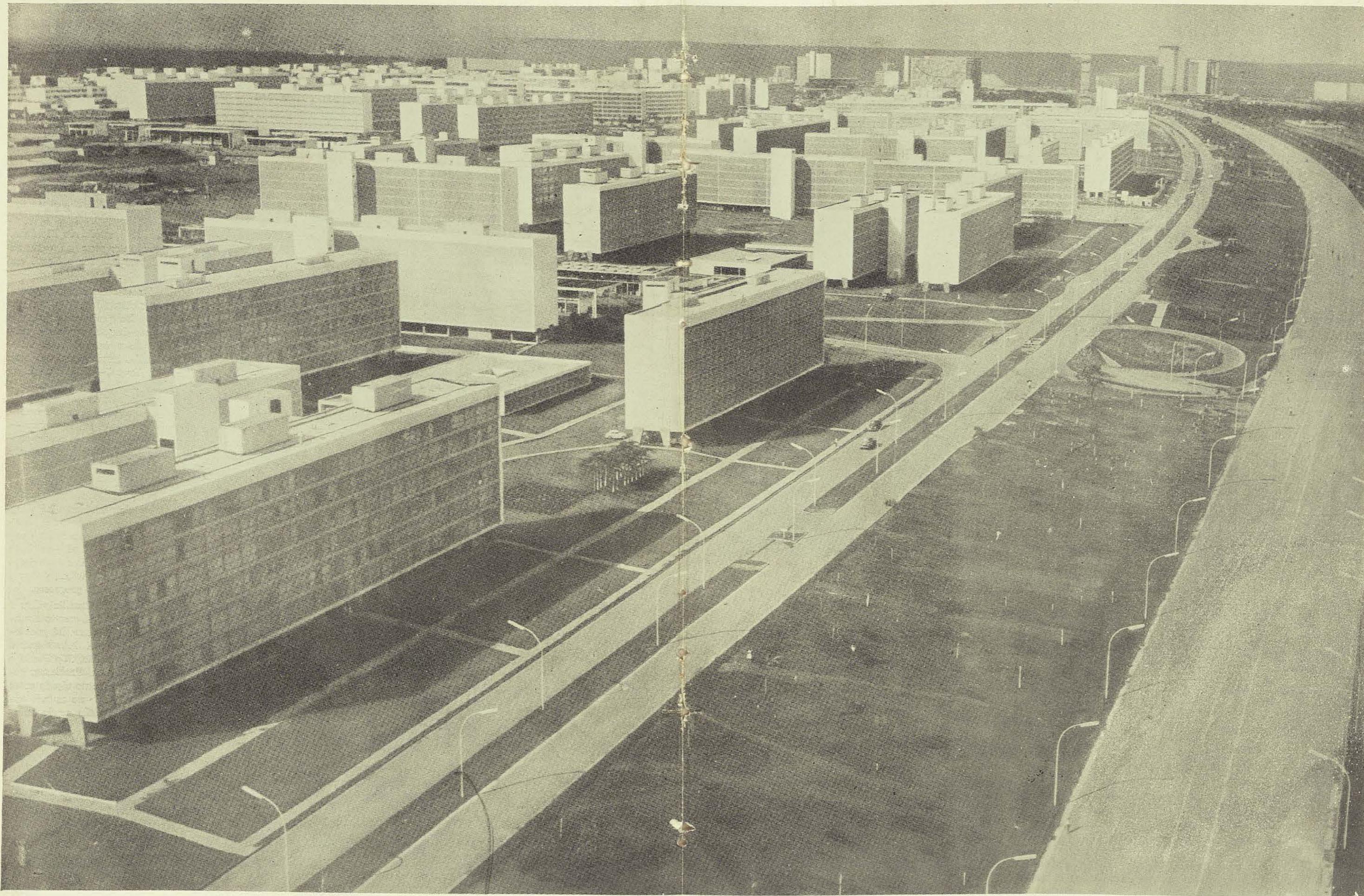
Brasília é responsável pela triplicação de nossas cintas de asfalto, modernas artérias pelas quais corre o sangue de nossa produção; e decuplicou a quilometragem de nossas rodovias interiores. Está fazendo o mesmo com as ferrovias. Breve, — dentro do plano de consolidação de Brasília — rincões afastados poderão ouvir os alegres apitos das locomotivas dieselizadas e eletrificadas, levando o progresso por — até aqui — lugarejos que não conseguiam sequer ouvir o rumor distante das “maria-fumaças”.

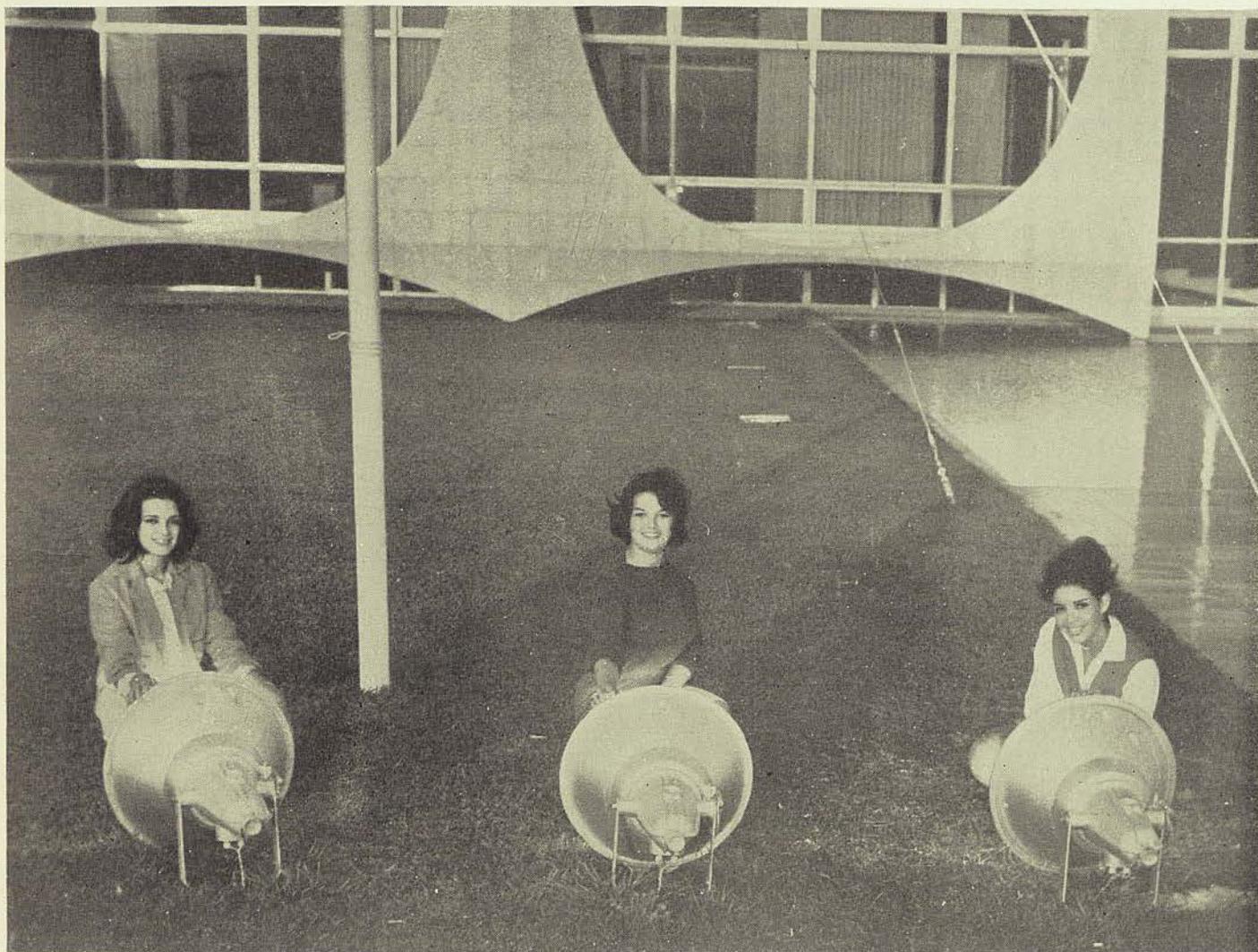
Que falar então, do transporte aéreo, solução ideal para vencer as grandes distâncias brasileiras? Onde, há cinco anos, existiam apenas pequenos campos de apoio para êsse indômito Correio Aéreo Nacional, vêm-se hoje largas faixas pavimentadas onde jatos e quadrimotores convencionais abrem suas portas despejando progresso.

A discussão de “se Brasília valeu a pena” está tão superada quanto a mudança da capital. É claro, há problemas ainda em Brasília. Mas menores que os que afligem Rio, São Paulo e outros grandes centros. Problemas gerados por um crescimento rápido como nenhuma outra cidade no mundo assistiu até hoje. E estão sendo solucionados.

Brasília encurtou distâncias. A rota Pôrto Alegre—Manaus é hoje apenas um “pulo”. Amanhã será menos. E depois de amanhã, quando uma esteira de concreto estiver ligando o extremo-norte ao extremo sul, os brasileiros poderão dizer, alto e bom-som, a frase que se encontra já nos lábios da esmagadora maioria:

Obrigado, Brasília!





BRASÍLIA TEM!

Era um domingo de sol, de tórridos flavos esparramados sôbre a Cidade Céu. Domingo dêses que Brasília nascida e criada a mais de mil metros de altitude, está acostumada a conhecer na maior intimidade. O sol que queima a pele clara da mulher bonita, que amacia o moreno pálido e inibido das beldades que habitam ao nível do mar (mas sem praia) ou das louras que desconhecem a suavidade de uma atmosfera que passeia assim tão alto num confrotante deslize ameno.

A idéia surge vitoriosa: vamos documentar a vida em todo o seu esplendor, com tôda a sua luz, o calor do

Planalto, o sorriso descontraído da mulher bonita que tem nas paisagens de Brasília sua melhor passarela. E fomos, com nossa objetiva e suas companheiras preferidas: os brotinhos de olhos castanhos, cabelos idem e desajeitados ao vento candango, malicioso e atrevido que acaricia as mais belas epidermes dêstes altiplanos distantes.

Como sempre, tivemos sorte. Nossa reportagem seria ilustrada com rostinhos encantadores, corpinhos esculturais, capazes de seduzir capas de revistas européias. Mas só as de primeira classe. Passeamos pelos clubes sociais da cidade, onde as piscinas ti-



raram casquinhas de amor em troca do prazer que ofereciam de uma água limpidamente azul. Elas, Shane, Dark e Evelyn (nomes estrangeiros que batizaram corpinhos bem nacionais) debruçaram doçura de todos os matizes sôbre a grama de um só matiz. E foi quando a natureza se sentiu realizada: na humildade verde de sua planta em harmonia perfeita com a plástica delicada dessas moças encantadoras que realizam o milagre das formas e a beleza das côres nos recantos aprazíveis de Brasília.

O Palácio da Alvorada, obra-prima de arquitetura e bom-gôsto, recebeu,

também, a visita dos brotinhos-aurora, emoldurando com suas paisagens, seus lagos, suas palmeiras vadias, o quadro que o mundo precisa ver, para nunca mais duvidar. Porque se o Brasil é o país que apresentou a mais bela mulher do universo — Ieda Maria Vargas — é, também, mundo-vanguarda de uma porção de coisas lindas que o gênio do homem soube criar...

As moças que ilustram estas linhas são apenas três das milhares que vivem em Brasília. Seus nomes, sua beleza, seus encantos espirituais, dispensam quaisquer lendas.



GENTE MIUDA FAZ ECONOMIA



Ivo Maurício de Magalhães, na inauguração da Caixa Econômica Mirim, na Escola Parque.

Já se encontra em funcionamento a Agência Mirim da Caixa Econômica Federal de Brasília, criada com o objetivo de estimular nas crianças das escolas do Distrito Federal o hábito da poupança. Por seu sentido educativo e social, a iniciativa recebeu desde logo o apóio da Superintendência de Educação e Cultura da P.D.F.

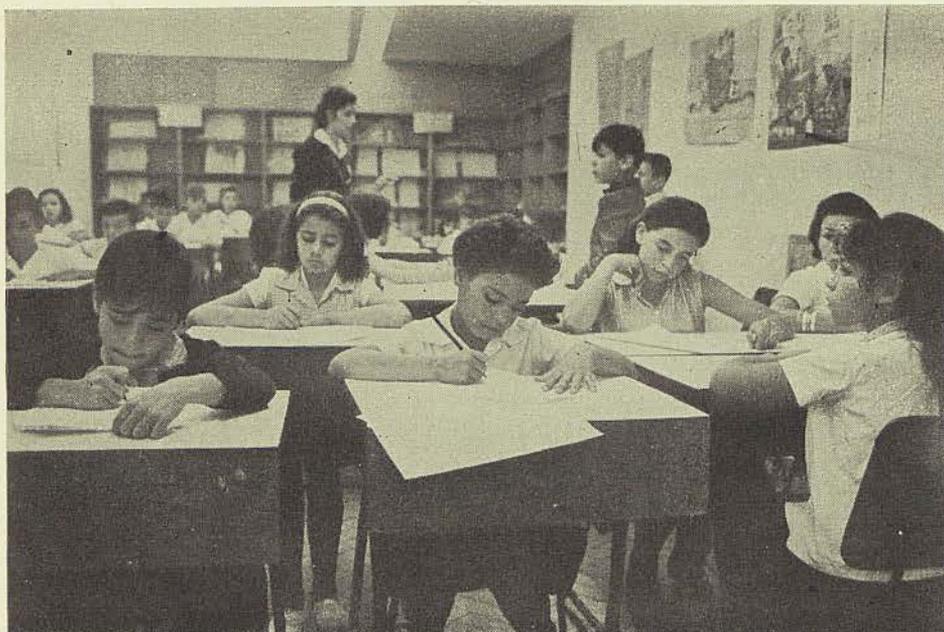
Após a instalação da Agência Mirim, ocorrida há poucos dias, decorreu uma fase preparatória, relacionada com a natureza "sui generis" do novo órgão. É que será este dirigido pelas próprias crianças, interessadas em seus serviços. Verificou-se, então, um trabalho de seleção entre os escolares, tendo sido escolhidos aqueles que melhor média conseguiram nas provas, isto é: gerente, nota 87; tesoureiro, nota 100; e auxiliar, nota 90. Dois outros mais, dentre os mais bem classificados, encontram-se nos postos, para entrar em exercício a qualquer hora.

Perante o Presidente da Caixa Econômica Federal, Cel. Joffre Lellis, e de numerosas educadoras, tomaram posse os pequenos encarregados do expediente da Agência Mirim, instalada na Escola Parque.

O entusiasmo da petizada pela Caixa Mirim está superando a melhor expectativa, sendo mesmo surpreendente o número de contas de depósitos já abertas.

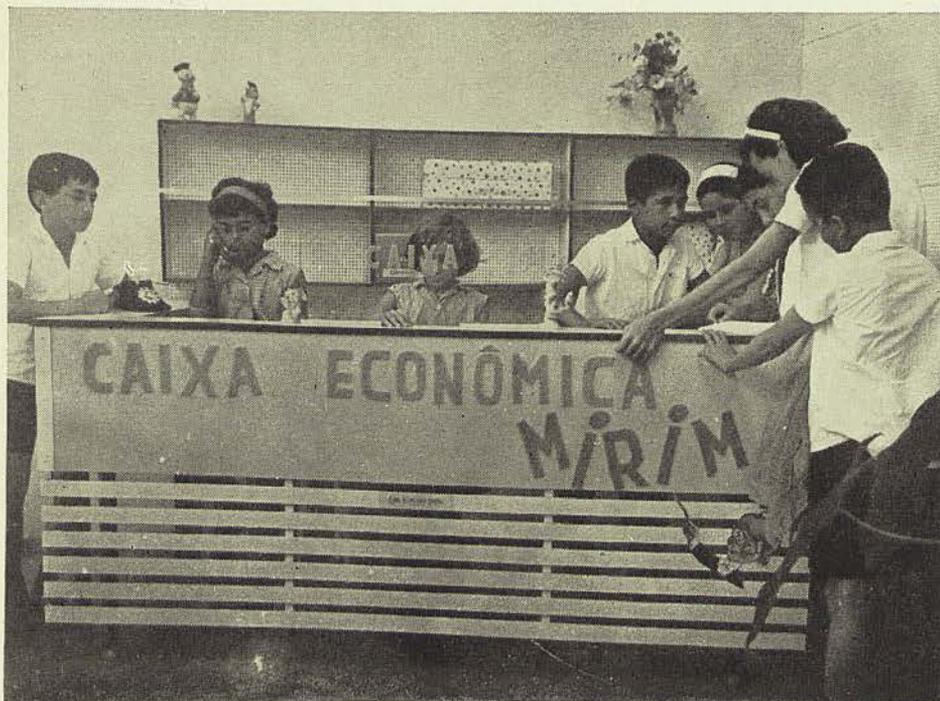
Mais um detalhe: a parte didática dessa campanha educativa foi confiada à professora Zoé Perezis, diretora da Escola Parque, que tem, assim, a seu crédito, mais um trabalho em benefício das crianças de Brasília.

Está assim constituída a direção da Caixa Econômica Mirim de Brasília: Gerente, Henrique César de Oliveira Vinha; Subgerente, Tânia Mara Andrade Marques; 1.º Tesoureiro, Maria Jacy Santos Amorim; 2.º Tesoureiro, Helton Lopes dos Santos; Auxiliar de Agência, José Henrique Fiuza Lima.



O telefone é de mentirinha. Apenas para enfeitar o balcão da Caixa, assim como os bonequinhos. Mas o trabalho, não. Esse é pra valer mesmo, porque nas oito horas de expediente, os depósitos se sucedem ininterruptamente.

Aspecto da prova de seleção entre cerca de cinqüenta candidatos-mirins, à administração e controle da sua Caixa Econômica. Dêses, cinco apenas, os primeiros colocados, foram os premiados.



NOTÍCIA HISTÓRICA SOBRE A IMPRENSA BRASILIENSE 1957-1963

por E. D'Almeida Vitor

Carece de autenticidade, porque jamais alguém logrou comprovar, a notícia da existência de um prélo, no século XVII, no Recife, durante a ocupação holandesa. É irrecusável, no entanto, o fato de, já nos albores do século XVIII, mais precisamente, em 1706, se ter ali instalado uma tipografia, por certo, contrabandeada de Portugal, para a impressão de folhetos e proclamações, do que aliás, nos dá notícia, entre outros, José Veríssimo (*in* "A Instrução e a Imprensa": Livro do Centenário — 1500 — 1900). Sua vida curta, mal se pode limitá-la no tempo. É que o Governo da Metrópole logo ordenara seu seqüestro, mandando notificar aos seus proprietários da proibição de imprimirem ou consentirem a impressão de livros ou papéis avulsos.

Já em 1747, porém, sem embargo das determinações régias, instalava-se no Rio de Janeiro, sob a proteção do Conde de Bobadella — Gomes Freire de Andrade, uma tipografia, de propriedade, sem dúvidas, do mesmo Antônio Izidro da Fonseca, que mantivera antes, outra em Lisboa (ou a mesma, trazida clandestinamente para o Brasil), pois, vários livros, que dados como impressos na Metrópole ou em Madrid, pode-se, hoje, autenticar a sua confecção no Rio de Janeiro, como comprovou-o também Alexandre Passos, que nô-los relaciona entre outros: "Relação da entrada que fêz o *excelentissimo e reverendissimo se-*

nhor D. Fr. Antônio do Desterro Malheiro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia dêste presente ano de 1747, havendo sido seis anos bispo do Reino de Angola, donde por nomeação de sua Magestade, e bula pontificia, foi promovido para esta diocese", composta pelo doutor Luiz Antônio Rosado da Cunha; / "*Hoc est conclusiones metaphysica de Ente Reali, phoeside R. G. M. Francisco de Faria... Flumine Januari*"; / "*Em aplauso do excelentissimo e reverendissimo senhor D. Frei Antônio do Desterro Malheiro, dignissimo bispo desta Cidade*", romance heróico; / *Epigramas* (11 em latim e 1 soneto em português sôbre o assunto do precedente; etc. (*in* "A imprensa no Período Colonial").

A temeridade da iniciativa de manutenção dessa oficina tipográfica na sede da administração colonial, policiada contra quaisquer manifestações de liberdades de consciência, não excederia à impressão de livros e avulsos, jamais, estimulando a edição de um jornal, face à oposição violenta da Corôa portuguesa a que se estabelecesse um diálogo entre o Reino e a Colônia.

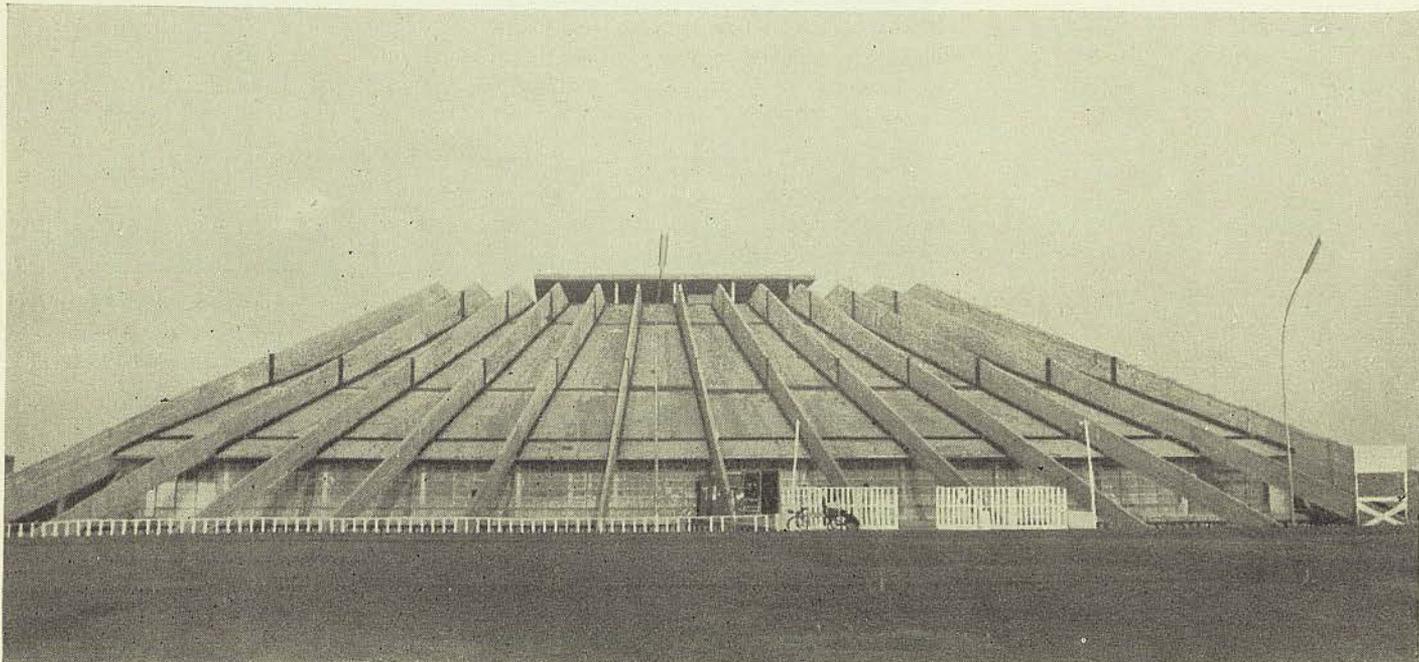
FUNDAMENTO DA PROIBIÇÃO DE UMA IMPRENSA NO BRASIL-COLÔNIA

À burguesia portuguesa, que se afdalgara com o tempo e a imiscuição nos negócios administrativos do Rei,

desde a revolução que dirigira João das Regras, em fins do século XIV, não poderia interessar nenhuma demonstração de liberdade entre os colonos americanos, como de resto, em qualquer outra dos seus domínios. Não seria essa burguesia, que financiara os descobrimentos henriquinos e, através dêles, a expansão lusitana nos séculos imediatamente seguintes, que haveria de permitir se nutrisse na seiva da liberdade de consciência, o ideal autonomista, que a administração reinó mantinha acêso no sentimento de cada luso-brasileiro da mestiçagem africana ou aborígene, espoliados, todos, em suas riquezas naturais e em seus direitos sociais e humanos. Era a riqueza exaurida da terra brasileira — quando declinou, pela competição espanhola e holandesa, precipuamente, o comércio internacional das especiarias — que alimentava o parasitismo social e econômico dessa burguesia, à qual o controle financeiro do Estado português dera fóros de fidalguia e de nobreza, concomitantemente como o exercício *de facto* do Governô.

É óbvio que a essa classe, dominante, não interessaria consentir, sob qualquer pretexto, manifestações de descontentamento popular, de revolta que, com embargo, pontilham, a nossa história política. Esse policialismo fiscal e político — conteúdo indiscutível do governô colonial, faria assim,

desfilar na passarela da História um punhado de pré-homens, aos quais, a prodigiosa força telúrica e a experiência cultural — não raro adquirida em Coimbra, transformada em ardor nativista, impermeabilizando-os para o sofrimento físico, levando-os a imolar a liberdade individual e a própria vida, em holocausto às reivindicações populares e à independência nacional. Verdade, é justo assinalar: se os portugueses, com mão de ferro, asfixiaram todos os movimentos nacionalistas através do período Colonial, chegando, mesmo, a transfigurar no sentido dêsses movimentos, como no caso da Conjura dos Alfaiates (!) — o primeiro grande movimento social sulamericano, que só tem termo de equiparação como os *comuneros* no Paraguai; não lograram, entretanto, estabelecer a consciência dêsse povo, que se formava tendo a alimentar-lhe o espírito nacionalista o ideal dos enciclopedistas, e a vigorizá-lo as experiências das Revoluções norteamericana e francesa. Permitir a êsse povo uma imprensa, seria dar-lhe armas de combate; por isso que os portugueses impediram, tanto quanto puderam, se instalasse uma imprensa no Brasil; o que somente iria ocorrer, de modo inevitável, quando as contingências históricas, transformaram a sede administrativa da Colônia em Metrópole, com a transplantação da Monarquia lusitana.



O NASCIMENTO DE UMA IMPRENSA BRASILEIRA

Isso explica a iniciativa de Hipólito da Costa, lançando em seu exílio político, em Londres, o *CORREIO BRASILENSE* (1808 — 1822), que inegável influência teria nos acontecimentos que culminaram com a independência do Brasil do jugo português, malgrado a sua procedência estrangeira. Aliás, a julgar-se cronologicamente, ter-se-á de reconhecer sua anterioridade, como primeiro jornal brasileiro, de vez que antecedeu em três meses (é de junho de 1808), o lançamento da *GAZETA DO RIO DE JANEIRO* (*), cujo primeiro número circulou em setembro desse mesmo ano, sob a direção do frei Tibúrcio José da Rocha, por iniciativa do Conde de Linhares — Rodrigo de Souza Coutinho. Resolvera este, na qualidade de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, prover a nova sede do Reino de uma tipografia, autorizando, oficialmente, a instalação da "Imprensa Régia", à qual caberia editar o primeiro jornal nacional.

Essa tipografia, quiçá trazida pelo Conde da Barca — Antônio de Araujo Azevedo, conduziu-a a náu "Meduza", da frota de transferência da família real para a América portuguesa. Constava, precisou Gondin da Fonseca, de "dois prélos e vinte e oito volumes de material tipográfico adquirido em Londres" (in "Biografia do Jornalismo Carioca"), não, necessariamente, para ser instalada no Brasil; mas, sem qualquer sombra de dúvida, destinada àquela mesma Secretaria de Estado, em Lisboa ainda não ameaçada de invasão pelas tropas de Junot.

Lançada em terra fértil, a semente do jornalismo se desenvolveria com rapidez na nova Nação surgente. E, como observou Alexandre Passos, essa imprensa que foi "iniciada em 1808, trinta e dois anos depois, já tôdas as Províncias, salvo a do Amazonas e do Paraná, instaladas depois, possuíam tipografias e jornais" (in ob. Cit.). Caberia à Bahia editar o segundo jornal brasileiro, a *IDADE D'OURO DO BRASIL* (1811 — 1823), sucedendo-se, desde então, a instalação de tipografias e jornais através do vasto Império, que se formava.

A PENETRAÇÃO DA IMPRENSA NO OESTE

A despeito das dificuldades de acesso ao Oeste — feito através das picadas abertas pelos bandeirantes em demanda das zonas auríferas na região de Goiás e Mato Grosso — já no segundo quarto do século XIX, surge a imprensa em Goiás. Como o Imperador Pedro I tivesse negado ao Presidente da Província, Marechal Miguel Lino de Moraes, a instalação de uma tipografia em Goiás naquele momento, por julgar uma iniciativa prematura, terá este influído na atitude do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, que, como assinalou José Lobo, "fez circular a 5 de março de 1830, a *MATUTINA MEIAPONTENSE* (***) em tipografia de sua propriedade, adquirida na Côte, no ano de 1829, e trazida para a então Vila de Meia Ponte, hoje, lendária cidade de Pirinópolis" (in "Contribuição à História da Imprensa Goiana 1830-1946). Até 1846, foi essa a única tipografia existente no território goiano, quando, por iniciativa particular também, foi lançada na cidade de Goiás, antiga capital da Província e depois do Estado, o periódico *O GOIANO*, de pouca e imprecisa duração. A história da imprensa goiana é, verdadeiramente, um monumento ao esforço anônimo: "desde a *MATUTINA MEIAPONTENSE*, até os nossos dias — disse-o eu, em trabalho sobre o processo cultural de Goiás — a imprensa regional representou sempre um recipiente das inquietudes culturais das diversas gerações goianas. Foi a escola de escritores e parlamentares, como foi o porta-voz dos anseios de liberdade do povo, tendo um papel jamais suficientemente louvado" (in "Uma interpretação da literatura Goiana").

Em Mato Grosso, também ainda no segundo quarto do século XIX, ocorreria a instalação da imprensa, com a inauguração de uma tipografia na antiga Vila Real de Bom Jesus de Cuiabá, que seria depois, a capital da Província. "A primeira oficina tipográfica que possuiu Matogrosso — depõe Rubens de Mendonça — foi introduzida pelo Marquez de São Vicente — Dr. José Antônio Pimenta Bueno, então presidente da Província" (in "História do Jornalismo em Mato Grosso"), que faria editar o *THEMIS MATOGROSSENSE*, a 14 de agosto de 1839 — marco inicial de um vigo-

roso esforço que se estenderia pelo imenso território, com uma imprensa periódica feita ainda agora com escasos recursos técnicos, mas, brava e atuante, sei-o por experiência própria, pois, ali, no período de 1952 a 1954, organizei e dirigi, de Campo Grande uma cadeia de periódicos liderados pelo *DIÁRIO DO SUDOESTE* (***). Menos talvez que em Goiás, entretanto, à sua vèz, têm sido a imprensa matogrossense, um espelho da sociedade regional em seu lento e difícil processo de formação; um exercício continuado de vocações das mais brilhantes de escritores, estadistas e de parlamentares.

BRASÍLIA E SEU SIGNIFICADO CULTURAL

Brasília, mais que um fato geográfico, é um determinismo sócio-histórico — econômico. Através de sua realização, tanto iria realizar-se na profecia de D. Bosco, que antevira emergir do planalto central brasileiro, uma nova civilização, um novo humanismo espiritualista — padrão de cultura; como iria propiciar a posse efetiva da terra hipoteticamente devida. E Brasília, como força catalizadora dessa fabulosa energia telúrica em ignorada latência nos limites da nacionalidade, desencadeará o movimento de que carecíamos para cumprir o nosso destino histórico como povo e como Nação.

De certo modo completado o ciclo econômico comercial, quando iniciamos o ciclo industrial, justo é que, mantidas as conquistas já obtidas, voltemos as costas a um oceano, dirigindo-nos ao outro, não com o sentido de expansão geográfica, mas pela projeção espiritual dessa cultura latino-americana de que somos vanguardeiros pelo poder de uma infra-estrutura que se renova e se amplia, exigindo tanto a busca de novos mercados consumidores da nossa produção manufatureira, como de ressonâncias dessa super-estrutura que representamos.

Brasília que era uma idéia sem forma, encontrou na obstinação de Juscelino Kubitschek o instrumento de que carecia para sua modelagem, para sua objetivação, pelo qual teria valor de perenidade. É de julgar-se que teria, desde o início do seu movimento, a apóio comum. Contrariamente, porém, a imprensa dos grandes centros do país, sentindo escapar-se-lhe

a força coatora que representava junto ao Governo central, tomou a cômoda e impatriótica posição de desmoralização do empreendimento, na tentativa de detê-lo, e manter o prestígio intacto dos grupos que a dirigem. Daí que, ao invés de implantar-se no planalto central com as primeiras fundações da cidade, trazendo os recursos da técnica de que dispõe, preferiu manter-se à distância, ignorando obstinada em seu erro, o fabuloso trabalho da construção da grande obra do nosso século.

E Brasília no entanto, aí está — monumento irrecusável à capacidade criadora de um povo — irreversível; descomunal; imensurável; antecipada à compreensão de muitos; depois do futuro!...

Por isso, o esforço por fazer-se em Brasília uma imprensa própria, autônoma, tem sido maior. Trabalho de titãs, todavia, que se compensará. Todos, e cada um, dos que têm fortuita ou permanentemente contribuído para tal, merecem respeito e consideração. É que não se contentaram em se constituir testemunhas da História, senão, que, tomando posição nos acontecimentos, têm interpretado o seu papel como personagens, mesmo, ou como *extras*, de qualquer modo, atuando efetivamente na História do futuro que é o nosso presente.

ÍNDICE CRONOLÓGICO DOS JORNAIS E REVISTAS BRASILIENSES (1957/1963)

É a reportagem retrospectiva desse esforço por se dotar Brasília de uma imprensa local, que lhe corresponde como tarefa profissional, e que procuro aqui desincumbir-me com satisfação e sem *parte pri*, ainda quando tenha tido um papel — modesto que seja — na sucessão dos acontecimentos.

Com a inauguração de Brasília (21 de abril de 1960), várias publicações foram feitas em função da própria efeméride. Já anteriormente, outras tentativas podem ser assinaladas, visando a estabelecer uma imprensa brasiliense; senão, aqueles que dispunham de recursos para tanto, ao menos, homens de boa-vontade uns, aventureiros outros, “picaretas” uns tantos, que entretanto, não podem deixar de aparecer no retrato desse esforço comum.

Não será demais que se louve o trabalho pioneiro de compôr e im-

primir com escassos recursos tipográficos, no núcleo bandeirante, uma publicação local, autenticamente brasiliense — A TRIBUNA. Posteriormente, coube aos “diários associados” estes com luxo de recursos técnicos, editar também na nova Capital, o CORREIO BRASILIENSE — cujo título se constitui uma homenagem ao seu omônimo, editado na Inglaterra por Hipólito da Costa. Por fim, eu próprio, com reduzidos meios, também lancei, compostos ex-impresos em Brasília, o DIÁRIO DE BRASÍLIA, ÚLTIMAS NOTÍCIAS e a revista semanária ACONTECIMENTOS, que a maioria das publicações do nôvo Distrito Federal procediam de fora — do Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Anápolis, ainda que com o espírito de Brasília nela impregnada de certo modo, ao menos.

1958 DC-BRASÍLIA — edição brasiliense do “Diário Carioca” — direção de Elias de Oliveira Júnior, diário vespertino, (SET., 1958), impresso no Rio de Janeiro (***) .

A TRIBUNA — direção de semanário (1958) impresso em oficina própria.

1960 CORREIO BRASILIENSE — direção de José Maria Alkmim — diário matutino, órgão dos “diários associados” (ABRIL, 1960), impresso em oficina própria, local. (***) .

O CANDANGO — direção de Mário Paiva — semanário (ABRIL, 1960), impresso em S. Paulo.

CRÍTICA DE BRASÍLIA — direção de Nelson Gatto — semanário (ABRIL, 1960), impresso em S. Paulo. Paralizada sua circulação durante 1 ano, ressurgiu (JAN., 1963), com o título de “Crítica”, sob nova direção, impresso em oficina própria, local. (***) .

CIDADE LIVRE — direção de Aquilino de Freitas — periódico (JUNHO, 1960) impresso em S. Paulo.

FATOS & FOTOS — direção de Nelson Alves — revista semanaria em fotogravura (1960), impressa no Rio de Janeiro. (****) .

INFORMADOR COMERCIAL DE BRASÍLIA — direção de Carlos Rodrigues — diário matutino (AGOSTO, 1960), mimeografado no local. (****) .

BRASÍLIA EM FÓCO — direção de Lourival Pinto Bandeira — periódico de circulação irregular (OUT., 1960), impresso em oficina própria, antes pertencente à “A Tribuna” (****) .

Cronologicamente, a primeira publicação brasileira, será a revista BRASÍLIA, órgão da Companhia Urbanizadora da Nova Capital — Novacap, cujo primeiro número, como os demais, a seguir, foi impresso nas oficinas gráficas do IBGE, no Rio de Janeiro, datada de janeiro de 1957.

Desde então, algumas dezenas de publicações surgiram e desapareceram, sendo submetidas na retorta do tempo, processo de estratificação de merecimento à sobrevivência, como abaixo as relaciono:

1957 BRASÍLIA — sem menção de diretor até o n.º 5, quando então indica como tal, Raimundo Nonato (JANEIRO, 1957), imp. no Rio de Janeiro. (***).

HORA DE BRASÍLIA — direção de Genaro Maltez (JAN. 1957), impresso no Rio de Janeiro, e, posteriormente, por alguns meses, em Goiânia, e, finalmente, de novo na Guanabara. (***).

O PIONEIRO — direção de Mozart Parada (MAIO, 1957), impresso em Anápolis (GO), apenas 1 número, comemorativo do batismo da cidade com a 1.ª Missa.

1961 — DIÁRIO DE BRASÍLIA — direção de E. D'Almeida Vítor — diário matutino (JAN., 1961), impresso em oficina própria. Tendo sido seu título indevidamente utilizado, editou posteriormente 210 números, sendo afinal recuperado pelo diretor e proprietário.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — direção de E. D'Almeida Vítor — que deveria ser uma edição vespertina do "Diário de Brasília" (FEV., 1961). 1 número.

FRONT — direção de Venelox Xavier Pereira — revista mensal (FEV., 1961), impressa em Goiânia.

ACONTECIMENTOS — direção de E. D'Almeida Vítor, Júnior — revista semanária (ABRIL, 1961), editada na oficina do "Diário de Brasília". No n.º 4, passou à direção de E. D'Almeida Vítor.

ESTRELA DE BRASÍLIA — direção de Manoel Gimenez — revista (ABRIL, 1961), impressa no Rio de Janeiro. 1 número.

JORNAL DE TAGUATINGA — direção de Paulo Linário Leal — jornal semanário (AGOSTO, 1961), impresso em oficina particular, local.

BRASÍLIA NEWS — direção de José Castro — jornal semanário (AGOSTO, 1961), impresso em Goiânia.

NÚCLEO BANDEIRANTE — direção de Joaquim C. Garcia Neto e Osvaldo Mendes Soares — jornal semanário (NOV., 1961), impresso em S. Paulo.

1962 MIRAGEM — direção de Sérgio Ivan Casalado — revista bi-mestral fotogravura (JULHO, 1962), impressa em Goiânia (****).

TRIBUNA DE BRASÍLIA — direção de J. Santiago Naud — jornal semanário (JAN., 1962), impresso em Goiânia.

REVISTA DO LAR — direção de Celson Carlos Batista de Oliveira — revista semanária (MARÇO, 1962), impressa no Rio de Janeiro.

A PENA — sem diretor mencionado — órgão dos alunos da Escola Industrial de Taguatinga (ABRIL, 1962), impresso na oficina da própria Escola.

SUA REVISTA, MADAME — direção de Rezende Filho — revista mensal (FEV., 1962), impressa no Rio de Janeiro. A partir de JAN. de 1963 com o título de "Sua Revista" (****).

W-3 — direção de Carlos Rodrigues — edição única, comemorativa do 2.º aniversário de Brasília (ABRIL, 1962), rotogravura impressa em Belo Horizonte.

7 DIAS — direção de Ruy Payrão e H. Tassis — periódico de circulação irregular (1962), impresso inicial-

GUIA COMERCIAL

SEÇÕES VARIADAS

UTILIDADES

revista do lar

ANO I — BRASÍLIA, D. F., 8 DE ABRIL DE 1962 — N.º 3

mente em Goiânia e, finalmente, em *off-set*, no Rio de Janeiro.

LIBERTADOR EVANGÉLICO — direção de Roberto Tôrres Holanda — órgão oficial da Convenção Batista das Igrejas do Distrito Federal — jornal mensário (JAN., 1962), impresso no Rio de Janeiro. (****).

SENAM — sem diretor mencionado — órgão do Serviço Nacional de Assistência aos Municípios — edição única (OUT., 1962), impresso em Goiânia.

DIÁRIO DO BRASIL — direção de José Castelo Branco Uchôa, diário matutino (OUT., 1962), impresso em oficina própria, possuindo a primeira rotativa local.

1963 — **GOIÁS** — sem diretor mencionado — órgão oficial do Escritório de Representação do Estado de Goiás — revista periódica (JAN. 1963), impressa em Goiânia. (****).

FOLHA DE BRASÍLIA — direção de Elias de Oliveira Júnior — diário vespertino (1963), impresso no Rio de Janeiro.

VANGUARDA DE BRASÍLIA — direção de Almir Gajardoni — órgão oficial das entidades das classes trabalhadoras de Brasília — jornal periódico (MAR. 1963), impresso em Anápolis (Go) — (****).

ESTRÊLA DE BRASÍLIA — direção de Manoel Gimenez — jornal em edição comemorativa do 3.º aniversário de Brasília (ABR. 1963), impresso na oficina de "Brasília em Fôco", local.

DIÁRIO OFICIAL — direção de Alberto Brito Ferreira — órgão oficial do Poder Executivo da República (ABR. 1960), impresso em oficina própria (****).

DIÁRIO DA JUSTIÇA — direção de Alberto Brito Ferreira — órgão oficial do Poder Judiciário (ABR. 1960), impresso na oficina do "Diário Oficial" (****).

DIÁRIO DO CONGRESSO — direção de Alberto Brito Ferreira — órgão oficial do Poder Legislativo (ABR. 1960), impresso na oficina do "Diário Oficial" (****).

MONITOR DE BRASÍLIA — direção de J. Guillon — revista periódica (1961), impressa no Rio de Janeiro).

MONITOR DE BRASÍLIA — diretor J. Guillon — jornal semanário (1962), impresso em oficina própria (Taguatinga), local.

Três rádio-emissoras — Rádio Nacional (do Governo da República) e

Rádio Educadora de Brasília (do Ministério de Educação e Cultura) e Rádio Alvorada (de grupo particular), e Três estações de Televisão — TV-Nacional (do Governo da República), TV-Brasília (das "emissoras associadas", do grupo dos "diários associados") e TV-Alvorada (de grupo particular), completam o círculo de imprensa de Brasília.

ENTIDADES JORNALÍSTICAS

Houve em 1959 uma tentativa de fundar-se uma Associação de Jornalistas de Brasília, que mesmo sem personalidade legal, enviou representantes à V Conferência Nacional de Jornalistas; sua única manifestação de vida, aliás.

Em 1960, profissionais em função em Brasília, fundaram a Associação dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, que se iria transformar, afinal, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, cujo primeiro presidente — Aristeu Aquiles, tem, neste momento, a responsabilidade pela organização do X Congresso Nacional de Jornalistas, que se reúne de 3 a 10 de setembro no Distrito Federal.

Posteriormente, elementos não profissionais, organizaram uma Associação de Imprensa de Brasília, entidade social, inclusa, com elementos estranhos à classe.

(*) Este jornal, teve, sucessivamente, os títulos de *Gazeta do Rio* (1821), *Diário do Governo* (1823), *Diário Fluminense* (1824), *Correio Oficial* (1833), *Gazeta Oficial do Império do Brasil* (1846), tomando, a partir de 1862, o título de *Diário Oficial*; sendo, destarte, o mais antigo jornal em circulação no País.

(**) Deixando de existir em 1834, no ano seguinte, o presidente da Província — coronel José Rodrigues Jardim adquiriu a tipografia para o governo provincial, transferindo-a para a cidade de Goiás sob a razão de "Tipografia Provincial", por Lei de 1836; cabendo-lhe editar o *Correio Oficial* (1836 — 1851), sob a direção inicial de Mariano Teixeira Santos. Recebendo, posteriormente os títulos de *Gazeta Oficial de Goiás* (1855), *Correio Oficial*, até 1890, quando, por ato governamental, encerrou a sua atividade.

(***) Concomitantemente com o "Diário do Sudeste", no período de 1953 — 1954, ali editei os semanários: *Frenteira* (Ponta Porã), com Freire, *Jornal de Dourados* (Dourados), com João Capilé, *Crítica*, à qual sucederia a *Folha Cuiabana* (Cuiabá), este, bi-semanário, com Rubens de Mendonça, e o semanário *Sudoeste esportivo* (Campo Grande).

(****) Ainda em circulação.

(Agosto, 1963)

Lélio Graça

Um refrão popular nos ensina que NINGUÉM PODE DAR O QUE NÃO TEM, ou, simplesmente, CADA UM DÁ O QUE TEM. O que maldiz tem, incontestavelmente, a maldição dentro da própria vida. Só os que possuem um coração cheio de bênçãos são capazes de bendizer.

Ao iniciarmos hoje esta secção — BRASÍLIA EM TÔDA PARTE — nesta segunda fase de nossa revista, o fazemos com o propósito de levar aos nossos leitores o bem que se diz de Brasília, pelo Brasil e pelo mundo, inclusive a crítica construtiva e sensata. Desprezaremos a maledicência da gente *soi-disant* de alto gabarito que procura depreciar a obra do século e ainda tem o desplante de escrever: “nunca vi Brasília, mas falo por ouvir dizer.”

A estas pessoas infladas de sabichonice litorânea levaremos os esplendores de um mundo nôvo que está nascendo ao longo da Belém—Brasília, da Fortaleza—Brasília, da Ácre—Brasília, tôdas convergindo para a Capital da Esperança, gigantesco helianto que floresce a cada dia, no centro dêste imenso jardim que é o Brasil. E êsse grande Brasil há de, em breve, frutificar em felicidade para seus filhos, pobres e ricos, a despeito dos demagogos e dos reformistas primários que andam ai esquecidos de que a missão de Brasília é a de reformar o homem, a de fazer nascer o BRASILEIRO BRASILIENSE, entusiasta do trabalho e do progresso técnico sem descurar a fulguração do espírito que tem sido a nossa característica dominante desde Anchieta e Paes Leme até Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

A Capital da República veio para o Planalto, para o coração do Brasil

a fim de se transformar em cérebro das decisões nacionais e o que deve prevalecer neste cérebro é a imensidão inspirada na grandeza e na doçura da paisagem; o espírito cristão que se vivifica no azul puríssimo dêstes horizontes infinitos, e o amor humano que a lição magnífica de nossa história impõe com força irresistível. Aqui não deve haver lugar para maldizentes e caluniadores e os brasilienses devem ficar alertas para esmagar a semente dessa praga que tanto tem infelicitado o Brasil.

Promovamos Brasília com êsse espírito e dentro dêsse espírito de brasilidade, de bondade, de paz e amor fraterno.

Que todos os nossos patrícios busquem conhecer Brasília com êsse espírito, obedecendo ao apêlo de um candango, modesto funcionário de uma companhia construtora que nos escreve: “devia existir uma lei que obrigasse todo o Brasileiro a conhecer a Capital de seu país”. E eu acrescentaria: é preciso também conhecer o espírito de Brasília, as razões profundas de sua existência como Capital da República, ampla e ricamente justificada em nossa história desde os Autos da Devassa até Lúcio Costa e tão bem sintetizada na famosa oração de Malraux: “O SÍMBOLO DA RESSUREIÇÃO DA NOBREZA EM NOSSAS VIDAS”.

Hoje quero trazer aos nossos leitores um depoimento precioso de um dileto amigo. Trata-se de Frei Daniel, filho de São Francisco de Assis, um apaixonado da educação da juventude que tem licença especial para, nos acampamentos, despir o burel côr de melado e vestir a farda escoteira e arrebatar a nossa infância e a nossa mocidade para os caminhos de Deus.

Ainda há pouco Frei Daniel estêve em Brasília, para uma visita de três dias. Ao chegar à Guanabara, de volta ao seu Convento de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, encontrou os seus irmãos franciscanos em alvorôco por que acabavam de assistir a um filme sôbre Brasília, tomado por um cinegrafista alemão. E aqui estão alguns trechos da carta, longa e substancial, que Frei Daniel nos escreve: “Os confrades me receberam com barulho informando-me que na mesma noite haviam estado em Brasília através de um filme alemão. Mas quando viram minhas fotos gigantes e ouviram minha descrição da nova Capital, concordaram em que o filme era contraproducente. É muito velha a verdade: “O decisivo é o ponto de vista razoável cuja escala desce até o irracional”. E em tal escala de pontos, infelizmente, a má vontade, o preconceito e o pessimismo têm o seu “ponto-de-vista” para fotografar Brasília”. E mais adiante: “Oxalá a verdade sempre vencesse falsos conceitos como as minhas poucas fotografias e as minhas palavras o conseguiram. Desta vez foi fácil “converter” uns dez confrades para a fé em Brasília. Realmente, o que não se conhece não se pode apreciar e muito menos amar.”

“Nos cinemas da Inglaterra, em cada filme, aparece em technicolor, invariavelmente, a Rainha sob os acordes do hino nacional, martelando na memória de todos a beleza e a majestade da soberana. Não seria interessante que assim também se mostrasse, através dos cinemas brasileiros, um pouco da nova Capital em côres da madrugada fresca, do meio-dia, solar, das vésperas purpurinas e das noites iluminadas, nos mil encantos revezados de Brasília, o coração do Gigante que desperta?”

A REDENÇÃO DA AMAZONIA TRAÇARÁ OS DESTINO DO BRASIL

Augustus Gribel

Espanta, com justas razões, a opinião mundial, nesta época de conquista do espaço e de viagens inter-planetárias, a existência de uma fabulosa região do globo terrestre, com uma área de 5.031.833 quilômetros quadrados, quase que completamente desconhecida da civilização. E é tanto mais justificado esse espanto geral do mundo que procura conquistar outros mundos, quando observa que aquela imensa região inexplorada da terra está situada numa planície magnífica, cortada por fabulosos rios navegáveis.

Outrora, as grandes civilizações que floresceram, na antiguidade e nos tempos, modernos, tiveram sempre, como fator maior de sua expansão, os grandes cursos d'água, as bacias hidrográficas. Assim foi na Mesopotâmia, como nas cidades européias que encarnaram as nações dos tempos mais remotos e, mesmo, na América. Eram os rios Tigre e Eufrates, o Tibre, o Sena, o Tamisa, o Reno, o Danúbio e, também, o Mississipi. Só o fabuloso Amazonas, o maior curso d'água do mundo, colocado na planície imensa de florestas incomensuráveis, ficou, apesar de tudo, séculos e séculos, sem civilização e sem história. Foram necessários mais de 450 anos depois do descobrimento do Brasil para que esta Nação despertasse aquele gigante que estava adormecido há milênios. Haviam passado já 330 anos da fundação da Cidade de Belém quando se cogitou, pela primeira vez, de uma legislação específica para a conquista daquela área que era mais da metade do solo pátrio. A resultante, depois de estudos e debates que duraram sete anos, foi a Lei n.º 1.806, que criou a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, com a finalidade de promover o desenvolvimento da vasta região, através do fomento da produção agro-pecuária, dos meios de transportes, do saneamento e da colo-

nização, do aproveitamento dos recursos minerais e da incrementação da indústria de matérias primas da região.

O fabuloso Rio—Mar, como centro de todo um sistema de transportes fluviais, rodoviários e ferroviários, está destinado a promover a redenção da Amazônia, que, mesmo hoje, no seu primitivismo, vive dêle. Será no futuro, fatalmente, o celeiro principal dêste mundo super-povoado. E a Amazônia, que hoje está importando tudo de que tem necessidade para a sua vida diária, principalmente os gêneros alimentícios que socorrem a sua população e lá chegam a preços elevados, está cercada de tôdas as esperanças dos brasileiros para vir a ser o centro de abastecimento da população mundial, que atingirá a casa de muitos bilhões de almas no ano dois mil. Talvez por essa razão um dos redatores de "Le Figaro", de Paris, proclamou que Brasília será a Capital do Mundo no Ano 2.000.

A interiorização da Capital Brasileira, cumprindo uma destinação histórica, cercada pela profecia de um Santo e pelas teorias filosóficas de Pietro Ubaldi, completada com as estradas Brasília—Belém e Brasília—Ácre, a primeira com 2.200 quilômetros e a segunda com 3.335 quilômetros, 2.500 dos quais, nas duas rodovias, em matas virgens, será o passo decisivo para a integração da outra metade do Brasil no seu patrimônio de conquistas e de civilização. E tudo será realidade, no dia em que os recursos, as máquinas, os técnicos e os trabalhadores afluírem para a Amazônia, na maior das epopéias já realizadas por um povo valente e decidido a cumprir o seu destino de grandeza, distribuindo paz e felicidade por tôdas as nações, sem discriminação de raça. E então, a profecia de Dom Bosco se cumprirá em tôda a sua extensão: "será uma riqueza sem par".

MISSÃO DO RÁDIO EM BRASÍLIA

DESDE 1958 IRRADIAMOS AO MUNDO

A difusão da nova capital foi complementada com a dedicação dos construtores da sua primeira emissora.

Brasília ainda estava em projeto de capital, quando o presidente Juscelino Kubitschek viu a necessidade de dotá-la, também, de uma eficiente estação de rádio. Seria nos moldes da Rádio Nacional carioca — oficiosa e precisa — para dar ampla cobertura a todos os movimentos da edificação de Brasília.

Foi quando surgiram nesta cidade os homens que levantariam, pouco depois, a obra radiofônica de vulto que aí está. Comandados por Leony Mesquita, começaram a preparar o aparecimento da Rádio Nacional de Brasília, entre outros, Sérgio Dias, Ruy Carneiro, o repórter, Américo Fernandes e Duílio Almeida, todos vindos da então Capital Federal para propagar Brasília aos quatro cantos do país e do mundo.

Houve familiaridade, houve disposição e houve ardor, garantindo o êxito absoluto da tarefa, e a primeiro

de maio daquele ano, a primeira transmissão da Nacional de Brasília ocorria, por ocasião da visita que fazia à Obra do Século o presidente Alfredo Stroessner, do Paraguai. Era a primeira mensagem de fé do rádio brasiliense, engatinhando no canteiro de obras que, naquela noite, estava ornamentada pelo que havia de mais expressivo na vida local.

INAUGURAÇÃO

A 31 de maio de 58, ia oficialmente para o ar a Rádio Nacional de Brasília, com sua penetração nacional fartamente comprovada, conforme a correspondência mandada de todo o Brasil. Daí por diante, nenhuma solenidade, nenhum passo de JK ficava sem a cobertura da emissora caçula, com a modesta apresentação de seus locutores e repórteres, misturados aos "candangos", com eles plenamente identificados.

Reportagem de Zair Cançado

Fotos de Edson Januzy

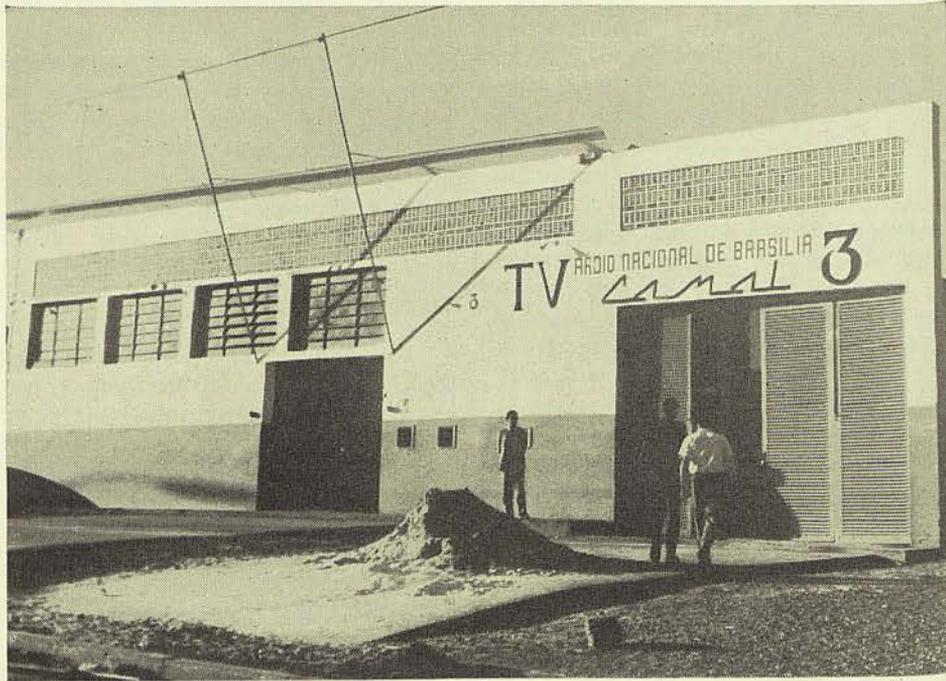
TELEVISÃO

A nova séde do governo — inaugurada a 21 de abril de 60 Brasília — não podia ficar sem a imagem da televisão. Foi então importada diretamente dos Estados Unidos a aparelhagem da TV Nacional, avaliada em 200 milhões de cruzeiros. E hoje, juntamente com duas outras estações de TV, a Nacional proporciona ao governo a cobertura necessária, muito embora a aquisição do elemento artístico na época tenha sido tarefa árdua,

mas realizada com a semente do idealismo que sempre constituiu o traço marcante de Brasília.

De um modo geral, a vida dos radialistas de Brasília, vem sendo uma constante de dedicação e amor à arte, que superam, mesmo, a ambição financeira. Os percalços surgidos não causam aos trabalhadores radiofônicos aqui chegados há cinco anos, qualquer arrefecimento, e pelo contrário, eles continuam conclamando os brasileiros em geral, à colaboração com a obra de Brasília.

Fachada da primeira emissora da nova capital — a TV-Rádio Nacional, fruto da abnegação de um grupo de radialistas aqui chegados em 1958.



A TV-Brasília é outra estação de televisão de Brasília.



ARTES PLÁSTICAS EM BRASILIA

Esdras Silveira

Ao iniciarmos esta coluna procuraremos informar aos aficionados das ARTES PLÁSTICAS sobre as atividades que ora desenvolvem os artistas, na pintura, escultura, cerâmica, etc, como nos demais setores da plástica em geral.

Tanto quanto possível, esta coluna será informativa, procurando, entretanto, fixar em pequenas biografias, a vida e os trabalhos de artistas em Brasília.

Não daremos caráter de pioneirismo a nenhuma delas. Declinaremos com a exatidão possível a data de chegada e atividades desenvolvidas. Quanto à ordem de publicação dependerá, apenas, da facilidade em ser encontrado o entrevistado.

BIOGRAFIA EM DESTAQUE:

FELIX ALEJANDRO BARRENECHEA AVILÉS

Nascido em Huanta, Departamento de Ayacucho, Peru, está radicado em Brasília desde 1958. Inicialmente, executou trabalhos a óleo, goache, etc., fixando aspectos da vida e da paisagem do Planalto. No decorrer da construção da Nova Capital, manteve uma escola de Artes Plásticas na Av. W-3, chegando a ter matriculados cerca de 104 alunos, principalmente crianças. Felix Alejandro, grande cultor da Mitologia Incaica, procurava interessar seus alunos na beleza dos trabalhos em cerâmica, desde que neles notasse o pendor natural para a modelagem.

Barrenechea, diplomado professor de Artes Plásticas pela Escola SUPERIOR DE BELAS ARTES, de Lima, mantém atualmente sua Escola de Artes Plásticas de Brasília, à Av. W-3/Q 21/Bloco 3/ Casa 19, onde leciona, expondo também seus trabalhos de arte, contemporânea, para visitação.

PRÊMIOS: — 1.º Premio da Escola de Belas Artes de Lima, 1946; 2.º premio no salão de Verão de Ancon -1947; Premio de honra no Salão de Estudantes de Artes Plásticas da Argentina, 1952; premio único a estrangeiros no 43.º Salão de Artes Plásticas do Ministério de Educação da República Argentina, 1953; 1.º premio e Medalha de ouro em Pintura no 4.º Festival Universitário de Arte em Belo Horizonte; tela SUYARIC, 1.º premio e medalha de ouro em artes decorativas no mesmo festival, com a obra KAPULI; premiado nos V e VI salões de arte moderna de S. Paulo.

Exposições: — Lima — Salão de Primavera de 1946; Ancon — Salão de verão — 1947; Buenos Aires — Galeria Peuser — 1952; Buenos Aires — Kraid — 1954; Belo Horizonte — Biblioteca Thomas Jefferson — 1955; X salão de Belas Artes da Prefeitura de Belo Horizonte — 1955; Instituto de Arquitetos do Brasil — São Paulo — 1956; Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1957.

ARTE DE BARRENECHEA: — “Apoiando-se na temática de seu país e, nos emaranhados da Mitologia Incaica, Barrenechea não adota, disso, uma técnica pré-colombiana, nem se atém aos mesmos ritmos e impulsos da imagem e de expressões de seus antepassados. A sua cerâmica — quase exclusivamente antropomórfica — é uma mensagem de vida contemporânea. Barrenechea transmite-nos relatos da vida humana quotidiana com a mesma intensidade e espontaneidade com que os Incas documentaram seu “modus-vivendi”. B. Castelo Branco — Acrópole”, n.º 213 — julho de 1956.

1.ª Exposição em Brasília — abril de 1959.

COMENTÁRIO: — Dia a dia, sentimos o incremento aplicado às artes em Brasília.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL, vem, seriamente emprestando sua colaboração aos artistas aqui radicados e de outros estados, proporcionando-lhes meios indispensáveis para exporem seus trabalhos na Galeria do Hotel Nacional, que tem se transformado, quase oficialmente, no centro cultural da Capital.

Diversos pintores, desenhistas e gravadores, vêm, com bastante sucesso, expondo naquela Galeria.

É lamentável todavia, que a Fundação Cultural, através de seu Departamento Competente, não tenha ainda procurado dotar Brasília, de um salão apropriado, em local mais acessível ao grande público.

Aproveitamos a oportunidade, para sugerir ao Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal, criar, a exemplo das grandes metrópoles do país, o salão anual da Prefeitura, com prêmios em dinheiro e menções honrosas, proporcionando incentivo aos valores aqui radicados e aos novos que desabroçam.



A BICO DE PENA

H. Tassis

O BEIJO DA VIDA

Meiga,

sei que estás em tôda parte, onde existe, amor, sofrimento e vida. Por isso peço a indulgência dêste instante para estar contigo, já que não posso fazê-lo pessoalmente.

Sim, minha doce amiga: sou eu mesmo que te escrevo. E é para ti que escrevo, Meiga, daqui dêste silêncio imenso que nos separa, para dizer que estimo que estejas bem, cercada dos que te são caros e sejas tão pura, generosa e boa como uma bênção do céu, como ternura de mãe.

Eu estou bem, e isto me basta. Cuida de ti e, quando dormires, repousa como te imagino para sonhar lutando pelo amanhã melhor que eu te dese-

jo, pois se querer bem como eu te quero tem algum valor, tu possuis uma fortuna dentro dêste amigo coração que te guarda e não te esquece.

Ah, minha suave amiga, tem andado muito triste e agitada a minha pobre alma e muito aflito o meu velho coração: porque tenho muito amor à humanidade, aos nossos irmãos de tôda parte, e a todo instante sofro ante a incerteza do futuro, a fome e o desespero que estiolam gerações imensas. E ontem, Querida, andei vagando pelas ruas vazias de cidades sem alma, sem vida, sem alegrias. E vi muita criança sem amparo, sem esperanças no futuro que as aguarda; contemplei uma rosa vermelha emurchecida; encontrei um cãozinho enfermo; vi muita gente humilde sofrendo; escutei as últimas notas de u'a



música envolvente; e aceitei o convite espiritual do bronze da Igreja do "Padre Roque" que repetia: blimplim-plan — Ave-Maria — em pleno coração do crepúsculo candango.

Vês, Querida, como estou triste hoje? E esta tristeza, meu bem, põe na minha bôca o gôsto amargo das mágoas físicas e morais que afligem a humanidade, os nossos irmãos, aqui perto e longe de nós, também. Sei, entretanto, que o teu coração concorda comigo quando enxergamos com os olhos da alma e sentimos com dor tôdas as dores que andam alhures, ferindo a quem é mais fraco do que nós... os humildes, pobres e infelizes.

Sei que o amor de mãe que o teu sentimento alimenta desde o berço, sofre comigo sentindo o destino incerto da infância pobre, fraca, subnutrida e doente dos nossos dias. Sei que a tua bondade sente comigo não poder salvar as crianças desamparadas e preparar com carinho a formação das gerações futuras, conduzindo-as pelo caminho do bem e do trabalho honesto que constrói prosperidade e gera felicidade coletiva. E por isso sei que a tua alma entende a minha tristeza e se irmana na minha angústia.

Sei que a meiguice dos teus cuidados e o carinho especial que dedicas às flôres não teriam deixado fenecer a linda flor que pendeu na haste depois de haver dado vida, colorido e suave fragrância ao jardim florido. E por isso a tua sensibilidade analisa comigo a vida efêmera da rosa que foi tão bela, encerrou tanta poesia e morreu entre vascas de agonia à luz dos olhos do mundo.

Sei que o teu amor aos animais domésticos pensaria as feridas do cãozinho doente e os teus cuidados haveriam de minorar o sofrimento do pobre animalzinho. E por isso o teu pensamento busca comigo um meio de proteger os animais que são nossos fiéis amigos.

Sei que o teu imenso e dedicado amor ao próximo é igual ao meu no desejo incontido de proteger os humildes e amparar os desamparados, reajustando os desajustados. E por isso a ternura do teu coração me auxiliaria a levar um pouco de conforto físico, moral e espiritual para os necessitados que encontrei pelas ruas e lugares tristes, chafurdados na misé-

ria, doentes de fome, sem esperanças em dias melhores.

Sei que a magia que embala o teu pensamento sublime se enleva nas asas da arte para o domínio da música suave, da poesia pura, da ternura que ameaça e entenece os corações na hora do belo e do esplendor. E por isso nossas almas se embalam ao som da doce melodia que roçou meus ouvidos quando a tarde descambava tôda envôlta em nostalgia.

Sei que a tua formação cristã faria com que te recolhesses em silêncio, na atitude piedosa de quem reza, e os teus lábios, como os meus, murmurariam orações sinceras na hora do anoitecer. E pediríamos mais em favor da humanidade, pela redenção do mundo, pela vitória do Bem sôbre o Mal, do que em benefício nosso.

E como sei que as nossas afinidades se sorriem, se abraçam e se harmonizam em busca do Ideal, eu gostaria que estivesse aqui, hoje, comigo. Eu haveria de segurar-te pela mão e levar-te para um belo e longo passeio. E iríamos, brincando de passarinho, beber sol de madrugada nas frondes dos buritis.

Mas faz tanto tempo que te não vejo, nem te falo, nem te escuto, que é certamente por isso que hoje sinto tanta saudade de ti e uma vontade viril de te ver, de te falar, de te ouvir, saber de ti e estar contigo. Por isso eu gostaria de estar contigo onde está o meu pensamento: ali, onde não medra a semente do vício, onde não vingam a semente do mal; onde não chovem insultos, não sopram improperios, não existe lama de inveja nem poeira de perversidade, nem ódio ou corrupção, nem mediocridade ou traição.

Quisera estar contigo onde os pensamentos bons se fortalecem, as palavras amigas se mesclam e as almas afetivas se compreendem na mais bela linguagem do amor que os sentimentos sadios acolhem na seara fértil da sinceridade humana.

Quisera estar contigo onde as alegrias espontâneas regorgitam, os pássaros cantam, as crianças brincam, as flôres se pintam, os regatos tagarelam, as brisas são suaves e as criaturas que se amam, ao contato da natureza, chegam perto das estrêlas e se fundem no Nirvana.

Quisera estar contigo na hora em que Deus pintou, há séculos a alvorada e há pouco o sorriso teu! Quando acendeu as estrêlas e deu brilho aos olhos teus! Eu quisera estar contigo na hora de se querer bem... no instante de ser feliz...

Eu quisera estar contigo aqui, aí, em tôda parte, triste ou alegre, na ventura ou na adversidade, firmes no mesmo espírito de renúncia e reciprocidade, unidos no mesmo ideal, junto no mesmo abraço e felizes no mesmo amor!

Eu quisera estar contigo, encontran-

do-te em mim e me encontrando em ti: na compreensão total, nas virtudes e nos defeitos, no amor que não cansa, na amizade sem reservas, no bem-querer sem pejo e na lealdade sem fronteiras!

Eu quisera estar contigo, porque a alegria do teu rosto e os infinitos encantos do teu espírito me bastam para ser feliz.

Deixa-me, pois, Querida, sorver nos meus lábios, da bôca que é tua, o beijo da vida!

Carinhosamente,

Tessis



HISTORIAS QUE A VIDA

ESCREVE:

O AFOGAMENTO DE UM SONHO

Guaracy Oliveira

Apenas um detalhe — sem nenhuma importância para outras pessoas — foi o bastante para que o coração de Dona Francisca pulsasse mais forte e ligeiro: uma revoada de urubus.

Era um dia cinzento, de nuvens pesadas e esquisitas. Lá no alto do morro, centenas de casebres desalinhados abrigavam milhares de famílias pobres, famintas, maltrapilhas. Os homens, quase todos sem emprêgo, faziam ponto na porta dos botecos; as mulheres, na estupidez da faina diária, carregavam latas d'água sôbre a cabeça e depois iam lavar a roupa (não... os trapos) ou cozinhar feijão para os filhos; crianças barrigudas e nuas transitavam pelos caminhos, na ilusão de que estavam brincando. Caras mal-deseenhadas falavam da tristeza crônica dos que vivem por insistência, desprezados e esquecidos pelo monstro ilustrado que é o homem da cidade e do asfalto. Mas o quadro dantesco e verídico daquela comunidade tinha moldura dourada, rara de se ver onde existe muita luz, muito conforto, muito riso. Era um quadro feio, emoldurado de um amor bonito, de um amor dourado: o amor ao próximo, ao semelhante.

Durante três dias o morro chorou, fazendo côro ao pranto de Dona Francisca, que chorava ante a expectativa louca de nunca mais beijar o rosto de Alim Pedro, seu filhinho de nove anos de idade — um homenzinho que todos os dias saía de casa depois do almoço, levando os quinze doces de queijo e de amendoim que sua mãe fazia, para no fim da tarde voltar, trazendo cento e cinqüenta cruzeiros. Que serviam para comprar sua roupinha e seus cadernos e livros.

Por isso, ao ver os urubus em ronda sinistra, Dona Francisca não pôde guardar o pensamento trágico que lhe assumiu o espírito já cansado e maltratado. E gritou:

— “Deus do céu, será que êles vão comer o meu filho?”

Sem esperar mais nada, partiu correndo em direção às aves de rapina — negras e covardes beneficiárias da morte. Vizinhos, amigos e um outro filho menor seguiram a trajetória alucinada daquela pobre mulher. Mas não era Alim Pedro que os abutres queriam comer. E Dona Francisca voltou.

As dez horas da manhã, Lino de Oliveira, vigia de uma chácara, tirava areia à beira do córrego Riacho Fundo, quando teve sua atenção desperitada para “uma coisa que a corren-

teza trazia”. Aproximou-se e com o auxílio de uma concha puxou para a margem do riacho “aquela coisa”. Era o corpo de um menino que boiava, ao sabor da água imunda. Era Alim Pedro, não havia dúvida, todos o conheciam no lugar.

Lino largou seu trabalho e correu em direção à casa de Alim Pedro, com a responsabilidade idiota de transmitir a notícia cretina. No caminho, porém, estacou instintivamente, e pálido e mudo encarou o homem que estava diante de si, ficando-o com olhar duro. Êsse homem era João — o pai do menino-homenzinho, que sem dormir um minuto em três dias, caminhava sem rumo, sem qualquer orientação, mato-a-dentro, buscando encontrar o filho — a última análise, a concretização, a verdade de seu sonho de pai.

— Diga de uma vez... onde está meu filho?

Sem poder responder, Lino baixou a cabeça e pegou João pelo braço. Chegando ao local, João caboclo mineiro e forte, reclinou-se e beijou a cabeça gelada de seu filho morto. E seus olhos vermelhos libertaram o pranto dóido, injetado de saudade, que foi se juntar à roupa molhada de água assassina no corpo de Alim Pedro. Depois, tomando-o nos braços, fêz o caminho da casa onde nasceu e viveu nove anos o menino. À sua chegada, as cenas tiveram a dimensão exata da loucura humana. Hoje, passado algum tempo, ainda perdura a dúvida: Alim Pedro caiu ou teria sido jogado no riacho? Sabe-se apenas que um homem de vinte dois anos macconheiro e perverso, teria mantido com o garoto violenta discussão, ao ter que pagar dez cruzeiros pelo doce que comera. Fato ocorrido a alguns passos do riacho, segundo nos contou uma testemunha mirim — José Maria — amiguinho de Alim Pedro.

As primeiras investigações, a Polícia desistiu, dando-se por vencida na elucidação do caso. E nós, que acompanhamos também (e bem de perto) os três dias de sofrimento e de angústia vividos pelo morro das Mercedes, sentimos na alma o pêso da real brutalidade, ao ver descer à pequena sepultura o corpinho de Alim. Quando ouvimos, em sussuro molhado, a voz débil que falou da consumação total do afogamento de um sonho. De um sonho dourado chamado Alim Pedro.

Era um fiapo da voz de Dona Francisca...

BRASÍLIA DE HOJE, BRASIL DE AMANHÃ

José Júlio Pontes Corrêa

Brasília atinge sua maioridade com pouco mais de três anos de vida. Com uma coletividade que apresenta índice de trabalho sem par no mundo, Brasília agiganta-se; não se transforma, porque não há o que mudar. Tudo em Brasília foi objeto de acurados e profundos estudos. Cidade planejada por excelência, Brasília constitui-se na maior prova de capacidade de técnicos e operários brasileiros.

Concluída a primeira fase da implantação da Capital da República, inicia-se uma nova. Brasília teve planejamento e construção; Brasília tem agora, consolidação.

Abrigando uma população muito maior que a inicialmente prevista, a Capital da República ampliou ainda mais os seus horizontes; não se acovardou ante o imenso interesse dos brasileiros pela "obra do século"; abandonou, de bom grado, a estimativa de 50 mil habitantes para o primeiro lustro; tornou-se campo propício para as atividades da iniciativa particular. Não se conformou em ser apenas a cidade estatal. Alargou suas portas e abriu os braços a todos quantos queriam colaborar com o seu progresso e o seu desenvolvimento.

Não se tomem por obra de Brasília somente os edifícios de concepção arrojada que quebraram a monotonia da paisagem do cerrado. As estradas, rasgadas no sólo até então palmilhado somente pelos Bandeirantes, as pistas de pouso abertas em meio à densa flo-

resta, os núcleos de habitação criados à margem das rodovias, o progresso e a moderna técnica entrando pelos ser-
tões de um território inexplorado, creditam à mudança da Capital da República um acervo do qual o Brasil está começando a se orgulhar.

Consolidada, Brasília dará muito mais ao país a começar por uma vida condigna para centenas de milhares de brasileiros até então olvidados. A mil quilômetros da faixa litorânea inaugurou-se uma nova concepção de vida: Brasília entusiástica pelo trabalho de seus filhos adotivos que ali chegaram muito antes que ela nascesse.

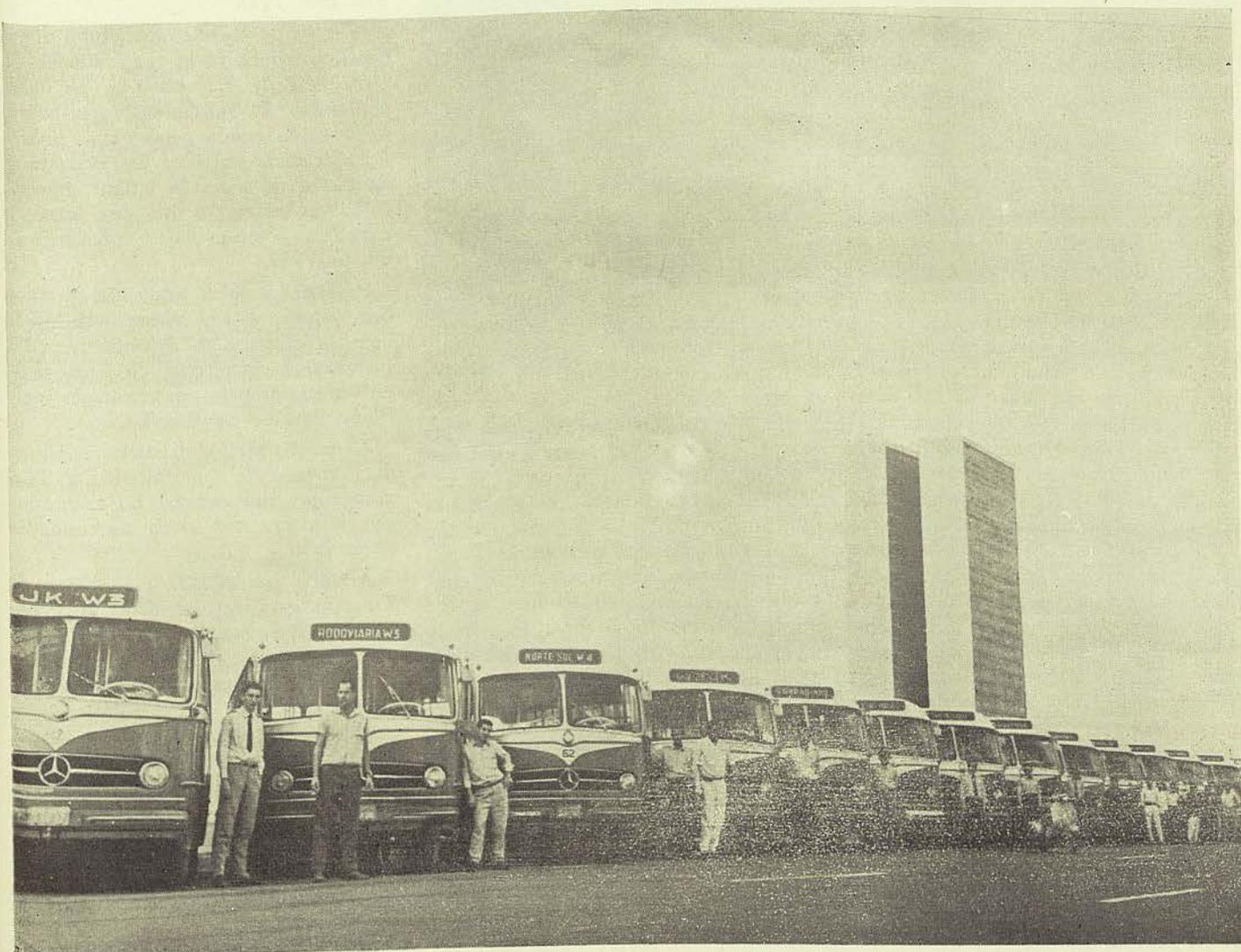
Brasília não é somente a concretização de ideal consagrado em tôdas as Constituições da República; Brasília não significa somente a realização da profecia de Dom Bosco, que anteviu uma nova civilização marchando para o oeste; Brasília é também o ideal acalentado pelo Brasil de ontem, realizado pelo Brasil de hoje, para hoje e para amanhã: para todo o sempre.

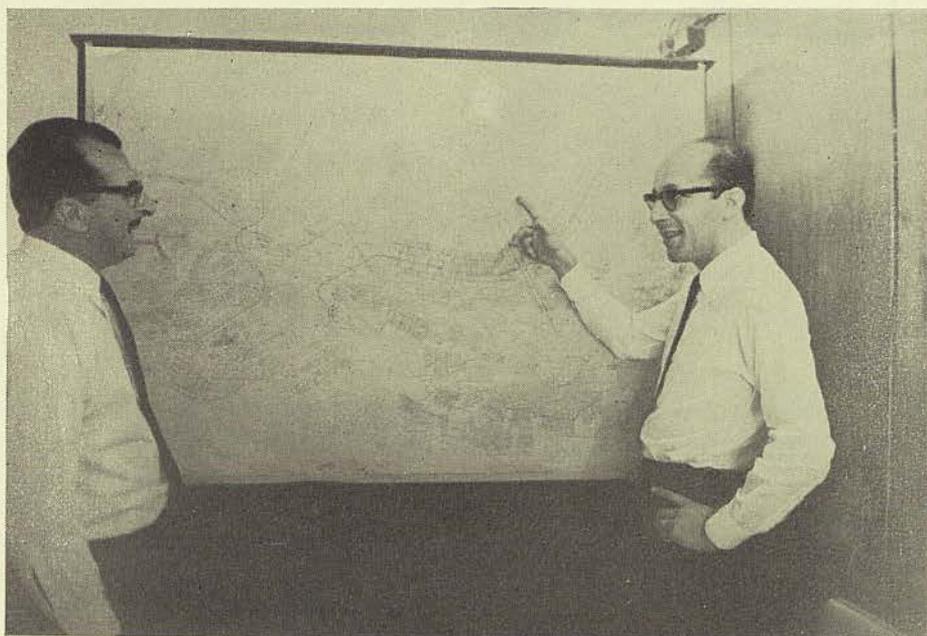
Brasília de hoje é o retrato do Brasil de amanhã. Do centro geográfico do país, partem, em tôdas as direções, as setas que impulsionam do coração brasileiro a fé e a confiança no futuro deste gigante de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados.

A consolidação de Brasília está em marcha. Como no planejamento e na construção, não haverá obstáculos que possam deter Brasília como vanguarda do progresso do Brasil.

TCB: SIGLA DE UM PATRIMÔNIO SOCIAL A SERVIÇO DO POVO

Uma potência em operação permanente com uma direção dinâmica e eficiente, cêrca de 800 funcionários e 105 veículos em circulação — Possivelmente em dezembro a inauguração das instalações definitivas da Sociedade — Brevemente serão instalados os serviços especializados próprios de recapagem e rádio — O que fêz a TCB na administração do “Prefeito dos Transportes”: Ivo de Magalhães.





O engenheiro Renato Mendonça, diretor-técnico da TCB e o sr. Manoel José de Sousa, diretor-superintendente da empresa, estão constantemente introduzindo melhoramentos nas linhas de ônibus que servem ao Plano Piloto e Cidades-Satélites. No mapa do Distrito Federal, o sr. Renato Mendonça indica o ponto exato onde estão sendo executadas as obras da sede própria da TCB.

O sistema de transportes coletivos de Brasília é o que melhor se adaptou a serviço da população, porque a TCB, contando com uma direção administrativa eficiente, um vasto e moderno patrimônio e uma equipe pessoal competente, procura dia a dia servir mais e melhor aos seus usuários, constituindo-se, assim, numa empresa de real utilidade pública, com cerca de 800 funcionários "testados" e 105 ônibus em operação constante, justificando sua capacidade de satisfazer às necessidades mínimas do Distrito Federal.

A TCB é uma potência em constante expansão. Mantém suas contas rigorosamente em dia, não faz compras a crédito e recolhe, mensalmente, ao IAPTEC, 6 milhões de cruzeiros, importância que vai para a casa dos 10 milhões, em virtude dos novos aumentos salariais. Está construindo suas próprias instalações, com seus próprios recursos, já adquiriu todo o maquinário necessário à instalação do seu Serviço de Recapagem e brevemente estará funcionando seu Serviço de Rádio, para fiscalização do tráfego e controle dos guinchos volantes. Esses serviços estão sendo executados em ritmo acelerado para serem concluídos ainda este ano, abrangendo uma área coberta de 12.600 m² num terreno de 70.000 m². E tudo isso sem quaisquer subvenções da União, da PDF ou da Novacap. Tudo, graças, à dedicação, ao dinamismo e à capacidade administrativa do Sr.

Manoel José de Souza, diretor-superintendente da TCB, que tem recebido todo o apoio e o mais entusiástico incentivo do Prefeito Ivo de Magalhães.

A 23 de agosto de 1962, quando assumiu a chefia do Executivo de Brasília, o Sr. Ivo de Magalhães, encontrou o setor de Transportes Coletivos em plena expansão.

A Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília Ltda. — TCB — em prosseguimento ao seu programa de trabalho, cresce e se firmava a olhos vistos, estabelecendo seu conceito junto à população brasiliense.

Entusiasmado com o que viu, o Prefeito Ivo de Magalhães convocou o Sr. Manoel José de Souza, diretor-superintendente da TCB, e estabeleceu entre a Prefeitura e a TCB um clima de entrosamento que desde então tem permitido à empresa manter e, mesmo, acelerar seu ritmo.

Auscultando as necessidades das Cidades Satélites, determinou o Sr. Prefeito, de início, a extensão das linhas da TCB a Planaltina — antiga Mestre D'Armas, a vanguardeira de Brasília.

Como não podia deixar de acontecer, a população de Sobradinho também reivindicou transportes de alto nível, e o Prefeito Ivo de Magalhães, no mesmo mês em que levou a TCB a Planaltina, estendeu-a também a Sobradinho. Posteriormente, também a Candangolândia foi aquinhoadada, e, finalmente, a longínqua e esquecida

Brasília também foi ligada a Brasília pela TCB.

A frota de ônibus, que vinha atendendo a contento às necessidades do Distrito Federal, tornou-se pequena, com suas 75 unidades, para cobrir a demanda criada pelas novas linhas. Providenciou, então, o Sr. Prefeito, a aquisição de mais 30 ônibus, que já estão em tráfego, o que veio trazer o desafogo necessário à manutenção dos serviços.

Paralelamente à aquisição de novos ônibus, o Sr. Manoel de Souza vem se ocupando, ativamente, das instalações definitivas da Sociedade, em local próprio, determinado pelo Plano Diretor de Brasília.

A construção, já bastante adiantada, brevemente permitirá à TCB apresentar um serviço de manutenção à altura das reais necessidades de Brasília.

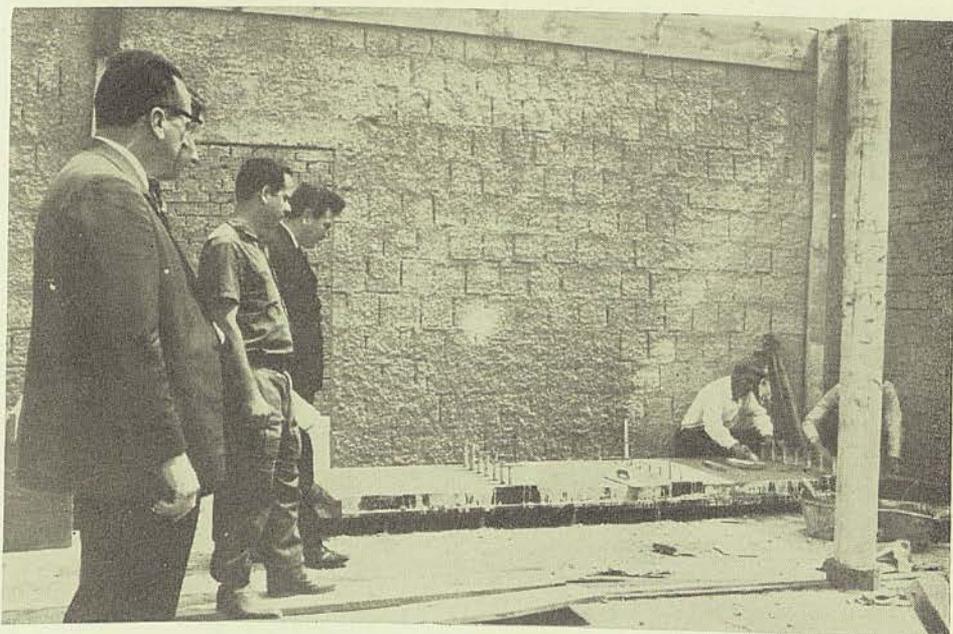
A obra, localizada no Setor de Transportes Coletivos, atrás da Praça Municipal, impressiona a todos que a visitam, não só pelo seu volume, como pela rapidez com que vem sendo executada.

Teve sua pedra fundamental lançada pelo Prefeito Ivo de Magalhães a 24 de abril deste ano, quando dos festejos comemorativos do 3.º aniversário de Brasília, e hoje, decorridos três meses, já está com as fundações concluídas e o galpão do almoxarifado já no respaldo da alvenaria, aguardando a chegada da cobertura,

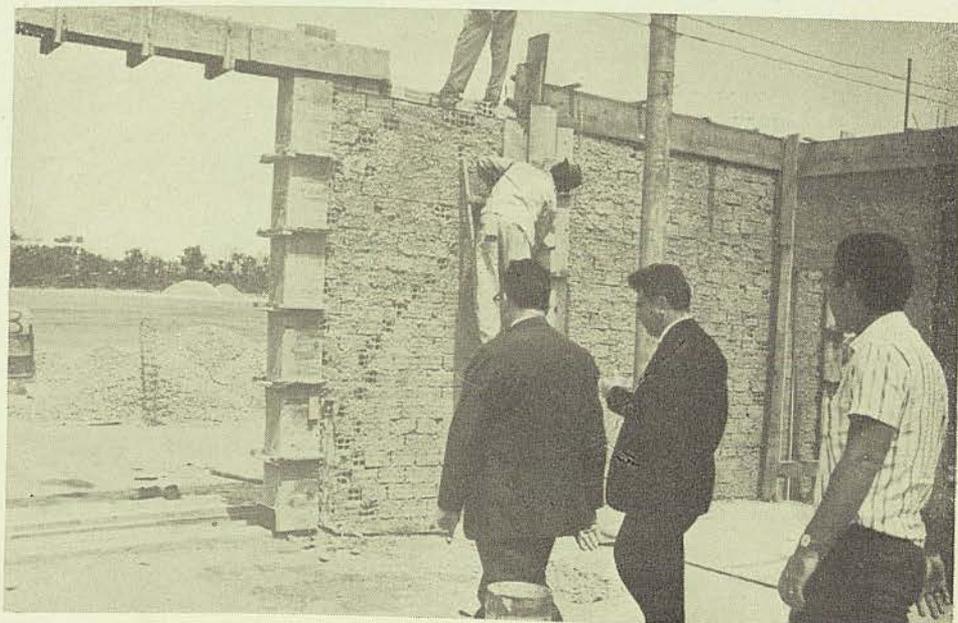
Brevemente estará funcionando o Serviço de Rádio da TCB, para fiscalização do tráfego e controle dos guinchos volantes. A foto fixa o instante em que o sr. Manoel José de Sousa mostrava um aparelho de rádio à reportagem.



A direção da TCB faz economia como pode. Aqui vemos funcionários da empresa, numa improvisada fábrica de pré-moldados fazendo postes de cimento para a cerca do parque do TCB.



O diretor-superintendente da TCB fiscaliza permanentemente as obras da garagem que, iniciadas há apenas 3 meses, prosseguem em ritmo acelerado. A reportagem constatou que tanto os responsáveis pelas obras quanto os operários, dedicam carinhosa admiração ao sr. Manoel José de Souza — êsse dinâmico comandante da batalha desenvolvimentista que está transformando a TCB numa potência a serviço de Brasília.



Utilizando recursos próprios da empresa, a direção da TCB está realizando uma obra de gigantes, à altura do gabarito brasileiro. Em companhia de seus auxiliares, responsáveis pela construção, o sr. Manoel José de Sousa explica que o parque de estacionamento, com capacidade de 300 ônibus, ficará circundado pelos mais aprimorados serviços de manutenção, contando, ainda, com os serviços próprios de Rádio e Recapagem.



encomendada em São Paulo, para sua complementação.

Paralelamente aos trabalhos de infra-estrutura, cuidou o Sr. Manoel José de Souza de melhorar o serviço de linhas dentro do Plano Piloto, providenciando a extensão até a Praça dos 3 Podêres das linhas que servem a Asa Norte Residencial e as Avenidas L-2 e W-3.

Desmembrou, também, a linha do Aeroporto, por demais extensa, em duas linhas: Aeroporto-Direto e Aeroporto-Núcleo Bandeirante, dando, assim, ligação rápida a toda aquela massa de aeroviários que demandam diuturnamente o Aeroporto para o exercício de suas funções.

Outra reivindicação bastante sentida da população brasiliense, e que mereceu a atenção do Sr. Manoel José de Souza, foi o estabelecimento da linha circular do Gama, fazendo a ligação com o Gaminha. A inauguração desse melhoramento foi festiva, contando com a presença do Sr. Prefeito do DF, que se fez acompanhar de sua Exma. esposa Dra. Áurea de Magalhães, do chefe de Gabinete Dr. Renato Portugal, do secretário particular Dr. Evaristo de Castro e de todo o seu gabinete.

A diretoria da TCB, com seu "triumvirato" completo: Sr. Manoel José de Souza, diretor-superintendente, Dr. Alberto Bessa Luz, diretor-administrativo, e Sr. Renato Mendonça, diretor-técnico.

A nota pitoresca das festividades foi dada pelo entusiasmo com que o povo do Gama e Gaminha recebeu as autoridades, carregando em triunfo o Sr. Ivo de Magalhães até o palanque armado na praça principal daquela próspera cidade satélite.

Causou admiração ao povo, também, o aprumo e elegância do pes-

soal do tráfego da TCB, que nesse dia fazia sua primeira apresentação em público envergando os novos uniformes. Esses uniformes, desenhados conforme sugestão do professor Lúcio Costa, foram confeccionados pela própria TCB, que, para isto, estabeleceu uma pequena alfaiataria em suas dependências, para atendimento do seu pessoal.

Em virtude da expansão de suas atividades, tornou-se insuficiente o capital inicial da Sociedade. Compreendendo isto, o Sr. Ivo de Magalhães autorizou o Sr. Manoel José de Souza a providenciar o aumento do capital social para 1 bilhão de cruzeiros, subscrito pela Prefeitura e Novacap, sendo aquela majoritária.

Ficou, assim, a TCB, habilitada a continuar o seu programa de expansão, previsto no Plano Diretor de Brasília.

Sempre atenta aos problemas de seu pessoal, vem a diretoria da TCB, por intermédio do Sr. Manoel de Souza, de conseguir junto ao Sr. Prefeito novo reajuste de salários, variando de 40 a 70%, o que atenuará para os empregados os efeitos financeiros decorrentes da conjuntura nacional.

Os benefícios do salário-família, estímulo e recompensa às famílias numerosas, tão necessárias ao porvir da pátria, também foram estendidos ao pessoal do TCB.

Vem, assim, a TCB, sob a esclarecida direção do seu superintendente, Sr. Manoel José de Souza, com o apoio integral do Sr. Ivo de Magalhães — o "Prefeito dos Transportes" — cumprindo, integralmente, com seus recursos próprios, sem ajudas ou subvenções de qualquer espécie, o seu programa de dotar Brasília de um sistema de transporte coletivo urbano de seus fóros de Capital Federal.

SAB: CRS 780 MILHÕES PARA ABASTECER BRASÍLIA



Graças a uma intervenção moralizadora e competente) Brasília é uma cidade suficientemente abastecida de gêneros alimentícios por preços realmente populares — Da interventoria de Joaquim Neves Pereira à administração de Joviano Rincon Segovia uma constante de probidade e dinamismo a serviço da população brasiliense.

A Sociedade de Abastecimento de Brasília — SAB — é uma entidade subsidiária da PDF criada para abastecer a Capital da República através de seus supermercados e postos de venda, onde os gêneros alimentícios devem ser adquiridos por preços populares. Aconteceu, porém, que a SAB vinha tendo sua finalidade desvirtuada. Foi quando, então, o Pre-

feito Ivo de Magalhães, com a energia e a honestidade de propósitos que lhe são peculiares, determinou pronta intervenção naquela Sociedade a fim de apurar e sanar as irregularidades ali existentes. E teve a feliz iniciativa de nomear para tão espinhoso encargo um dos nomes mais íntegros e responsáveis desta República, cuja competência e dedicação a grandes empreendimentos é por todos conhecida. Joaquim Neves Pereira.

Assim, nomeado interventor da SAB, com carta branca para agir, o Sr. Joaquim Neves partiu para organizá-la e garantir o abastecimento de Brasília, que se achava, então, na iminência de um colapso.



Escolheu uma excelente equipe de funcionários requisitados da PDF e da Novacap e entregou-se ao trabalho saneador e organizador da SAB, enfrentando toda sorte de injunções políticas, pressões e tentativas de suborno, superando, com altivez e dignidade, todos os obstáculos que se antepunham à sua administração moralizadora e eficiente.

Por isso, no período de março a julho, a SAB sofreu completa remodelação que abrangeu todos os setores de suas atividades específicas. E agora a empresa está organizada, em franca expansão, e suas vendas praticamente duplicaram no período acima referido, oscilando atualmente entre 250 e 300 milhões de cruzeiros.

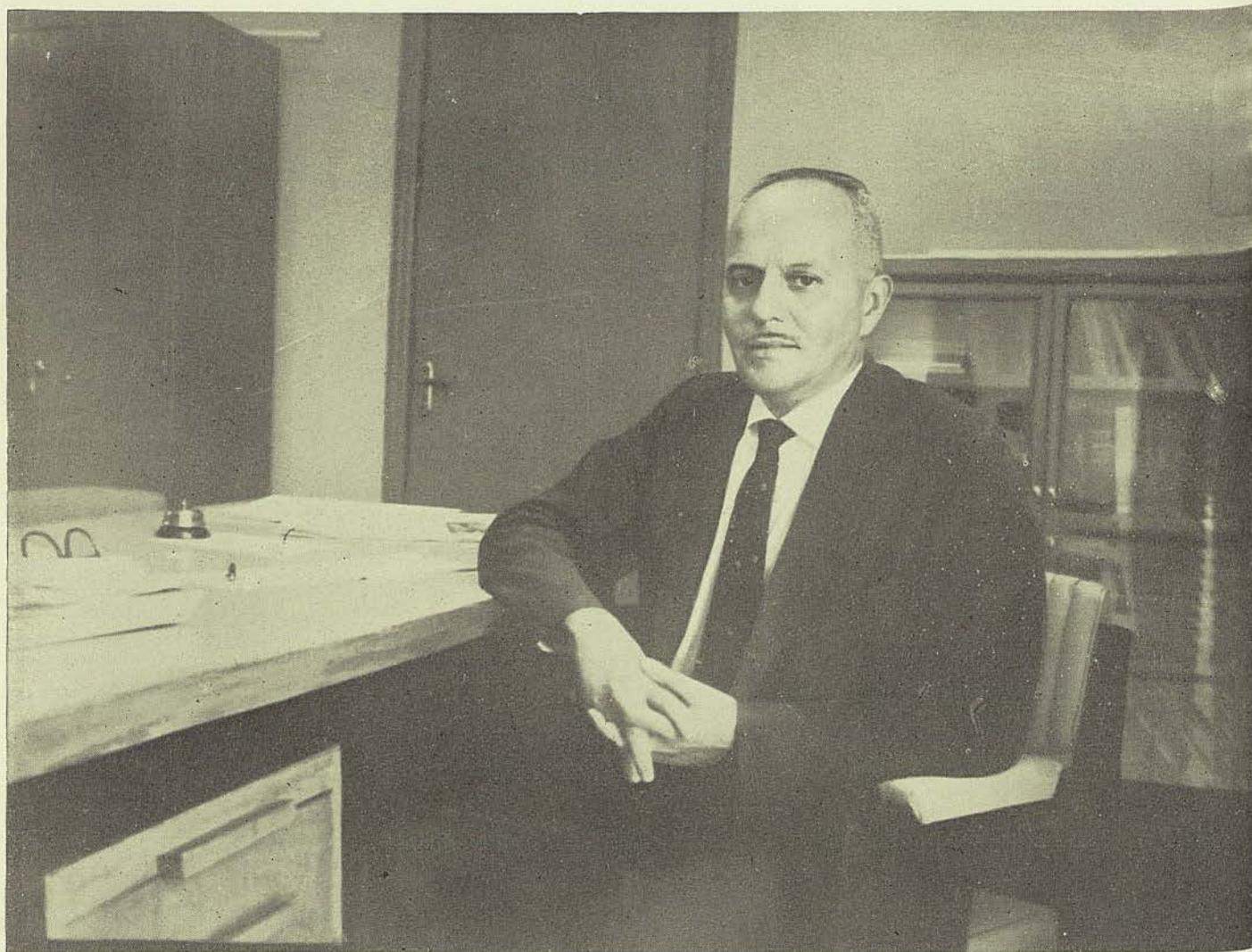
Também nesse período foram abertas ao público mais 5 unidades de venda, localizadas em Taguatinga, Gavião, Vila Planalto, Gama e Campo Experimental de Vargem Bonita.

No setor industrial, foram reabertas as fábricas de produtos de origem animal, de doces, de rações e a máquina de beneficiar arroz. A cerâmica, a serraria, a carpintaria e a fábrica de telas da SAB tiveram suas atividades bastante ampliadas.

O volume geral de compras, até junho último, atingiu a dois bilhões de cruzeiros, e os pagamentos a fornecedores totalizaram, em igual período, um bilhão e seiscentos milhões de cruzeiros. E segundo estimativas realísticas apresentadas pelo Sr. Joaquim Neves e confirmadas pelo Sr. Joviano Rincon Segovia, atual superintendente da SAB, as vendas em 1963 se elevarão a dois bilhões e quinhentos milhões de cruzeiros.

A Sociedade encontra-se totalmente remodelada e operando em bases estritamente comerciais. A reorganização geral por que passou a SAB compreende, entre outras, as seguintes realizações:

Esta é a homenagem que prestamos ao sr. Joaquim Neves Pereira, o homem certo que o Prefeito Ivo de Magalhães nomeou para intervir na SAB, para organizá-la e assegurar o abastecimento da população brasiliense. Ele soube desincumbir-se de sua missão com dignidade e firmeza, reafirmando sua grande capacidade e lisura no trato da coisa pública. A cidade lhe deve o mérito que a SAB hoje desfruta como organização comercial a serviço do povo.



— organização do quadro de pessoal (que não existia), de acôrdo com as reais necessidades da emprêsa;

— elaboração do regimento interno;

— elaboração de instruções reguladoras da organização e funcionamento de todos os setores;

— organização do código de mercadorias;

— organização do cadastro dos produtores, visando à eliminação da figura do "atravessador", que tumultua e encarece o processo de aquisição de mercadorias;

— levantamento do custo da administração da emprêsa;

— organização do cadastro dos fornecedores, visando a proporcionar ao órgão incumbido das compras um perfeito conhecimento das fontes de suplência de mercadorias, assim como as mais idôneas, pontuais, barateiras, etc.;

— estrutura do setor de compras e organização de rigorosos programas de aquisição de acôrdo com as exatas

necessidades da SAB e suas disponibilidades financeiras;

— realização de pesquisas semanais de mercado com o fim de facilitar à SAB a fixação de uma política reguladora de preços;

— expedição de instruções reguladoras da aquisição de produtos hortigrangeiros, objetivando a amparar e estimular o produtor do Distrito Federal;

— expedição de normas reguladoras da concessão, movimentação e prestação de contas dos adiantamentos e Fundos Rotativos;

— regulamentação do pagamento da "hora extra";

— organização do inventário e do cadastro mobiliário e imobiliário da SAB;

— reavaliação do acêrvo mobiliário e imobiliário das fábricas e granjas-modêlo;

— expedição de instruções reguladoras do recebimento de mercadorias;

O sr. Joviano Rincon Segovia, superintendente da SAB, é um homem talhado para o cargo que exerce. Simples, lhano e competente, do seu gabinete de trabalho dirige a grande organização que abastece a cidade de gêneros alimentícios por preços realmente populares. Pessoalmente inspeciona os supermercados e os postos de venda, mantendo perfeito e permanente contrôle da situação geral da Sociedade. Sob sua direção a SAB está funcionando efetivamente.



— reorganização dos serviços financeiros e contábeis, que foram devidamente mecanizados;

— mecanização da embalagem de mercadorias;

— mecanização do controle de estoque, possibilitando ao Departamento Comercial a verificação e exame reais das mercadorias vendidas diariamente pela SAB;

— reorganização dos serviços de distribuição de gêneros alimentícios perecíveis;

— regulamentação da distribuição de publicidade;

— promoção de acerto de contas com a Novacap;

— reorganização do setor de vendas a crédito;

— organização do regulamento do pessoal (Estatutos dos servidores da SAB;)

— expedição de instruções reguladoras da aquisição, distribuição, conservação e recuperação de material;

— realização de concorrência pública para aquisição de carne e outros gêneros alimentícios;

— solicitação à Novacap no sentido da montagem da Pasteurização, a fim de regularizar-se o fornecimento de leite ao Distrito Federal;

— realização de concorrência para venda de sacarias, latas, caixotes, etc.;

— realização de numerosas obras de ampliação e adaptação dos supermercados e postos de venda;

— realização de concorrência para transporte de mercadorias,

— realização de convênio com o

Departamento de Saúde da PDF, para montagem de Laboratório para exame de alimentos perecíveis, quer no recebimento, quer na exposição e vendas desses produtos;

— realização de curso para formação de equipe a Belo Horizonte, para especialização, através de estágio na FRIMISA, nas modernas técnicas de desossa, corte e amaciamento de carnes;

— envio de servidor ao Rio de Janeiro, a fim de especializar-se em reparos e aferição de balanças;

— organização do serviço de vigilância e policiamento dos supermercados e postos de venda;

— expedição de instruções reguladoras da concessão de adiantamentos a servidores, a título de antecipação de salários;

— realização de estudos especiais sobre a recuperação e uso dos extintores de incêndio;

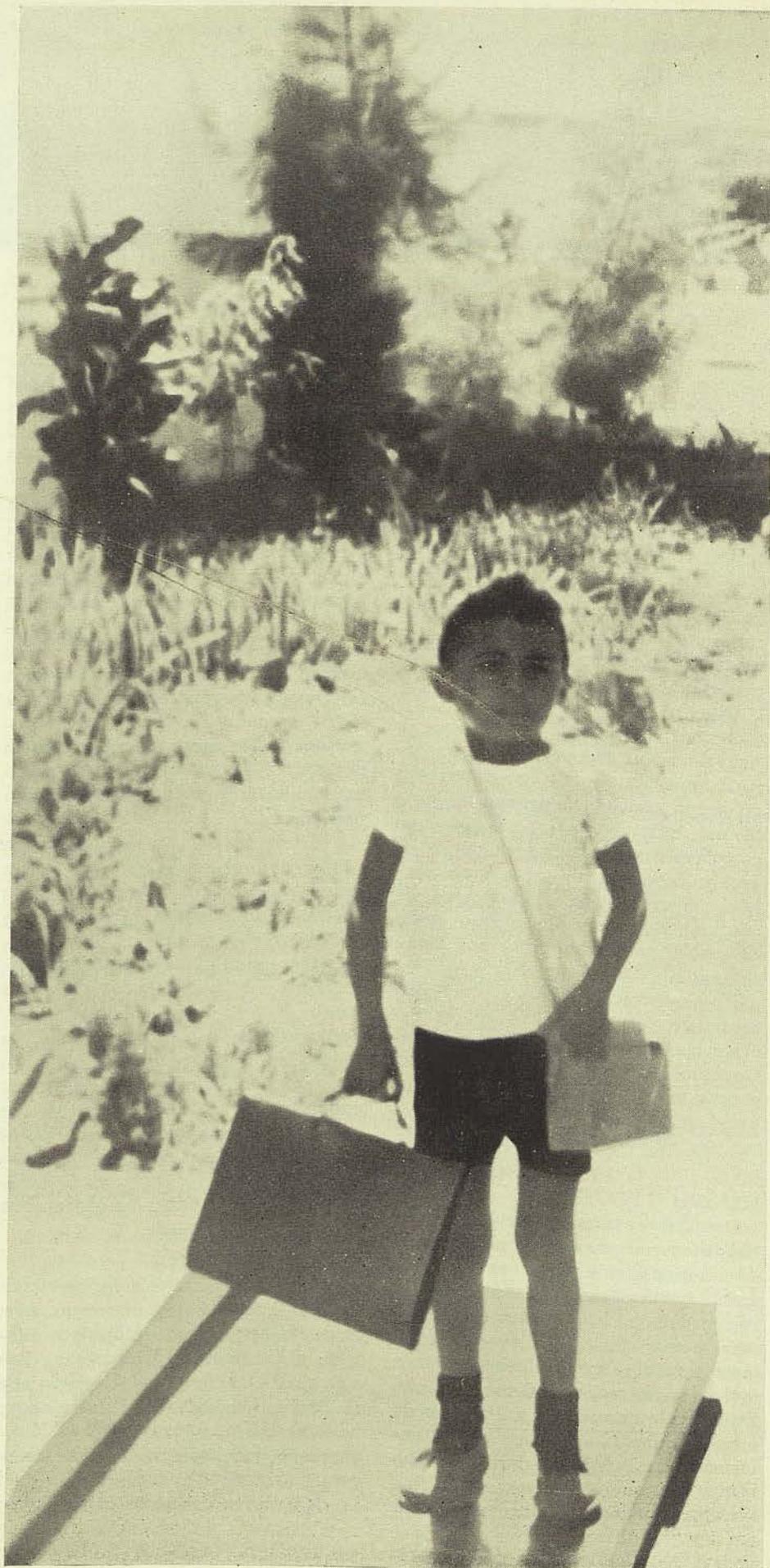
— reorganização do Serviço de Transporte e montagem de oficina para reparos de veículos e recuperação de material em geral.

Assim é que funciona, agora, a SAB, entidade que possui um estoque de 780 milhões de cruzeiros destinado a abastecer Brasília de gêneros alimentícios por preços realmente populares. E isso nos convence que da interventoria de Joaquim Neves Pereira à operosa administração de Joviano Rincon Segovia, atual superintendente da SAB, comprova-se uma constante de probidade, dinamismo e eficiência a serviço da população brasiliense.



A REVOLUÇÃO DOS ANALFABETOS

Texto de José Leão Filho



Através do vidro do automóvel, o garoto de dois anos deixava que pelos seus olhos grandes e deslumbrados escorregasse todo aquele fugidio universo das ruas do Recife. Na próxima esquina, um desses cartazes de agressivas proporções anunciava o nome de certo produto à base de cacau. Digamos que fôsse *Brascau*.

O carro ainda realizava a curva, os grandes e deslumbrados olhos se contraíram num riso que era de alegria e também de vitória. Como numa explosão, veio do minúsculo aparelho vocal a paródia do *ginglete* televisão:

“Brascau, Brascau, Brascau, Brascau, Brascau ...!”



Outro pai talvez tivesse apenas afa-
gado a criança, ali no interior do auto-
móvel. Mas o professor Paulo Freire,
assistente do professor Newton Sucupi-
ra na cadeira de História e Filosofia
da Educação, na Faculdade de Filo-
sofia da Universidade de Recife, e di-
retor do Serviço de Extensão Cultural
da mesma Universidade — achava-se
então empenhado na montagem de um
sistema de educação popular que, já
hoje, dois anos depois, promete causar
profundas modificações na fisionomia
social do Brasil e deixa perplexas au-
toridades de renome internacional em
matéria de educação, inclusive da
UNESCO.

O sistema, que até àquela época se
fixava no seu aspecto cientificamente
mais importante, o da conscientização
do grupo social pelo debate dos pro-
blemas infinitamente numerosos que
compõem a sua realidade histórica —
evoluiu depois para a experiência tam-
bém no campo da alfabetização de
adultos. Dos testes levados a efeito
na capital pernambucana e em Angi-
cos, no Rio Grande do Norte, o últi-
mo comprovado pessoalmente pelo
presidente da República, em março
dêste ano, resultou uma arma que o
Governo Federal agora toma para si
e com a qual pretende eliminar, em
todos os seus redutos, o analfabetis-
mo que avassala 36 milhões de brasi-
leiros.

MENINO E PROFESSOR

Conta o professor Paulo Freire que
tudo começou quando êle não passava
de um ginasião e já lecionava Portu-
guês, particularmente, aos colegas.
Assim deflagrado nas suas tendências
para o magistério, era no entanto o
mesmo menino que brincava com os
moleques-de-rua, em Casa Amarela,
bairro onde nasceu de uma família da
classe média, filho de um oficial re-
formado da Polícia Militar. Era tam-
bém o mesmo garoto que, em Jaboatão,
para onde a família se mudara
em tempos difíceis, jogava *peladas* e
nadava no Rio Duas Unas com os fi-

lhos de operários e camponeses da-
quela área.

Convivência tão estreita e jamais
interrompida com a gente das cama-
das populares já elaborava no espíri-
to do professor em projeto os elemen-
tos do conflito que daí por diante êle
ia travar com os conceitos e métodos
da educação tradicional, ainda hoje
predominantes no Brasil, quase sem-
pre divorciados do povo, da cultura
popular, dos ideais de integração do
homem brasileiro numa comunidade
nacional consciente de si mesma. Cris-
tão convicto, cedo aprendeu a crer no
homem e respeitá-lo, pois também
cedo percebeu que “o homem cria e
recria o mundo.” Intuitivamente fo-
ram ganhando corpo na sua mente as
dúvidas e posturas que iriam impreg-
nar, mais tarde, tôda a sua formação
pedagógica.

Por uma dessas incongruências da
educação brasileira, que já faziam
mossa no espírito do colegial Paulo
Freire, o universitário Paulo Freire
um dia recebeu o diploma de advoga-
do. Mas continuou estruturalmente
professor. A *prova-de-fogo* se deu
pouco depois, quando, nomeado su-
perintendente do Serviço Social da
Indústria em Pernambuco, tentou a
superação da linha assistencialista da
entidade, inaugurando um tipo de
educação popular com a ingerência dos
trabalhadores nos destinos da insti-
tuição. Pronto lhe pregaram um rô-
tulo: *comunista*. E parece que a coisa
não foi para a frente.

NASCE O SISTEMA

Foi lecionar pedagogia na Escola do
Serviço Social e algum tempo mais
tarde fêz-se professor interino de His-
tória e Filosofia da Educação na Es-
cola de Belas Artes da Universidade
de Recife. Em 1958, disputou a cátedra
no estabelecimento universitário. Obte-
ve o segundo lugar, com a tese *Edu-
cação e Atualidade Brasileira*, na qual
se vislumbram os fundamentos do seu
atual sistema de educação de adul-
tos.

Convidado, tornou-se então assis-
tente do professor Sucupira, na mes-
ma cadeira, na Faculdade de Filoso-
fia. Em 1960, numa campanha lidera-
da pelo professor Germano Coelho,
atual secretário da Educação de Per-
nambuco, formou com os professôres
Paulo Rosas, Norma Coelho, Ana
Paz Barreto, o escultor Abelardo da
Hora, o jornalista Aluísio Falcão e
outros intelectuais — o grupo que in-
stituiu em Recife o Movimento de Cul-
tura Popular (MCP).

Assumindo a coordenação do Proje-
to de Educação de Adultos da entida-
de, e com base nos estudos que até
então havia realizado, criou duas ins-
tituições educacionais: o *círculo de
cultura* e o *centro de cultura*. O pri-
meiro, com dois objetivos fundamen-
tais: 1 — aclarar, pelo diálogo, a con-
sciência do grupo em tôrno de proble-
mas; 2 — a partir dêsse esclarecimento,
levar o grupo, organizado, à supera-
ção dos mesmos problemas. Já o *centro
de cultura*, mais plural, incluía várias
atividades educacionais num centro de
gravitação da comunidade local a que
eventualmente se aplicasse.

O MCP contou, desde logo, com o
patrocínio da Prefeitura de Recife, na
gestão do então prefeito Miguel Arraes.
O Projeto de Educação de Adultos en-
trou em execução com uma experiên-
cia entre trabalhadores, na localidade
de Pôço da Panela, em Recife. Muni-
do de ajudas áudio-visuais, inclusive
um epidiascópio, que *apanha* a imagem
de qualquer objeto e a projeta sôbre
uma tela, Paulo Freire reuniu êsse pri-
meiro grupo e lhe propôs uma coisa
apenas: debater. Os alvos dos debates
surgiram espontaneamente: eram coi-
sas ou problemas que, direta ou indi-
retamente, interessavam ao grupo, lhe
diziam respeito, lhe falavam de perto.
Jornais, ferramentas, gravuras, escul-
turas, utensílios, tudo era ponto de
partida para debates que acabavam
por apaixonar as mais indecifráveis
esfinges, em infinitas direções. Trata-
va-se de buscar a integração do homem

na sua realidade comunitária, a sua *temporalização*, a sua renúncia crescente aos mitos, preconceitos e qualquer forma de submissão mental. Procurava-se despertar no homem uma atitude crítica diante do mundo, pelo exercício do diálogo.

Um dia, o reitor João Alfredo da Costa Lima decidiu que a Universidade de Recife devia *dinamitar* suas muralhas e abrir-se para a cultura popular. Instituiu o Serviço de Extensão Cultural e convidou o professor Paulo Freire a dirigi-lo.

A experiência no campo da alfabetização de adultos começou na casa onde nasceu Olegário Mariano, em Recife, com cinco, depois oito, depois 25 participantes do *círculo de cultura*. Decorrido algum tempo, na Divisão Industrial de Produtos Farmacêuticos, estudantes da Faculdade de Química da UR, previamente treinados, prepararam 30 empregadas domésticas. Ao fim da primeira noite da nova experiência, chegando a casa, Paulo Freire confiou a D. Elza, sua esposa e colaboradora, a convicção de que o sistema era válido e irreversível na sua aplicação, iniciada horas antes. Abria-se para o sucesso a iniciativa, que tivera a estreita colaboração de jovem estudante de medicina, Carlos Augusto Nicéias.

O SISTEMA

O sistema Paulo Freire de Educação de Adultos, segundo acentua seu autor, não tem qualquer pretensão de supremacia em relação a qualquer método de alfabetização. Ao contrário, metodologicamente, é um sistema eclético, para o qual Paulo Freire procurou canalizar tudo o que os diversos métodos existentes oferecem de instrumental verdadeiramente eficaz, na medida em que tal coisa não perca de vista o homem humano, dotado de raciocínio, anseios, espontaneidade, capacidade criadora, consciência, enfim.

Assenta-se o sistema sobre bases antropológico-filosóficas, genoseológicas, pedagógicas e psicológicas.

Nos aspectos em que se relaciona com a antropologia filosófica, considera o homem em sua realidade como ser global. Não cuida apenas do homem *no mundo*, senão também do homem *com o mundo*. Todos os seres deste planeta estão *no mundo*. O homem, mais do que isso, está *com o mundo*, porque não aceita passivamente o mundo. Não se resigna à condição de objeto, mas, qualquer que

seja o seu grau de evolução cultural, mantém sempre, ainda que potencialmente, uma atitude subjetiva, de agente, em relação ao seu meio. Não obstante todas as influências a que está submetido, age continuamente no sentido de dominar essas influências. Pela capacidade criadora inerente à sua condição de ser racional, pode transformar o mundo. Não é apenas um objeto do mundo. Com este, ao contrário, mantém relações de recíproca e continuada doação. É um ser *relacional*, diante do mundo.

A partir de suas bases genoseológicas, o Sistema Paulo Freire acentua o fato de que o homem, nas suas relações com o mundo, age como ser consciente de si e do próprio mundo. Essa consciência será tanto maior quanto mais ela se adiantar à mera percepção sensorial, única dos irracionais, no sentido de uma percepção reflexiva e crítica cada vez mais aprimorada.

Porque não apenas está *no mundo*, mas também *com o mundo*, o homem busca seguidamente dominar a natureza e todos os obstáculos que se colocam ante o curso da sua existência. Para dominar, todavia, é preciso conhecer. E, para conhecer, o homem recorre não apenas às informações que obtém por intermédio dos sentidos. Apela também para aquelas informações que advêm da crítica, do exercício da razão em face das contradições que se constatarem no plano da simples percepção sensorial. Daí o homem buscar também uma evolução crescente na escala do conhecimento. Parte, então, da atitude ingênua, mística, supersticiosa, que inicialmente sustenta diante dos fenômenos para ele inexplicados, até atingir, em maior ou menor grau, uma postura cada vez mais isenta de compromisso com a simples aparência da realidade que o envolve e da qual ele próprio faz parte.

Ao elaborar as bases pedagógicas de seu sistema, o professor Paulo Freire convenceu-se de que, entre a compreensão e a ação, insere-se um elemento indispensável: o *pensar*. Para que a ação do homem ganhe transitividade, seja eficaz, é necessário que ele conheça o objeto da ação, mas é necessário também que ele *pense*, que ele se aposses da circunstancialidade que vai impregnar sua ação. O *pensar* propicia ao homem o instrumento que lhe permitirá operar o êxito da sua ação.

Vivendo o homem em sociedade e

participando com seus semelhantes das infinitas variações de uma só realidade, parece natural que o *pensar*, sobre ser uma atividade individual, constituirá antes de tudo uma elaboração coletiva, calcada na permuta de informações e idéias em constante processo de formulação e reformulação. Ao *pensar* do indivíduo, corresponde o diálogo, que é o *pensar* da comunidade.

Quanto às suas bases psicológicas, o Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos leva em conta três sistemas de sinalização para os quais o homem tende predominantemente, no seu esforço de figurar o impacto que lhe produz a realidade ou de figurar essa própria realidade. Inicialmente, o homem constrói a sua percepção interior, com base na realidade exterior, através dos sentidos. Procura depois a expressão verbal dessa percepção, que assim começa a decompor-se nos seus incontáveis aspectos. E finalmente tenta a expressão gráfica da percepção, em que esta, não obstante seja desmenbrada em partes, como na expressão verbal, readquire a sua forma unitária, pela fixação do produto mental num ponto além dos limites da memória.

No afã de reconstituir pela expressão a imagem de sua percepção em face da realidade exterior, o homem irá sempre descobrindo novos e infinitamente numerosos aspectos dessa mesma realidade, em cada entremeio das suas partes consecutivamente decompostas. Forma-se então um círculo dinâmico sobre o qual gira, em velocidade cada vez maior, o processo de apreensão da realidade.

DINÂMICA DE GRUPO

Partindo dessa concepção sintético-analítica do processo do aprendizado, Paulo Freire montou em seu sistema o *círculo de cultura*, que outra coisa não é senão aquele circuito de percepção e expressão da realidade. Apenas introduziu nesse círculo natural, para apressá-lo a figura do coordenador, cuja função é incentivar a *decodificação*, a decomposição do objeto ou tema considerado. O coordenador toma uma parte da realidade, lança-a como um desafio à consciência dos participantes do *círculo de cultura*. Com base nas respostas, novas partes da realidade são tomadas pelo coordenador e lançadas ao grupo, sempre em forma de indagação, nunca de afirmação.

Como se trata de um tipo de educação estreitamente vinculada ao po-

vo, e portanto desalienada, os temas de debate emergem todos de *situações sociológicas* previamente levantadas mediante pesquisa em cada região onde se aplique o sistema. A mesma pesquisa possibilita o levantamento do *universo vocabular* da comunidade local, no qual são selecionadas as *palavras geradoras* correspondentes àquelas *situações sociológicas*. Tais *palavras geradoras*, geralmente em número de doze a dezesseis, devem abranger todos os fonemas da língua portuguesa.

Parte de cada reunião do *círculo de cultura* é dedicada ao debate de uma *situação sociológica*, que os elementos do grupo visualizam por intermédio de *slides* projetados numa tela, em *strip-film*, pelo próprio coordenador. Não é preciso dizer que, nesta etapa do sistema, todos os participantes do círculo são analfabetos.

Quando o debate atinge o seu clímax e dêle já se podem tirar conclusões, estas são fixadas pelo coordenador, com o auxílio do grupo. Todos terão participado, mesmo os mais tímidos. De maneira que há um clima de interesse pela coisa debatida, cujo nome é em seguida apresentado no quadro, no reverso da tela giratória, mediante fichas-roteiro adrede elaboradas. A palavra é mostrada por inteiro e enunciada clara e repetidamente pelo coordenador. Todos repetem em côro. Chama-se a atenção do círculo para o fato de que, ao pronunciar uma palavra, abrimos a boca determinado número de vezes. A palavra é depois apresentada com sua divisão em *pedaços*, que são as sílabas. Todos acompanham em voz alta o coordenador, quando este pronuncia *pedaço* por *pedaço* a palavra. Exibe-se, em seguida, a chamada *ficha de descoberta*, *aquela* em que aparecem todos os componentes das famílias fonêmicas representadas na *palavra geradora*. Com surpreendente facilidade, todos os analfabetos *descobrem* nessa ficha os fonemas que compõem a palavra. Aprendem em seguida a pronunciar os outros fonemas e a razão por que eles diferem entre si. E ali mesmo iniciam a construção de outras palavras possíveis de serem montadas com os fonemas estudados. Paralelamente, o coordenador procura exercitar o grupo na transposição dos caracteres de imprensa, com que são feitas as fichas, para a escrita manual.

NATUREZA E CULTURA

Tudo isso é precedido, no início do funcionamento do *círculo de cultura*,

de reuniões em que o coordenador, pelo debate entre os elementos do grupo, procura estabelecer o conceito antropológico de cultura. Por si mesmo, o grupo é levado a tornar clara a diferença entre as coisas da natureza, criadas sem o artifício da inteligência humana, e as coisas da cultura, que têm a marca da capacidade criadora do homem. Essa conceituação de natureza e cultura faz-se indispensável ao estabelecimento daquela atitude crítica que permitirá ao círculo de cultura o livre debate das situações sociológicas, bem como o aprendizado da leitura e da escrita.

A segunda fase do sistema compreende a redução de textos pelos próprios elementos do grupo, seja com base nas conclusões dos debates em torno das situações sociológicas, seja utilizando textos de jornais, revistas e obras literárias. Aí se pode aferir não apenas o aproveitamento do círculo em relação ao currículo de alfabetização, mas também no que diz respeito ao despertar de uma atitude crítica em face de problemas. No momento, está sendo estudada a introdução, no sistema da iniciação ao estudo da aritmética e cálculos. Isso não será tão difícil, uma vez constatado que os analfabetos adultos geralmente denotam ligeireza nas *contas de cabeça* e não raro já conhecem e escrevem os algarismos.

ANGICOS

A primeira experiência maior a que se submeteu o Sistema Paulo Freire foi a de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte, com a participação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife. Cerca de 300 homens se alfabetizaram, durante cerca de um mês e meio, que é o tempo médio de duração de cada campanha.

Numa das centenas de cartas que o Presidente João Goulart recolheu das mãos dos ex-analfabetos, havia um trecho em que o signatário afirmava: "Antes, eu era massa; hoje, sou povo."

No dia imediato ao de sua posse como ministro da Educação e Cultura, o deputado Paulo de Tarso telefonou para Recife e convocou o professor Paulo Freire. Era para organizar e dirigir a Comissão Nacional de Cultura Popular, já agora em pleno funcionamento. A Comissão, que tem a seu cargo todos os assuntos de cultura popular na órbita federal, está no momento particularmente empenhada no problema da educação de adultos,

ou pela continuação da assistência ministerial aos projetos privados e oficiais de alfabetização já em prática, ou ainda pela expansão do Sistema Paulo Freire em diversas direções do território nacional.

Os projetos da CNCP serão executados em convênio com entidades oficiais ou universitárias, no país inteiro. Mas, onde se fizer necessário, serão criadas comissões Regionais de Cultura Popular, a exemplo do que já existe para Brasília e do que está sendo planejado para Salvador e Belém do Pará.

BRASÍLIA E PERNAMBUCO

Dentro do Sistema Paulo Freire, a CNCP acaba de pôr em funcionamento, em Brasília, nada menos de 95 círculos de cultura, nas cidades satélites de Taguatinga, Sobradinho e Gama. É a primeira parte de um projeto de três etapas, cuja execução se concluirá no primeiro semestre do ano que vem, quando deverão estar alfabetizados em toda a área do Distrito Federal, cerca de 40 mil pessoas, isto é, toda a população de analfabetos adultos indicada pelas estatísticas locais.

Em Pernambuco, onde nasceu o sistema, também estão funcionando agora cerca de cem círculos, enquanto outros convênios se acham em execução nos Estados da Paraíba, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Em todos os demais Estados, a Comissão Nacional projeta instalar proximamente experiências-piloto, todas elas, como nos projetos anteriormente mencionados, com o assessoramento técnico do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, que vem preparando supervisores e coordenadores do sistema, para as diversas regiões do país.

Quanto aos aspectos organizacionais do Sistema Paulo Freire, os círculos de Taguatinga, Sobradinho e Gama, além dos círculos extraordinários em funcionamento para servidores da Novacap e Prefeitura, no Plano Piloto, todos eles oferecem um testemunho de singeleza. Coordenadores, assistidos direta e diuturnamente por supervisores, todos eles selecionados e preparados pela equipe do professor Paulo Freire, trabalham todas as noites, num expediente de quatro horas, muitos em suas próprias casas ou em salas e barracos cedidos por terceiros. O aparelhamento das salas é o mais sumário. Alguns bancos rústicos de madeira, um projetor de

strip-film, o quadro-tela e as fichas-roteiro. Em cada sala, com o mesmo coordenador, dois círculos por noite, de hora e meia cada um. Aos sábados, reúnem-se os supervisores para fazer sua auto-crítica e procurar solução para os diversos problemas de cada setor.

Na sua maioria, os supervisores de Brasília são estudantes, professores primários e funcionários públicos. Os coordenadores, quase todos, são operários, nem todos possuindo o curso primário completo, mas que, não obstante, após o treinamento, revelaram plena aptidão para o novo mister, além da vantagem de residirem nos locais onde estão os círculos.

POVO E DESTINOS

Num momento em que o debate em torno das reformas sociais apasiona todos os povos subdesenvolvidos ou em fase de desenvolvimento, notadamente o povo brasileiro, a fórmula preconizada por esse professor pernambucano de 42 anos de idade surge como uma esperança, porque, segundo suas próprias palavras, "não é só fórmula, é também remédio".

Na recente reunião de ministros da Educação do Continente, em Bogotá, o ministro Paulo de Tarso ressaltou a advertência formulada pelos Presidentes João Goulart e John Kennedy, de que, se as transformações sociais na América Latina não vierem por meios pacíficos, ninguém conseguirá impedir as soluções violentas. E a experiência parece estar demonstrando que o povo, uma vez consciente de si mesmo e dos seus problemas, estará em condições de assumir e dirigir, efetivamente, seus próprios destinos, sem o recurso à violência, porque então não haverá quem possa pretender impedi-lo.

No meio da grande e pesada tarefa que se impôs e que agora se amplia com a confiança do ministro Paulo de Tarso, o professor Paulo Freire se detém de vez em quando para recolher momentos de ternura. Sua filha de 16 anos, que é coordenadora do sistema, escreve-lhe de Pernambuco: "Concluímos Tiriri. Choramos juntos. Amei aquela gente". Sua equipe, pesquisando entre analfabetos, recolheu frases como estas: "Quero aprender a ler para mudar o mundo" (São Paulo); "Quero aprender a ler para deixar de ser sombra dos outros" (Pernambuco); "Tenho a escola do mundo" (Santa Catarina); "Janeiro em Angicos é duro de roer porque janeiro é cabra duro pra judiar de nós" (Rio Grande do Norte).

Lucio Costa, autor do Plano Pilôto, estêve recentemente na nova Capital e compareceu perante a Comissão Permanente do Distrito Federal para traduzir suas impressões sôbre a atualidade de Brasília. Na foto o grande arquiteto patricio tendo ao lado o Deputado Guilherme Machado e o Prefeito Ivo Magalhães.



Oscar Niemeyer ganhou o Prêmio Lenine da Paz, por seus trabalhos em favor da fraternidade de todos os povos. Seus amigos prestaram reverência ao mérito internacionalmente reconhecido da obra do consagrado arquiteto patricio. O flagrante mostra, o agraciado trocando impressões com D. Áurea de Magalhães, vendo-se, ainda, o Prefeito Ivo de Magalhães e o Construtor de Brasília, Dr. Israel Pinheiro.



Diretor: Nonato Silva

Redator-Chefe: Leony Mesquita

Secretário: Hermógenes Téssis

Revisor: Horácio Mendes

Diagramador: Armando Abreu

Redação e Administração: Avenida W-3 - Novacap
- Brasília. Fone: - 2-3480 - 2-1944 Ramal 53.

Representantes:

Rio de Janeiro: José Júlio Pontes Corrêa

Av. Almirante Barroso, 54-18.º andar - Fone: 22-2626.

São Paulo: Álvaro Nogueira.

Largo de São Bento, 64-12.º andar, salas 125-126.

Fone: - 33-1403.

Belo Horizonte: Renato Martins.

Rua Espírito Santo, 495-8.º andar, sala 803 -

Fone: - 4-9270.

Tiragem: 40.000 exemplares.

Impressão: Gráficos Bloch S.A.

Clicheria: S. Batista

A direção não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

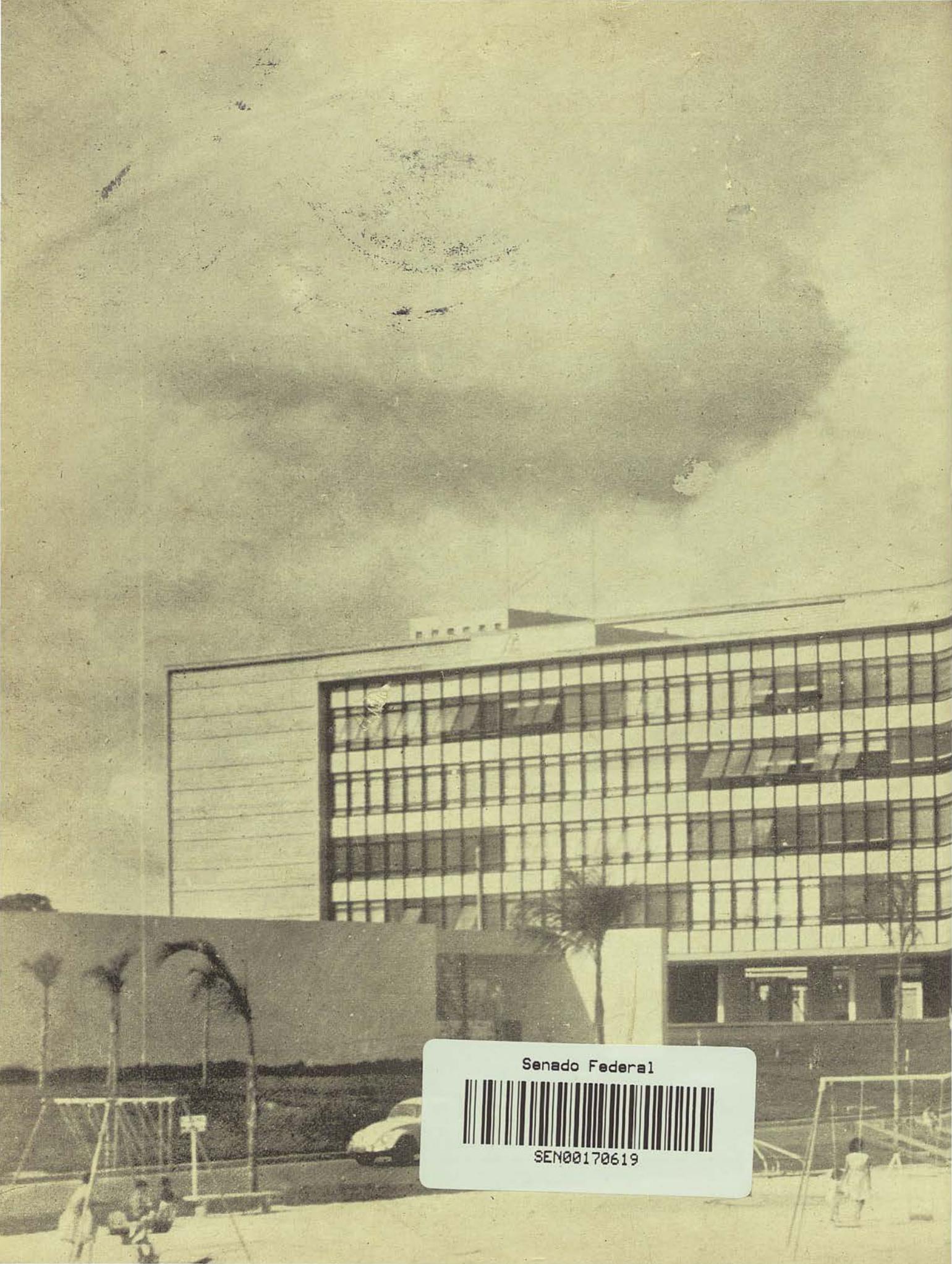
Assinatura anual: Cr\$ 500,00 (12 números)

Número avulso: Cr\$ 50,00

Nossa Capa: Vista de uma Superquadra de Brasília.

Vista do Aeroporto de Brasília.





Senado Federal



SEN00170619